



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FLÁVIA COSTA DINIZ

**O MARACATU E O COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, UMA  
HISTÓRIA DE LUTAS E PODERES**

JOÃO PESSOA

2019

FLÁVIA COSTA DINIZ

**O MARACATU E O COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, UMA  
HISTÓRIA DE LUTAS E PODERES**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana de Oliveira Chianca

JOÃO PESSOA

2019

D585m Diniz, Flávia Costa.

O maracatu e o combate à violência contra a mulher, uma história de lutas e poderes / Flávia Costa Diniz. – João Pessoa, 2019.

107f.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana de Oliveira Chianca.  
Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) UFPB/CCHLA.

1. Maracatu. 2. Gênero. 3. Mestre Joana. 4. Baque Mulher. 5. Violência contra a Mulher. I. Título.

BC/CCHLA

CDU: 801.54

**ATA DA REUNIÃO PARA APRESENTAÇÃO DA DEFESA DE  
MONOGRAFIA DA ALUNA FLÁVIA COSTA DINIZ (11219299), DA  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, NO PERÍODO 2019.1**

No dia dezessete de setembro do ano de dois mil e dezenove (17/09/2019), às 10:00h, no Laboratório de Ciências Sociais, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, reuniu-se a Comissão Examinadora formada pelos membros *Profª Luciana de Oliveira Chianca* (orientadora), *Profª Aina Guimarães Azevedo* (examinadora) e *Profª Teresa Cristina Furtado Matos* (examinadora) todas do DCS/CCHLA/UFPB. Dando início aos trabalhos, a professora orientadora comunicou aos presentes a finalidade da reunião, fazendo, ao mesmo tempo, a apresentação dos demais membros. Em seguida, concedeu a palavra a aluna **Flávia Costa Diniz** para que fizesse a explanação de sua monografia intitulada **“O MARACATU E O COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA À MULHER, UMA HISTÓRIA DE LUTAS E PODERES”**. Terminada a explanação, a professora orientadora solicitou que fossem feitas as arguições por cada um dos membros da comissão examinadora. Após as arguições, a comissão, de comum acordo, declarou que a monografia apresentada foi aprovada com nota 8,0 (oito). Encerrada a reunião, eu, *Prof. Terence Mulhall*, Coordenador do Curso de Ciências Sociais – CCHLA/UFPB, lavrei esta ata, que vai assinada pelos membros da comissão, pela aluna e por mim que a subscrevi. João Pessoa, 17 de setembro de 2019.

Profª Luciana de Oliveira Chianca Luciana Chianca  
Profª Aina Guimarães Azevedo Aina Guimarães Azevedo  
Profª Teresa Cristina Furtado Matos Teresa Cristina Furtado Matos  
Flávia Costa Diniz Flávia Costa Diniz  
Terence Mulhall \_\_\_\_\_



## DEDICATÓRIA

*Dedico essa pesquisa ao povo das comunidades do Estado de Pernambuco que contribuíram para manter o maracatu nação vivo diante de toda desassistência em que vivem. Ao povo do Axé, dos terreiros, que fazem parte dessa construção da identidade do povo brasileiro. Em especial as Nações do Pina e ao Maracatu Baque Mulher, as Yalorixás, Yabás, à todas as mulheres guerreiras que sempre foram as raízes dessa grande árvore. À minha Mestra Mãe Joana D'arc Cavalcante, e ao meu saudoso pai Francisco Diniz, com amor e gratidão.*

## AGRADECIMENTOS

Eu agradeço ao meu despertar para um caminho mais abrangente em minha vida, que foi quando decidi tentar entrar em uma Universidade, um sonho do qual eu antes não imaginaria que um dia iria conseguir. Agradeço ao meu irmão Oscar por ter sido minha referência: quando a gente quer de verdade a gente consegue. Obrigada meu irmão por ser exemplo de um autodidata que corre atrás de seus ideais e vencer barreiras. Agradeço à vida por ter uma Mãe, dona Rosângela, que me forneceu as possibilidades de estudar, meios financeiros e a sua preocupação nos momentos tortuosos, quando um dia eu pensei em trancar meu curso. Obrigada, minha mãe, por ser essa luz na minha jornada. Sem sua ajuda eu jamais conseguiria. Essa conquista é nossa: da minha bisavó Maria da Conceição, mulher da roça, e minha avó Diléia. Sou a primeira delas a ter uma formação superior: a quarta geração realizando o sonho de minhas ancestrais. Agradeço ao meu filho Felipe por compreender meus momentos de introspecção e concentração na minha pesquisa, pelos cafezinhos e água que me trazia nos dias mais quentes e quando a impaciência parecia me domar: ele só queria estar ali perto de mim. Obrigada meu amor! Foi pensando em você que procurei o melhor caminho para minha evolução pessoal e profissional.

Gratidão a minha orientadora Luciana Chianca, sempre tão objetiva e clara. Obrigada por sua atenção com meu trabalho, por ler e guiar onde eu deveria melhorar. Obrigada à banca deste TCC por sua leitura cuidadosa e crítica criteriosa.

Quero agradecer à Mestra Joana D'arc Cavalcante pelo exemplo de força e coragem. Por me conceder a permissão de fazer a minha pesquisa em sua comunidade, em seu terreiro. Agradeço por me abrir as portas e me receber tão bem! Obrigada do fundo da minha alma a cada pessoa que contribuiu com meu trabalho: a cada minuto de atenção e boa vontade de ajudar quando eu procurei. Pelos relatos, pelas dúvidas tiradas, pelo questionário. Obrigada por partilhar comigo coisas de suas vidas, experiências e situações que vivem e que já viveram. Gratidão pela confiança.

Obrigada ao povo da comunidade, obrigada ao povo de Axé que lutaram e enfrentaram tantos trajetos de perseguições e preconceitos, e mantiveram de pé o Maracatu Nação. Obrigada a cada mulher guerreira pernambucana e de outras regiões e realidades que lutam pela ocupação e protagonismo da mulher no toque do maracatu. Eu agradeço e saúdo todas as mulheres que vieram antes: todas as Yalorixás, Yabás, batuqueiras de todo o mundo, Rainhas, Damas do Passo que firmam o poder feminino para ser o que quiserem, e estar onde querem, transformando o terreno onde pisam, ajudando a desconstruir o machismo, o racismo e todo

tipo de intolerância que existe em nossa sociedade. Agradeço a todas as mulheres que lutam diariamente por um mundo mais justo e de possibilidades iguais: que sejamos livres e loucas! Loucas por nossa independência, autonomia de nossos corpos, nosso protagonismo e nosso direito de viver. Mulheres do mundo inteiro, uni-vos!

Foram sete anos de um longo curso que agora eu concluo com muito orgulho de mim. Acreditar em si é o primeiro passo para alcançar seus sonhos. Agradeço a cada um que me auxiliou nessa minha jornada por minha graduação em Ciências Sociais.

## **EPÍGRAFE**

“O peso secular da opressão social, política, econômica, familiar e cultural que recai sobre a mulher constitui um obstáculo à sua participação e organização. Nem por isso ao longo da história a mulher tem deixado de lutar para romper as cadeias da dominação.”

(Ana Maria Rocha)



## RESUMO

A pesquisa enfoca a origem do Maracatu Nação em Pernambuco, seus percursos, desafios e conquistas ao longo do tempo, explicando a dualidade existente na sua divisão tradicional dos poderes, espaços e funções exercida por homens e mulheres. Tais distinções acionam questões de gênero com limitações à participação e liderança feminina. O trabalho também vai analisar a conquista das mulheres nestes espaços antes exclusivos dos homens, contemplando a trajetória da Mestra Joana D'arc Cavalcante, a primeira mulher à reger uma nação de maracatu de baque virado: a Nação do Maracatu Encanto do Pina (1980); fundadora também do Maracatu Baque Mulher (2008), sendo esse último composto exclusivamente por mulheres. Trazemos o processo de construção desse grupo, e as razões de sua criação, contemplando hoje mulheres de todo o Brasil e fora dele, como ferramenta no combate à violência e crimes contra a mulher, sobretudo da mulher negra, chamando a atenção para urgência em debater e criar meios de prevenir, minimizar e combater essa situação.

**Palavras-chave:** Maracatu. Gênero. Mestra Joana. Baque Mulher. Violência contra a Mulher.

## **ABSTRACT**

A research on the origin of Maracatu Nação in Pernambuco, its paths, challenges and achievements over time, explaining the duality existing in its traditional division of powers, spaces and functions exercised by men and women. These distinctions trigger gender issues with participatory participation and female leadership. The work will also analyze the conquest of women in these spaces before men, contemplating the trajectory of Master Joana D'arc Cavalcante, the first and only woman to head a maracatu nation in the world: the Maracatu Nation Pina's Charm; also founder of Maracatu Baque Mulher (2008), the latter being composed exclusively of women. We bring the process of construction of this group, and the reasons for its creation, contemplating today women from all over Brazil and their forums, as a tool to combat violence and crimes against a woman, especially the black woman, drawing attention to the urgency of discuss and create means of prevention, minimize and combat this situation.

**Keywords:** Maracatu. Genre. Master Joana. Thud Woman. Violence against women.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMAPE- Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco  
CETAP- Centro Técnico de Assessoria e Planejamento Comunitário  
CFCH- Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
CNJ- Conselho Nacional de Justiça  
DPI- Departamento de Patrimônio Imaterial  
FBSP- Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
FUNDARPE- Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco  
INRC- Inventário Nacional de Referências Culturais  
IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
LAHOI- Laboratório de História Oral e da Imagem  
MNU- Movimento Negro Unificado  
OMS- Organização Mundial da Saúde  
PNPI- Programa Nacional do Patrimônio  
SECULT- Secretaria de Cultura  
UFPE- Universidade Federal de Pernambuco  
UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
FBSP- Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
CNJ- Conselho Nacional de Justiça

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fundos do Ylê Axé Oxum Deym	93
Figura 2 - Ritual de Obrigação pré Carnaval 2019, Ylê Axé Oxum Deym, Sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina	93
Figura 3 - Batuqueira da nação estrela brilhante, e fundadora do Maracastelo	93
Figura 4 - Batuqueira do Encanto e Luthier	93
Figura 5 - Dama do Paço da Nação Encanto do Pina, representando a Orixá Oxum (Yabá Shirlene)	93
Figura 6 - Dama do Paço Nação Encanto do Pina, representando a Orixá Yemanjá (Mariana Biachi)	93
Figura 7 - Yabá Tenily e Mãe Helena	94
Figura 8 - Flávia Batuqueira da Nação Encanto do Pina, Carnaval 2019	94
Figura 9 - Mestreira Joana e a Ala dos Agbês Nação Encanto do Pina, Carnaval 2019	94
Figura 10 - Erivânia Maria Agbezeira das Nações do Pina	94
Figura 11- Mestreira Joana e Flávia Diniz Carnaval 2019	94
Figura 12- Mulheres tocando Alfaias, Nação do Maracatu Encanto do Pina, Carnaval 2019	95
Figura 13- Estandarte Nação Encanto do Pina, 01 de Agosto dia do Maracatu	95
Figura 14- Mestreira Joana e as mães do Pina, Yalorixá vó Quixaba, mãe Helena, Mãe Laura e Mãe Enezia	95
Figura 15 - Mestreira Joana Carnaval 2019	95
Figura 16 - Dona Elda Viana, Rainha da Nação Porto Rico	95
Figura 17 - Momentos antes do desfile da Nação do Maracatu Encanto do Pina, Mestreira Joana e integrantes	95
Figura 18 - Andrea Andressa	95
Figura 19 - Dona Célia, Rainha da Nação Encanto do Pina	96
Figura 20 - Encontro Nacional Baque Mulher em Sorocaba São Paulo 2018	96
Figura 21 – Desfile Oficial Baque Mulher Carnaval 2019	96
Figura 22 - Criança do encantinho na passarela, carnaval 2019	96
Figura 23 – Meninas da Nação Encanto do pina, desfile de Agremiações carnaval 2019	96
Figura 24 – Isabelle Caldas e Maria Maia Carnaval 2019	97
Figura 25 – Crianças do Encantinho do Pina	97
Figura 26 – Atividade pedagógica com as crianças do Encantinho do Pina	97
Figura 27 – Crianças do Encantinho do Pina 2	97
Figura 28 - Integrantes do Baque Mulher no bloco Nem Com Uma Flor, Carnaval 2019	97
Figura 29 - Dama do paço Nação Porto Rico 2018 (Soiane)	97
Figura 30 - Mestreira Joana Cavalcante Primeira e única mulher a frente de uma Nação de Maracatu do Baque Virado	98

## LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

GRAFICO 1: Evolução da taxa de homicídios por 100 mil de mulheres no Brasil e nas três UFs com as maiores taxas em 2017 (2007-2017)	82
GRÁFICO 2: Taxa de homicídios por 100 mil mulheres nas UFs (2017)	82
GRÁFICO 3: Evolução da taxa de homicídios femininos no Brasil, por raça/cor (2007-2017)	83
QUADRO 1: números de mulheres mortas quanto à sua cor e entre os estados de Pernambuco e Paraíba	83

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPITULO 1: O MARACATU NAÇÃO PERNAMBUCANO: DESAFIOS E CONQUISTAS .....</b>	<b>20</b>
1.1 A ORIGEM DO MARACATU NAÇÃO E SEUS PERCURSOS .....	20
1.2 DAS CONQUISTAS E DE UM RECONHECIMENTO TARDIO .....	32
<b>CAPITULO 2: A DIVISÃO DOS PODERES NO MARACATU NAÇÃO, ENTRE RELIGIOSIDADE E QUESTÕES DE GÊNERO, A QUEBRA DE TRADIÇÕES QUE LIMITAM.....</b>	<b>41</b>
2.1 PODERES: TEMPORAL E DO DIVINO .....	41
2.2 MESTRA JOANA D’ARC CAVALCANTE E O PODER FEMININO .....	56
<b>CAPITULO 3: NASCE O MARACATU BAQUE MULHER MOVIMENTO DE EMPODERAMENTO FEMININO .....</b>	<b>66</b>
3.1 RESPONDENDO AS DEMANDAS .....	66
3.2 ORGANIZAÇÃO, LOAS, TOQUE E DANÇA EM AÇÃO: PAREM DE NOS MATAR! .....	71
3.2.1 O Encontro Nacional do Maracatu Baque Mulher .....	75
3.2.2 Parem de nos Matar!.....	75
3.2.3 A Lei Maria da Penha .....	85
3.2.4 Central de Atendimento.....	87
3.3 VIVENDO O PINA: DIÁRIO DE VIVÊNCIAS RELATOS .....	88
3.3.1 Fotomemória .....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>99</b>
<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊDICE A .....</b>	<b>108</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Leitoras e leitores, pretendo que esta pesquisa seja uma espécie de diálogo entre nós, quero dividir com vocês informações, descobertas, curiosidades, realidades, emoções e superações de um Universo que precisa ser habitado, conhecido e reconhecido, o maracatu que vamos apresentar aqui, traz consigo a Resistência materializada em vidas que se revelam num grito: NÓS EXISTIMOS E RESISTIMOS! o maracatu é Negro e Negra! o maracatu é fé, é esperança, o maracatu é de terreiro, é de comunidade, é identidade e cultura assistido nas passarelas e desassistidos fora dela, num sacrifício que vira brilho num compasso batido, de pés no chão.

Quero lhes convidar a mergulhar nesse oceano de grandeza que vem de antigos passos, neste trabalho de final de curso escolhido, após 7 anos aprendendo e vivendo as ciências sociais. Sinto assim que minha contribuição deve estar num mundo chamado ‘comunidade’, onde tudo acontece. Desejo a todas e todos uma ótima viagem! .

Minha pesquisa foi “interestadual”, pois o trabalho foi realizado com base em vivências dentro da uma Comunidade do Bode, no bairro do Pina que se localiza em Recife no Estado de Pernambuco, conhecido como o berço cultural do maracatu de baque virado. Este trabalho busca visibilizar em especial o Maracatu Baque Mulher (2008), um grupo composto exclusivamente por mulheres. O espaço onde foi feito todo trabalho de campo é uma área de muito abandono e fragilidades, uma comunidade bastante carente às margens de manguezais e moradias em barracão de palafitas. Estive com as mulheres da comunidade que transitam entre duas nações tradicionais de maracatu de Pernambuco: Nação do Maracatu Encanto do Pina (1980) e a Nação do Maracatu Porto Rico (1916), ambas com sedes na comunidade do Pina. Me comuniquei diretamente com a Mestre Joana Cavalcante, idealizadora e fundadora do Maracatu Baque Mulher e de quem obtive a permissão e confiança para conversar com as mulheres participantes do movimento Baque Mulher. Busquei suas trajetórias de vida e de seu dia a dia, com observação participativa (e ativa) antes, durante e depois da época em que o Maracatu mais se apresenta, que é o período do carnaval pernambucano.

Depois de um ano e meio fazendo parte do Maracatu Baque Mulher (2008), grupo que conta com mais de 30 filiais espalhadas pelo Brasil e fora dele, cresceu meu interesse por querer saber mais sobre o Maracatu. De onde vieram suas raízes? Como se deu o seu surgimento em Pernambuco? e saber de suas pluralidades simbólicas de diversos significados.

Com minhas idas a Recife para ensaiar com o Grupo Matriz, senti um choque de realidade que me provocou interesse pela história de vida daquelas mulheres: quais as suas

razões para esse desejo de um espaço só delas no maracatu? Meu encantamento e curiosidade me levaram a querer saber mais da trajetória, desafios e conquistas da Mestre Joana, num espaço aonde existia e ainda existem limitações ao lugar da mulher. Essas questões me vieram perturbadoramente, várias questões me surgiram à mente, me fazendo querer saber mais o porquê dessas limitações existentes dentro do maracatu nação para com as mulheres.

Senti a necessidade de disseminar a força que vinha daquelas Mulheres, daquela comunidade, mulheres negras, destacando o protagonismo da única mulher no mundo a frente de uma nação de maracatu, (a Nação Encanto do Pina) lutando para que o Maracatu não se desvincule de suas origens, do terreiro e da comunidade! Diretamente afetados pela globalização, ‘já nos tiraram tudo’ enfatiza a Mestre Joana, ela pede cuidado ao falar: [...] “pisa nesse chão devagarinho” [...], significando: Respeite nossa História de vida, não tirem proveito do sofrimento alheio!.

Através do seu poder feminino esta líder consegue mobilizar sua comunidade, atingindo o Brasil através do movimento Baque mulher que completou onze anos de luta, contribuindo no combate à violência contra a mulher, entre outras questões alarmantes dentro da sociedade e do país, como as questões do racismo, machismo e da intolerância religiosa.

Dia 24 de março completaram 2 anos de minha vivência com o Maracatu Baque Mulher: de batuqueira passei a ser coordenadora regional do Baque Mulher João Pessoa(PB) apitando o baque, com permissão e confiança da Mestre Joana D’arc Cavalcante<sup>1</sup>. Uma pergunta norteia o trabalho: como o maracatu atua no combate a violência contra a mulher? Como um movimento da cultura popular negra, com uma figura masculina sempre à frente no poder temporal e visibilidade pública, com a mulher limitada ao poder do divino, (invisibilizadas portanto) e onde há alguns anos atrás (e ainda hoje em algumas nações de Maracatu) eram proibidas de tocar no batuque, porque mulher nasceu pra rodar a saia?, Como chegaram aos dias de hoje com a figura da Mulher como protagonista, fazendo do Maracatu essa ferramenta de combate à discriminação e preconceito que existem em nossa sociedade?

É necessário que estudemos o passado para a compreensão do que vem a ser esse movimento, compreendendo as mudanças que aconteceram ao maracatu no decorrer dos tempos, por isso, na primeira parte do trabalho vamos ver o que é o Maracatu- suas origens. Recorri a fontes e arquivos bibliográficos de antigos folcloristas e historiadores, a exemplo de Pereira da Costa, Peixe Guerra, Katarina Real, se o Maracatu veio junto com as tradições dos povos africanos e suas várias nações e grupos que chegaram aqui no Brasil escravizados, essa

---

<sup>1</sup> Vide Figura 30 p. 97



cultura é de raiz africana, com representações, signos e símbolos ancestrais africanos por isso o maracatu carrega consigo questões históricas, culturais e políticas, representadas no seu sagrado, nos seus batuques e danças, como um modo de Luta, por meio da resistência e persistência e como enfrentamento à hegemonia branca e ideologia colonial dominadora que os recriminou desde que aqui chegaram.

Ainda no primeiro capítulo, vamos ver que nem sempre o maracatu foi visto como é hoje. Ao contrário; tem um histórico de perseguições, opressões e preconceitos, por tanto resistirem e insistirem na propagação de sua cultura afrodescendente, por se manterem de pé, por si, é que começaram a vir tão tardiamente as conquistas e reconhecimentos por parte do Estado de Pernambuco: hoje o Maracatu Nação é Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e tem um dia em sua homenagem, o dia 01 de agosto Dia do Maracatu.

No capítulo dois do trabalho, vamos compreender que sempre existiu uma divisão de poderes e funções entre homens e mulheres dentro do maracatu, vinda de antigas tradições e construções simbólicas, algumas que limitavam a participação das mulheres no batuque e outras que invisibilizavam as poderosas Yalórixas, ficando essas, sempre por traz dos bastidores, pouco lembradas na historiografia dos Maracatus. Uma outra questão que me deixou intrigada, foi a questão da menstruação das mulheres nos dias de desfiles: a Dama do Passo não poderia sair nas apresentações em seus dias menstruais, pois estaria ‘suja’, ou com ‘corpo aberto’. Algumas dessas questões são relacionadas ao sagrado, mas de certa forma poderiam vir a causar um certo estigma à mulher ‘impura’, atingida por uma ‘maldição’, o que as limitou ao batuque por muito tempo. Vamos compreender essa questão no decorrer da pesquisa e quais as mudanças que ocorreram.

O capítulo dois também apresenta como teria acontecido a inserção das mulheres no batuque, seus corpos e habilidades postos em testes de resistência e aprovações, pois teriam que tocar “como homens”. De início, saíram camufladas, como a questão do Gênero é acionado nessas questões e nas divisões do trabalho no cotidiano interno do Maracatu Nação.

Ainda no capítulo dois, vamos conhecer a trajetória de vida da Mestra Joana, Fundadora do Maracatu Baque Mulher. Se há alguns anos atrás antes do ‘boom’ do maracatu onde a mulher era proibida de tocar no batuque, ao conquistar seu espaço a passos lentos e camufladas, vestidas como os homens e de cabelos presos, imaginem os obstáculos que passaria a primeira mulher à frente de uma Nação de Maracatu. Essa responsabilidade concedida à Mestra Joana lhe fez abrir os olhos para várias questões que sempre aconteceram, porém, ela não tinha o esclarecimento do que era o machismo, o feminismo e o histórico de opressão às mulheres, dentro da sociedade e dentro da sua própria cultura.

Foi então que começou sua trajetória de lutas, em respeito ao poder do apito conquistado, às opressões que teve que passar, à quebra da hegemonia masculina no Maracatu Nação e à quebra de antigas tradições impostas com as questões de gênero que apareciam, surgiam e ficavam cada vez mais nítidas. Assim foi preciso elaborar a sua resposta diante desses obstáculos, resposta que ecoa por todo o Brasil e fora dele.

No terceiro capítulo, irei explicar o processo de construção do Maracatu Baque Mulher, as razões que levaram as mulheres que transitavam nas duas nações: Nação do Maracatu Encanto do Pina (1980) e Nação do Maracatu Porto Rico (1916), a necessitarem de um espaço só delas. Como foi esse processo, como esse movimento ganhou tamanha repercussão sendo hoje uma ferramenta providencial no que diz respeito a movimentar e transformar aquela comunidade, na luta e combate à violência contra a mulher, contra o machismo, o racismo e a intolerância religiosa. Vamos compreender como se organiza essa teia de colaboração entre mulheres e homens que apoiam esse movimento, o seu regimento interno, suas loas, danças e toques que se tornaram instrumentos de ação social, político e cultural.

Levando em consideração o surgimento do Baque Mulher e as razões que levaram a esse movimento à uma grande repercussão nacional e internacional, ainda no terceiro capítulo, a pesquisa chama a atenção da urgência em se falar do avassalador aumento de crimes cometidos às mulheres, recorrendo a dados que comprovam esse triste fato, e enxergando esses crimes como uma nefasta herança patriarcalista, racista e de inferiorização da mulher na camada social, principalmente a mulher negra. O trabalho apresenta quantitativamente casos e tipos de violências e crimes contra a mulher, que cresce com o avanço tecnológico no Brasil, um dos países onde mais são assassinadas mulheres no mundo.

Ainda no capítulo três, o trabalho vai apresentar um diário de vivências, (assim que eu o chamo), onde eu descrevi em detalhes as minhas experiências dos dias em que estive na comunidade do Pina e as noites que dormi por lá. Foi uma experiência única, onde me vi numa realidade fora da minha zona de conforto e onde posso dizer que transformações ocorreram em minha vida pois enxerguei meu lugar no mundo. Particularmente na minha experiência, eu me humanizei ainda mais, passando a agradecer à vida mais do que reclamar dela. Essas vivências foram de extrema importância para que eu descobrisse o outro lado das passarelas nos dias de concurso das agremiações, e Nações de Maracatu, e que eu não só descobrisse, mas sentisse. Assim busquei passar da melhor forma essa vivência para os leitores e leitoras desse meu trabalho.

Os Métodos desse trabalho incluem a pesquisa de campo, com dados na observação participante, compreendendo as vivências, conversas, perguntas geradoras, pesquisas

bibliográficas, entrevistas, questionários e transcrições de alguns vídeos, pesquisa na internet por sites e outros trabalhos acadêmicos; revistas feministas e sites de órgão de imprensa e sites de organismos de Pesquisas. É uma pesquisa engajada, militante, onde todas as informações podem ser usadas e aceitas para a causa do Maracatu Baque Mulher, que contempla todas as mulheres em suas lutas diárias, e tendo como ponto forte de apoio e foco as mulheres negras e de Periferia.

## CAPÍTULO 1: O MARACATU NAÇÃO PERNAMBUCANO: DESAFIOS, CONQUISTAS

### 1.1 A ORIGEM DO MARACATU NAÇÃO E SEUS PERCURSOS

Em sua obra intitulada *Maracatus do Recife* (1955), Cesar Guerra Peixe disserta a respeito do advento do maracatu, que por falta ou desconhecimento de fontes informativas não podemos demarcar com exatidão o período em que teria surgido em Recife. A mais antiga notícia seria a do Padre Lino do Monte Carmelo Luna, que identifica o maracatu em 1867. Segundo Ribeiro (1952, p. 29) em cultos afro-brasileiros do Recife: *Um Estudo de Ajustamento Social*. Apesar dessa incerteza todos os estudiosos do Maracatu concordam que ele é um cortejo real, acompanhado de um batuque, cujas práticas são reminiscências decorrentes das festas de Coroação de Reis Negros, uma tradição que veio com o povo africano no período colonial (GUERRA PEIXE, 1955; COSTA PEREIRA, 1904; SILVA, 1999; LIMA, 2010; OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA, 2011).

O que se conhece sobre a Instituição do Rei do Congo em Pernambuco data de 1711, em Olinda, porém alguns documentos encontrados na Igreja do Rosário no Recife, revelam que a eleição e a coroação de Reis Negros já haviam ocorrido antes desta data segundo algumas transcrições de 1674 e anos seguintes nos volumes da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, era lá onde se elegiam e ocorriam as coroações dos reis e rainhas do Congo. Existem outras fontes registrando a presença da cerimônia de coroação das realezas do Congo e de Angola em Pernambuco, a partir de 1666, Segundo Silva (1999, apud, COSTA, 1974, p. 408), citando o Testemunho de Urbain Souchou de Rennefort<sup>2</sup>, Publicado em Paris 1688:

Apesar do duro cativo em que vivem, os negros não deixam de se divertirem algumas vezes. No domingo 10 de setembro de 1666, teve lugar a sua festa em Pernambuco. Depois de terem ido à missa, em número de cerca de quatrocentos homens e cem mulheres, elegeram um rei e uma rainha; marcharam pelas ruas cantando e recitando versos por eles improvisados, precedidos de atabaques, trombetas e pandeiros. Vestiam as roupas de seus senhores e senhoras, trazendo correntes de ouro e brincos de ouro e pérolas; alguns estavam mascarados. Os gastos da cerimônia lhes custaram cem escudos. Durante toda a semana, o rei e os seus

---

<sup>2</sup> A informação é transcrita foi retirada do artigo COSTA. E A. Pereira da. *Anais Pernambucanos* (Coleção Pernambucana) 1493-1590. v. I. Recife: Arquivo Público Estadual, 1951. 644 p. In: SILVA, Leonardo Dantas. **A corte dos Reis do Congo e os maracatus do Recife**. Recife: G. & Tróp, v. 27, n. 2, p. 363-384, jul./dez, 1999. Segundo Moraes, Rubens Borba de, *Bibliographia Brasiliana: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900*. Tomo. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2010. A informação bibliográfica da obra teve outra edição **Souchou de Rennefort. Hístuire des Jades Orientales**, Paris 1688, estando a descrição de Pernambuco contida na segunda parte.

oficiais não fizeram outra coisa senão passearem gravemente pelas ruas, de espada e punhal ao cinto.

A nomeação e coroação dos Reis do Congo atribuía responsabilidade e obrigação ao nomeado de inspecionar e manter a ordem e subordinação entre os negros (Secretária de Polícia de Pernambuco, 1848). Em cada distrito se elegia um rei, e eles mantinham suas cortes organizadas, exercendo autoridade máxima entre os seus, o povo negro. GUERRA PEIXE, (1995, p.13, apud, COSTA PEREIRA,1908, p. 214) aduz:

Cada cabeça de comarca ou distrito paroquial tinha o seu rei e rainha, com o competente cortejo de uma corte particular e, procedida a eleição, tinha lugar o ato solene de coroação e posse do dia de Nossa Senhora do Rosário, impondo a coroa o pároco da freguesia.

É importante dizer que na Instituição dos Reis do Congo, não eram nomeados apenas reis, havia outros postos de relevância, como o de Governadores de Tribos ou Nações, que nomeavam um Governador dos Crioulos e dos Homens Pardos. A exemplo de Henrique Dias, nomeado Governador Por Felipe IV, como recompensa pelos seus serviços militares prestados na guerra contra os holandeses no período de 1648 a 1649, é provável que a Instituição do Rei do Congo tenha funcionado desde a época que ele recebeu o título, que data de 1662. Sobre esses postos hierárquicos:

Havia o exercício de postos hierárquicos, cuja ocupação era uma prerrogativa concedida aos negros escolhidos pela sua gente e apoiados nas garantias que lhe ofereciam os senhores escravocratas. Desse modo, se na instituição havia a função de rei, desempenhada por escravo ou liberto, ao qual competia exercer a jurisdição geral e, parece manter organizada a sua corte própria, constituída por altas patentes à imitação da Hierarquia Militar, cargos nobres, postos honoríficos, etc. havia também a de "governadores de tribos ou nações", dirigentes de grupos que constituíam a outra parte das relações administrativa da instituição (GUERRA PEIXE, 1955, p.15).

A Instituição dos Reis, no Recife, começou na Paroquia da Boa Vista, em 1801, onde elegeram o primeiro rei Domingos Marques Araújo, conferida pelo chefe de polícia, depois ele transcreve datando a nomeação para 1848 (COSTA, 1974). Podemos perceber que não se tem uma data certa, porém, uns dos primeiros folcloristas a escrever sobre maracatu, desde o século XVII, já havia coroações dos reis do congo em Pernambuco, e antes, Já se tem registrado a Instituição dos Reis Negros na França e em Espanha no século XV, e em Portugal século XVI (COSTA, 1974). Essas coroações eram realizadas em diversas regiões do Brasil pelas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito, padroeiros dos escravos (OLIVEIRA, 2017).

Para melhor compreensão das transformações que ocorreram até chegar ao Maracatu que conhecemos hoje, vamos conhecer mais o que se entende por nações. Nações eram os grupos que festejavam a coroação do respectivo rei eleito. As nações eram grupos de uma mesma tribo, ou clã, ou linhagem de um povo, de escravos<sup>3</sup>, afirma Guerra Peixe (1955, p.15, apud, MORAIS FILHO,1965) diz:

Refere-se a grupos chamados” nações”, que no Rio de Janeiro festejavam a coroação do rei eleito. Agrupamentos semelhantes apareciam no Recife, recebiam designativos próprios, como “Nação Ardas” “Nação Rebôlo”, etc. Estudos Posteriores à época, vieram esclarecer que tais grupos não passavam de meros ajuntamentos de escravos, uma vez que a monarquia branca procurava mantê-los misturados, a fim de que não se organizassem para a execução de desordens e não promovessem insurreições

No Rio de Janeiro diversos grupos ou nações concorriam para abrilhantar os feitos de coroação do rei eleito. “Quando se apresentavam dançando a seu modo, executando instrumentos próprios e entoando cantigas africanas ou africanizadas” Guerra Peixe (1955, p. 15, apud, MORAIS FILHO,1965).

Vemos como a monarquia branca colocava em prática um plano de dominação que separava membros de um mesmo grupo, misturando-os com outras nações para que perdessem seus costumes, se habituassem à outros modos de viver, de falar e para que não manifestassem suas expressões culturais ou planejassem uma fuga, por temer um eventual ataque ou que se rebelassem e planejassem algo contra seus donos (desordens e insurreições). Assim nações de diferentes povos africanos, se uniam para festejar a coroação de seus reis e batucarem juntos.

O povo negro brutalmente retirado de suas terras, chegando ao Brasil por volta de 1539 e 1542, na capitania de Pernambuco, se depara com um projeto colonial, escravocrata e de monocultura agro açucareira onde as pessoas escravizadas buscavam preservar o que traziam consigo” no mais recôndito de si” e que ninguém jamais poderia lhes arrancar, a sua herança Cultural, suas raízes, suas crenças religiosas, sua gastronomia, seus ritmos e músicas.

Consegue, ainda assim, exercer influência, seja impregnando todo o seu contexto com o pouco que pode preservar da herança Cultural africana. Como está não podia expressar-se nas formas de adaptação – por deferir, consideravelmente, no plano ecológico e tecnológico, dos modos de prover a subsistência na África -, nem tampouco nos modos de associação – por estarem rigidamente prescritos pela estrutura da colônia como a sociedade estratificada, a que se incorporava na condição

---

<sup>3</sup> Escravos sobre a irmandade de são benedito e sua importância para os escravos (SILVA, 2000).

de escravo - , sobreviveria principalmente no plano ideológico, porque ela era mais recôndito e próprio. Quer dizer, nas crenças religiosas e nas práticas mágicas, a que o negro se apegava no esforço ingente por consolar-se do seu destino e para controlar as ameaças do mundo azaroso em que submergira. Junto com esses valores espirituais, os negros retêm, no mais recôndito de si, tanto reminiscências rítmicas e musicais, como saberes e gostos culinários (RIBEIRO, 1995, p. 104).

A Instituição dos Reis do Congo tem seu fim em meados do século XIX, quando este perde sua razão de ser com a Lei de Abolição da escravatura em 1888, e a Proclamação da República em 1889, já não havia necessidade do controle dos reis sobre os seus, restando no Recife o auto dos congos, como cita os apontamentos de Guerra Peixe (1955, p. 16-17, apud, COSTA, 1908, p. 270):

uma folgança dos africanos, geralmente escravos, cuja parte essencial era a representação de uma “peça”, realizada num palanque onde um rei, rodeado de sua corte, se sentava num trono adrede. Além da fala de personagens, havia música e dança próprias. Caindo em desuso as exibições dos congos pela cessação da corrente de emigração africana, proibida pela lei da abolição do tráfico e medidas subsequentes, foram rareando dia a dia, até que desapareceram completamente, concorrendo isso para a perda dos próprios autos conservados apenas estropiadamente em cadernos manuscritos.

Para Guerra Peixe, este desaparecimento também possui relação com o crescimento da importância das nações nos autos de coroação dos Reis do Congo pois:

Possivelmente o desaparecimento da instituição do rei do congo e a decadência dos autos dos congos, levaram os reis a preencher os claros de seus cortejos com membros das nações. E o aproveitamento das nações é que, então, teria conduzido os populares recifenses a chamar o maracatu de Nação (GUERRA PEIXE, 1955, p. 17).

Na primeira metade do século XIX, os cortejos que traziam seus reis e rainhas ainda não saíam no período do carnaval, mas em ocasiões de festas religiosas ou nos embarques de africanos libertos de volta a sua terra os batuques se expressavam na alegria, mas também na dor, pois tocavam também para seus mortos nos funerais. O batuque do Rei do Congo, só vem a ser registrado no carnaval do Recife a partir do final dos anos cinquenta do século XIX. (DANTAS, 1999). Das coroações aos autos extintos, restam os cortejos, os agrupamentos de negros que se encontravam, tocavam e dançam juntos, foram chamados de Maracatu.

Ainda no início da segunda metade do século XIX começou a ser registrada na imprensa do Recife, de forma esparsa, a presença do rei do congo, nos festejos carnavalescos e nisso maracatu aparece com esse nome na Imprensa, no final da metade do século XIX, isso

vem por ocasião da fuga da escrava Catarina<sup>4</sup>

Sem a coroação dos reis, os Babalorixás<sup>5</sup> dos terreiros, passaram a ser os Chefes Temporais e espirituais do Maracatu, conduzindo, regendo e organizando a corte real, que mantém até hoje a simbologia das coroações dos Reis Negros. Em sua nova forma, o batuque dos Reis do Congo, antigo cortejo foi chamado de maracatu pela imprensa com uma curiosa conotação policial como quando divulgado pelo Diário de Pernambuco (26/02/1889).

Revista Diária. Maracatu Porto Rico – Na praça Pedro I, da paróquia de São Frei Pedro Gonçalves do Recife, deu-se anteontem um conflito entre os sócios do Maracatu Porto Rico, quando este fazia um ensaio. Ao que parece o conflito foi motivado por uma praça do 14º Batalhão, pois que cerca de 60 homens, armados de faca e cacetes, rebelaram-se contra a dita praça, que ferida tratara de fugir, quando ali compareceu o subdelegado da paróquia. Esta autoridade conseguiu prender seis dos tais desordeiros, inclusive o ofensor da praça, que foi vistoriada pelo Sr. Dr. José Joaquim de Souza (SILVA, 1999, p. 371).

O maracatu já aparece nas mídias negativamente, com conotação policial, representando desordem, violência, e confusão, algo que vejo como um reforço ao repúdio e a discriminação que já existia antes mesmo de se saber o que realmente era e representava o maracatu, não é de se espantar que grupos de maracatu pudessem retrucar contra tanta opressão, sendo vistos como os desordeiros.

O maracatu e o cortejo não eram a mesma coisa, “o maracatu era tão somente o batuque dos negros, um ajuntamento com localização fixa em determinado bairro da cidade” (DANTAS, 1999, p. 367). Já o cortejo real era chamado de nação, a Nação Velha de Cambinda que levava as ruas a Corte dos Reis Negros.

Para reforçar essa conclusão, o trabalho de Silva(1999) apresenta um depoimento dado à pesquisadora Katarina Real em 1966, por João Batista de Jesus, conhecido como “Seu Veludinho”, ele era um carnavalesco do Maracatu Leão Coroado fundado em 1863

“Maracatu nem tinha o nome de maracatu. O nome era nação. Uma nação mandava ofício para outro estado. Surgiu essa palavra pelos homens grandes. Quando ouviram os baques dos bombos, chamaram ‘aquele maracatu!’.” (REAL,1990, p. 184).

<sup>4</sup> Edição do diário de Pernambuco de 1 de Julho de 1845: Em o dia 2 segunda-feira do Espírito Santo do ano Próximo passado, fugiu a preta Catarina, de Nação Angola, ladina, alta, bastante seca de corpo, seio pequeno, cor muito preta, bem feita de rosto, olhos grandes e vermelhos, todos os dentes da frente, pés grandes metidos para dentro, muito conversadeira e risonha, de idade de 22 anos; tem sido encontrada na estrada da nova da passagem da Madalena e no Aterro dos Afogados, vendendo verduras e aos domingos no Maracatu dos coqueiros do dito aterro, e há notícia de ser o seu coito certo a matriz da várzea; cuja escrava pertence a Manoel Francisco da Silva, morador na Rua Estreita do Rosário, 10, 3º andar, ou em seu sítio em Santo Amaro, junto à Igreja, o qual gratificará generosamente a quem lh’a apresentar) (DANTAS, 1999, p. 365).

<sup>5</sup> Pai de santo, chefe espiritual da casa, responsável pelo culto aos orixás nos candomblés, xangôs e centros de Umbanda



Existiam os cortejos dos reis de diferentes nações: do Congo, de Angola, de Cabinda e na realidade o Maracatu era o ponto onde se realizavam os batuques dos negros, a reunião deles para batucarem (SILVA, 1999). Os maracatus de hoje, são a junção do Cortejo Real, chamado de nação, junto com o batuque, pois no século XXI em Recife a Nação-Maracatu, designa cada grupo, e cada nação no seu vínculo a um terreiro, Ylê<sup>6</sup>, que se torna sede do mesmo. É assim que a Nação do Maracatu Porto Rico e a Nação do Maracatu Encanto do Pina são duas nações da mesma comunidade (Comunidade do Bode - Pina) mas cada nação tem sua sede, em casas de axé (terreiros) pois o maracatu nação está intrínseco a religiões de matriz afro “O maracatu não se separa, não se desvincula do Candomblé” (Mestra Joana.2017).

Diante da nota publicada pelo Diário de Pernambuco, uma dúvida surge. Se o Maracatu Nação Porto Rico, tem como data de fundação 1916, como ele aparece nesse noticiário de 1889? Através de um levantamento de informações constatou-se que o Maracatu Porto Rico se chamava Porto Rico do Oriente, então é provável que ele já existisse, e com outras pessoas à frente, assim na data de fundação da nova formação ficou 1916. Para que não houvesse confusão com o Porto Rico de Palmares<sup>7</sup> naquela época existiam três ou quatro Portos Ricos diferentes (CARVALHO, 2007).

Uma outra coisa que me chamou a atenção foi referente às lideranças, a presença da mulher nunca é citada nas coroações, onde raro foi ler: Reis e Rainhas do Congo, a liderança e poder são atribuídos às figuras masculina, o Babalorixá responsável pelos poderes temporal e do divino nos terreiros. Logo serão abordados as divisões dos poderes dentro do Maracatu onde as Yalórixas<sup>8</sup>, são pouco ou quase nada citadas nas literaturas e pesquisas.

A presença feminina aparece ao se falar em algumas rainhas, em especial a rainha Maria Júlia do Nascimento, a Dona Santa, que foi coroada rainha do Maracatu Leão Coroado fundado em 1863, depois passou a ser rainha do Maracatu Elefante fundado em 1800, por ter se casado com o rei do mesmo, seu João Vitorino, permanecendo rainha até o dia de seu falecimento, 5 de outubro de 1962, ou ao se referir as personagens da corte real em especial a dama do paço ou as baianas.

Não podemos deixar de lembrar de outras mulheres, yalorixás poderosas, mães de santo e rainhas<sup>9</sup> de suas nações, como: dona Madalena<sup>9</sup> que ficou à frente do novo Maracatu

---

<sup>6</sup> Casa de Candomblé; o terreiro como um todo.

<sup>7</sup> Porto Rico era um nome comum de maracatu.

<sup>8</sup> Mãe de Santo, chefe espiritual da casa, responsável pelo culto aso orixás, mãe de terreiro, sacerdotisa de um Terreiro, Matriarca, que está no topo da Hierarquia, no candomblé, umbanda ou quibanda.

<sup>9</sup> Podemos encontrar mais informação com as rainhas e a data de suas coroações no trabalho de Jailma Maria Oliveira, rainhas, mestres e tambores: gênero, corpo e artefatos no maracatu-nação, 2001, p. 57.

Elefante com seu ressurgimento<sup>10</sup> em 1986, a rainha Elda Viana de Oxóssi da Nação do Maracatu Nação Porto Rico<sup>11</sup> (1916), Marivalda do Maracatu Nação Estrela Brilhante (1906), Dona Ivanize de Xangô do Maracatu Nação Encanto da Alegria (1998), Maria Madalena ex rainha dos Maracatus Leão Coroado, Indiano, Estrela Brilhante e Elefante, Nadja de Angola do Maracatu Leão da Campina, Lúgia Rosalina da Silva do Maracatu Raizes de pai Adão e Dona Célia Rainha do Maracatu Nação Encanto do Pina (1980).

Sobre a etimologia da palavra maracatu, a origem ou o que pode vir significar Guerra Peixe faz uma crítica<sup>12</sup> a Mário de Andrade, onde ele diz que maracatu deriva da união dos vocábulos “maracá”= chocalho e “catu”= bonito, chocalho bonito, para que admitisse essa hipótese o maracá teria que ter certa relevância no batuque do maracatu, mas no batuque nunca se viu o chocalho, apenas como acessório de enfeite, sem função musical.

Sobre essa mesma questão Guerra Peixe se coloca do lado de Sílvio Romero, Renato Mendonça, e Gonçalves Fernandes, que considera o vocábulo “Maracatu” como de origem africana, conforme informações do Museu do Dundo da Companhia de Diamantes de Angola, que o termo designa uma dança praticada pela Tribo dos Bondos, essa tribo vivia na época da ocupação portuguesa no território da foz do Rio Dande acerca de cinquenta quilômetros ao Norte de Luanda, seria então dança bonita. (GUERRA PEIXE, 1955, p. 7).

Em outras compreensões acerca da etimologia da palavra maracatu, o blog Afro Batuque afirma em que Mario de Andrade em sua livro: Danças Dramáticas do Brasil (1959) ele traz diversas possibilidades do significado e origem da palavra Maracatu, uma delas americana: Maracá = instrumento ameríndio de percussão; catu= bom, bonito. Em tupi, Marã= guerra, confusão; marãcatu, e depois marácatú valendo como guerra bonita, o autor reúne vários sentidos para a palavra Maracatu sem a pretensão de resolver o problema, são suposições, hipóteses, análises e comparações, nada é exatamente certo ou comprovado como verdadeiro (AFRO BATUQUE, 2001, [s/p]).

O Maracatu tem seus percursos traçados por grandes desafios históricos, alguns aqui escritos, destacando a aversão a tudo que lembrasse a África, o que se traduz em perseguição e distorção conhecida por seus praticantes, até tentarem silenciar, marginalizar e eliminar essa expressão cultural e política. Alguns dos trabalhos destacam abaixo e revelam como o preconceito e a discriminação se expressavam na historiografia ou na imprensa intelectual,

---

<sup>10</sup> A Nação Elefante pesquisado pelo maestro Guerra Peixe, em maracatus do Recife (1955), tido como mais antigo e famoso dos maracatus, mais detalhes ver: a corte dos reis do congo e os maracatus do recife (SILVA, 1999, p. 373).

<sup>11</sup> Vide Figura – 16 p.95

<sup>12</sup> A guisa de apresentação na obra de Guerra Peixe (1955, p. 67), Maracatus do Recife.

como nos mostra Sette (1938, p. 50):

Só uma cousa me fazia esfriar o encanto [do carnaval]: o maracatu [...]. Aquele bum...bum...bum... apavorava-me [...] rostos melados de tinta, suor [...] gente horrível, sinistra, mal encarada. Mistura de trajos luxuosos, de cabeções de renda [...] e turbantes garridos, de fetiches africanos, de umbelas de seda, de bonecas agitadas por cima das cabeças [...] e o batuque Inalterável e a toada arrepiadora.

“Gente horrível, mal encarada, sinistra” (SETTE, 1938, p. 50). São tantos adjetivos negativos atribuídos ao maracatu e ao seu povo, um verdadeiro espelho da ignorância, expressa nessa descrição que podemos sentir muito repúdio ao que representa a cultura afro-pernambucana. Lembramos do tempo da escravidão no Brasil para mostrar que o percurso de opressões vem desde a perseguição que os povos negros escravizados sofriam de seus donos e da igreja por causa do batuque, e as danças que eram interpretados como libertinagem, danças de apelo sexual, Oliveira (2011, p. 7, apud, BASTIDE, 1959, p. 19) aduz sobre essa questão:

Mas aqui os interesses da Igreja se chocavam com os dos senhores. tinham estes que favorecer a procriação em suas terras, porque era um meio econômico ( numa época em que os escravos custavam caro) de multiplicar a mão de obra sem nada precisar desembolsar. A prostituição nas senzala, pois, não lhes metia medo e o batuque era, na sua opinião, o melhor convite ao abraço. A igreja, porém, fiel mantenedora da moralidade, não podia considerar o amor senão sob a forma do casamento cristão, e a dança sensual repugnava-le à moralidade Ocidental. Faltava-lhe, pois, como para o indígena encontrar uma solução que lhe permitisse conservar o gosto pela dança do africano, mas reparando-a de sua civilização tradicional para integrá-la no seio do cristianismo. Daí a distinção, que aparece com frequência nos papeis dos governadores, entre o batuque (e sob este termo englobava-se tanto a dança religiosa pagã como a dança sensual) e a congada, isto é, dança cristianizada, assim como o maçambique, o maracatu, os cacumbis, as taiêras fazem-nos voltar ao folclore artificial de que já falamos a propósito do índio.

Podemos ver através dessa descrição, que assim como aconteceu com os índios, a Igreja católica também se voltou para modificar e encaixar as tradições do povo oriundo da África, às tradições Ocidentais, para que suas moralidades não fossem atingidas. Aonde no século XX, O Maracatu era destacado como coisa de negro, algo ressaltando sua tristeza e melancolia:

Entre as décadas de 1920 à 1940, as principais descrições do Maracatu ressaltam uma tristeza e melancolia inerente ao brinquedo, uma vez que se constituía em reminiscências de antigas práticas culturais de homens negros escravizados para matarem a saudade de sua terra. Dessa forma, o maracatu ganha visibilidade na sociedade pernambucana como ‘coisa de negro’, quase que estrangeiros nesta terra e fadados ao desaparecimento (GUILLEN, 2004, p. 43).

Décadas depois, no estado novo<sup>13</sup>, a conjuntura da época, agiu violentamente na vida das pessoas que seguiam suas tradições ancestrais, com violentos projetos nacionais comandados pelo Estado de Pernambuco. Santos(2001), relata essa fase marcada de perseguições, repressões, ataques violentos e humilhantes, apoiada pelo estado, pela polícia, pela Igreja e algumas autoridades do Recife (como médicos e intelectuais da época). O bairro de afogados onde se localizava um grande número de Terreiros (Candomblé ou Xângo e da Jurema Sagrada<sup>14</sup>) foram demonizados entre 1930 e 1940.

Ainda em Afogado (zona oeste do Recife) houve momentos sangrentos e de lutas, a exemplo da Intentona Comunista<sup>15</sup> (1935), quando soldados e policias passaram a vigiar moradores proibindo práticas socioculturais da população negra. Os meios de comunicações, rádios e jornais espalhavam discursos de “defesa e ordem”, fechando casas e terreiros de matriz afro brasileira e apreendendo os seus objetos de rituais e de fé, taxando as benzedeadas, os pais de santo e as mães de santo como criminosos, exploradores e trapaceiros. Mesmo diante de tanta perseguição, muitos terreiros funcionavam na clandestinidade.

Queremos destacar essas perseguições, pelo envolvimento direto com mestres e mestras, o Maracatu Nação tem sua ligação direta com os terreiros de candomblé. Porém, nem todos os terreiros tem essa ligação com os Maracatus Nação, entendemos que essa época de grande repressão provocou a emergência de alguns terreiros, viabilizar a continuidade das práticas ocultadas pelas fiscalizações policiais:

A Resistência dos seguidores das religiões afro-brasileiras à perseguição do estado se fazia constante e de diferentes maneiras. Um mecanismo criado para dar continuidade às práticas e para ludibriar a polícia foi a criação de agremiações carnavalescas, a exemplo do Maracatu e clubes de frevo. Os sacerdotes obtinham a autorização legal para fazer funcionar sua “sede de Maracatu” e colocava em prática os “ensaios” dos grupos, planejados e divulgados entre a comunidade. Na verdade, esses encontros sistemáticos funcionavam como pano de fundo para realização de festas e reuniões espíritas (SANTOS, 2001, p. 9).

É importante que essa relação sistêmica passe por aqui, nos percursos de desafios do maracatu, por esta estar direta e historicamente ligada as religiões de matrizes africanas, sendo alvos de tanta violência, uma violência legal, planejada e comandada pelos poderes do Estado, que

<sup>13</sup> O Estado Novo, que corresponde ao período de governo de Getúlio Vargas, entre 1937 e 1945 teve sua feição local, particularmente truculenta para com a população negra, no Governo de Agamenon Magalhães. Nessa época os cultos religiosos afro-brasileiros e várias práticas culturais da população negra foram vigorosamente reprimidos pelas forças do Estado (CARVAHO,2007, p.63).

<sup>14</sup> Jurema Sagrada- tradição/ritual mágica religiosa, que se iniciou com o uso da Jurema pelos indígenas da região Norte e Nordeste do Brasil. Tem ligações com o xamanismo indígena e as religiões de matrizes africanas.

<sup>15</sup> Conhecida como Revolta Vermelha de (1935), levante comunista, ou levante anti-fascistas, realizado por militares em nome da Aliança Nacional Libertadora.

faziam dos terreiros e do maracatu algo ilícito, desordeiro, e demonizado, que “virava a cabeça de muita gente boa”, expressão coletada de uma publicação do Diário de Pernambuco (1933) (SANTOS, 2001, p.9):

A polícia ontem à noite levou a efeito uma diligência interessante. Edson Moury Fernandes, ajudante da secção de costumes e repressão a jogos, [...] dispondo do tintureiro rumo a Afogados. [...] Ali existe o Maracatu uma espécie de dança indígena que vira a cabeça de muita gente bôa. [...] vez por outra quando entregue a sua liturgia, com o barulho ensurdecedor e bombos e outros instrumentos de “direitos reservados” são surpreendidos pela polícia que lhes faz cerco, [...] Na batida de ontem em se tratando de dois centros de bruxarias teve que realizar o serviço parceladamente. Assim começou pelo maracatu. O maracatu “estrela Baiana” está situado à rua de S. Pedro, na Mangueira, em Afogados. O presidente é Otávia Josefina da Silva, uma mulata de cabelos caxiados arrastando uns tamancos pesados e barulhentos. O mestre é José Eudes, vulgo “dé”. Seu “dé” é o trunfo da “bagunça”. Na casa de seu “dé” há uma enorme coleção de bugigangas que fazem parte do maracatu. Várias garrafas com azeite de dendê, uma vasilha de restos de comida, misturada com azeite, moedas de cobre cobertas com areia fina. [...] Depois dessa apreensão a polícia cassa a licença que tem o maracatu para funcionar e mestre “dé” é intimado a desistir de continuar com a macumba, visto ser prejudicial. Além disso porque foram encontrados três facas de ponta, bastante enferrujadas com as respectivas bainhas, atribuindo-se tal coisa a crimes que talvez haviam sido praticados e para que ficassem ocultos os seus autores, oferecessem as armas para mestre “dé” fazer um “serviço” para livra-los da prisão. A limpeza feita na casa de Mestre “dé” foi em ordem. Nada escapou (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1933, [s/p]).

O que dizer dessa publicação? Aí estão reunidas em palavras, ações dolorosas marcadas pelo silêncio, exposições públicas, e humilhações. A limpeza era feita onde não existia sujeira, onde representasse a fé e a cultura do povo negro era ilícito, de desordem e demonizado:

Era a década de 50. O estado novo tinha recém se encerrado, e as nações eram mais do que nunca “uma sobrevivência do passado”. A perseguição aos cultos afro-brasileiros tinha sido intensa, e particularmente sentida pelos maracatus, cujas estruturas acabaram servindo de refúgio para a tentativa de continuar com os rituais do Nagô. Nesse processo de perseguição e tentativa de destruição das práticas religiosas afro-brasileiras no Recife, vários maracatus tinham vivido os seus últimos dias (CARVALHO, 2017, p. 76).

Os anos 60 foram vistos como os anos de decadência dos maracatus, com a morte da rainha Dona Santa em 1962, e o fim da Nação Elefante reforça o prognóstico de desaparecimento dos maracatus nos primeiros anos do século XX feito por Pereira da Costa em 1908 ao discorrer sobre eles devido as mudanças ocorridas na sociedade com o fim da escravidão e o desaparecimento dos últimos africanos.

Se o maracatu, prestes a extinguir-se pelo seu arrefecimento, uma vez que não existem mais africanos, e os seus descendentes procuram de preferência imitar a sociedade de gente branca, celebrando as suas festas íntimas com reuniões dançantes segundo os moldes usados; se o maracatu, portanto, já rareando, modestamente aparece somente

nas folias carnavalescas, época houve, e bem próxima ainda, em que se exibia em número avultado, mais ou menos bem organizados, ostentando mesmo algumas aparatosas galas e com um luxo tal, que o seu arranjo complexo representava, relativamente, avultada quantia [...] (LIMA, 2003. p. 96, apud, COSTA, 1974, p. 2016).

Também compartilhando da mesma previsão de Pereira da Costa à respeito do fim do maracatu no Recife Dantas (1999, p. 382, apud, REAL, 1967, p. 160) conclui:

O enfraquecimento atual das nações (maracatus) deve-se em grande parte ao desmoronamento destas duas pedras fundamentais: 1- o orgulho numa herança cultural mais ou menos estritamente africana e 2- a desintegração do matriarcado afro-brasileiro. [...] mesmo chegando o triste dia de desaparecer do Recife a última velha “nação” para uma considerável maioria dos pernambucanos de todas as classes sociais, o maracatu continuará a ser uma emoção, um sentimento, um motivo de vibração. Os intelectuais, os jornalistas. A classe média, e o povo em geral – todos sentem o maracatu peculiarmente seu. Ser pernambucano é sentir o maracatu.

Outras causas levariam a extinção dos maracatus:

Em 1967, quando da primeira edição do seu *O Folclore no carnaval do Recife*, apresenta como causas a miscigenação progressiva no fenótipo da gente brasileira, como natural branqueamento e o desaparecimento do negro puro e dos reais valores culturais oriundos da mãe África. Os cultos africanos de Xangô vão dando lugar aos rituais aculturados da Umbanda desapareceram os “pretos velhos” e as “pretas da costa”, responsáveis pela transmissão oral de uma cultura herdada das “terras do lado de lá”. O maracatu vai perdendo o seu caráter religioso, para se transformar num clube carnavalesco (DANTAS, 1999, p. 382).

Fazendo uma releitura crítica do que previu Pereira da Costa, folclorista e historiador, um dos primeiros a escrever sobre maracatu, juntamente com as previsões da Katarina Real, podemos concluir que não houve a extinção dos africanos, nem dos seus descendentes nem desmoronou o orgulho de uma herança africana, nem desintegrou o matriarcado, nem o natural branqueamento ocorreu, nem a miscigenação, nada disso foi causa para o desaparecimento do maracatu e nem os cultos de candomblé deram lugar aos cultos de umbanda<sup>16</sup>.

Nada disso que os estudiosos citados previram, nenhuma dessas causas apresentadas se concretizaram, não acabou nem embranqueceu naturalmente, tendo Pernambuco mais de 60% da sua população negra e menos de 40% branca.

Os anos 60 foram vistos e sentidos como os Anos de Chumbo, após o golpe militar (1964) atuações autoritárias justificadas por um discurso moralizador e de segurança em busca

---

<sup>16</sup> Religião brasileira sintetiza vários elementos das religiões africanas e cristã, formulada a partir da síntese com movimentos religiosos africanos com o candombe, com o catolicismo e espiritismo, cultua os orixás, os espíritos indígenas e os caboclos.

do equilíbrio social que atinge o carnaval do Recife como revela Melo (2001, p. 58):

Neste ritmo, a cadência do frevo, do Maracatu e dos demais ritmos comuns ao carnaval de Recife no período descrito, seguia a mesma rota desenvolvida ainda durante os anos de 1930: sofriam tentativas de normatização por parte da secretaria de segurança pública e da Federação Carnavalesca de Pernambuco (FECAPE). A liberdade de expressão, a constituição do jogo de cores, a rítmica própria das musicalidades frevistas e as diferentes acepções presentes nos trajes usados passavam, antes do imaginário mítico e folclórico próprio dos brincantes e foliões, pela aprovação ou não da legislação apresentada para capacitar o desenvolvimento de uma festa ideal.

Nesta festa ideal não cabia ambivalências e registra-se diversos casos de homofobia e ações ostensivas<sup>17</sup> no carnaval do Recife na época ditatorial. Em 1989 Katarina Real retorna à Recife e constata que suas previsões estavam erradas, durante o carnaval do Recife do ano citado, ela constou o renascimento da Nação Elefante, o retorno da Nação Porto Rico do Oriente (que havia ficado dois anos sem sair no carnaval depois da morte do Rei Eudes Chagas em 1978). Além do aparecimento da Nação Encanto do Pina, formado por uma ala mais tradicional da Nação do Porto Rico do Oriente, além do aparecimento do Maracatu Nação Pernambuco, formado por jovens universitários (DANTAS, 1999).

Mesmo enfrentando dificuldades financeiras, outras agremiações como caboclinhos, grupos de urso, Maracatus e clubes pedestres de frevo reinventavam seu cotidiano e estabelecem sua permanência na festa urbana (MELO, 2011). A dificuldade de se manterem, financeiramente falando, também é um grande desafio para as nações de maracatu, que apesar da ajuda de várias pessoas dentro e fora de suas comunidades, tem necessidades que vão desde a manutenção e aquisição dos seus instrumentos e confecção das roupas da corte, armações, tecidos, pedrarias, colas e fitas. Enfim uma lista imensa de material que mobiliza as Nações durante o ano inteiro para participar do carnaval do Recife, além de concorrer, mantém acesa a chama que transforma e molda suas vidas dentro da comunidade e mantém viva a história de seus ancestrais.

O maracatu nação mantém sim seus valores inclusive de caráter religioso e outras de suas qualidades como no final dos anos 80 e começo dos anos 90, onde a desvincularização do sagrado causou incomodo e indignação por parte de alguns dos antigos maracatuzeiros e maracatuzeiras. Sobre essa tensão em torno da legitimidade dos maracatus nação e descaracterização Lima (2014, p. 73) nos traz o seguinte:

---

<sup>17</sup> “Casos de homofobias e ações ostensivas no carnaval de Recife na época ditatorial. Ver brincantes do silêncio” (MELO, 2001, p. 67-69).

Entre os Maracatuzeiros, seja das nações ou dos novos grupos denominados percussivos, há uma forte tensão em torno da legitimidade. Pode-se dizer que essa tensão é o resultado de uma disputa pelo mercado cultural, inflacionado pela grande quantidade de grupos. Nessa disputa, os argumentos giram em torno daquilo que legitima ou deslegitima os “autênticos” maracatus. A proliferação dos grupos percussivos tem sido vista como uma ameaça a “tradição” e como uma descaracterização dos “autênticos” grupos populares, esses sim mantenedores de uma tradição consubstanciada numa vinculação com um terreiro da religião dos orixás. Muitos velhos maracatuzeiros insistem em afirmar que esses novos grupos não podem ser chamados de Maracatu, pois não se constituem numa Nação.

Apesar das transformações na forma de compreender as danças, músicas, rituais, festas, crenças, modos de fazer e algumas tradições ao longo do tempo, a despeito da adesão do Estado brasileiro a tratados internacionais que preconizam o respeito e o fomento à diversidade cultural e não obstante às inúmeras ações e políticas públicas que foram criadas para apoio, incentivo, fomento e salvaguarda voltadas para as culturas populares e ao patrimônio imaterial, percebe-se também contradições entre alguns discursos e práticas governamentais. Observa-se, de forma recorrente, ingerências e tentativas de controle - de tempos em tempos - por parte do poder público que contrariam a retórica de valorização das diferentes expressões culturais (LEAL, 2016).

Também podemos verificar situações como as tentativas de mudança de data para as apresentações das agremiações, grupos da cultura popular, mudanças feitas pela Secretaria de Cultura do Recife, retirando as agremiações carnavalescas e da cultura popular dos dias principais do carnaval colocando-as como atrações pré carnavalescas, que teria como resultado a invisibilidade da cultura afro pernambucana, sua cultura raiz.

A organização para os desfiles das agremiações carnavalescas que engloba Escolas de samba, maracatu de baque virado, maracatu de baque solto, clube de bonecos, bois de carnaval, clube de frevos, ursos, blocos de pau de corda, caboclinhos, tribos de índio e troças, sem nenhum aviso prévio, decidiu, sem antes solicitar e saber as necessidades dos grupos, a data para suas apresentações. De início, como muita tristeza a Mestre Joana anunciou a troca de datas com um ar de conformismo, e de que nada poderia ser feito, porém, existe uma teia de apoio muito forte, entre os batuqueiros e batuqueiras e admiradores da cultura afro pernambucana de outras regiões do Brasil e uma grande mobilização foi feita e as datas voltaram para os dias principais do carnaval de Recife com a sua cultura raiz.

## 1.2 DAS CONQUISTAS E DE UM RECONHECIMENTO TARDIO

Na cidade do Recife, os maracatus sobreviveram a duras penas, e a noite dos Tambores



silenciosos, cerimônia e espetáculo criado por Paulo Viana<sup>18</sup> no início dos anos de 1960, é um dos raros momentos em que os grupos ainda ganham visibilidade no carnaval (LIMA, 2010). Queremos iniciar este subcapítulo falando da Noite dos Tambores Silenciosos como parte de uma conquista das culturas afro-brasileiras e afro-pernambucanas, sobretudo do maracatu nação, pois essa cerimônia é um resultado de uma campanha de valorização dos ritos africanos, que durante o estado ditatorial entrou em decadência, tendo o número de participantes bem reduzido devido as perseguições policiais.

Reúne as nações de maracatu em louvor a Virgem do Rosário, a Padroeira do Povo Negro, e ao longo dos anos foi ressignificada pelos maracatuzeiros, transformada em um evento de forte conotação religiosa, e voltada para a celebração dos Eguns (espíritos dos mortos e ancestrais). A noite dos tambores silenciosos tornou-se uma referência obrigatória, e qualquer maracatu nação que preze as tradições africanas tem o dever de nela participar (LIMA, 2006). No texto escrito por Andrade (2009, p. [s/p]), ela nos traz com mais riquezas de detalhes informações sobre essa Noite tão cheia de significados e fortemente marcada pela fé:

O evento sempre foi realizado às segundas feiras, dia das almas nas religiões de Origem africana [...] a Noite dos Tambores Silenciosos, que teve início com a leitura do poema Lamento Negro por Paulo Viana, no pátio da Igreja de nossa senhora do Terço, ou pátio do terço como é mais conhecido, no bairro de São José, musicada pelo compositor João Santiago, em memória dos escravos que nunca tiveram direito de brincar o carnaval, motivo pelo qual o evento era sempre realizado nessa época. A meia noite o ritual chega ao auge quando as luzes do bairro São José são apagadas e o público presente no pátio silencia. Tochas são acesas e levadas até a porta da Igreja pelos líderes dos maracatus e uma voz entoia Loas (versos de louvor, louvação em versos improvisados ou não) em louvor a Rainha dos negros, Nossa Senhora do Rosário.

Hoje em 2019 algumas mudanças ocorreram na noite dos Tambores Silenciosos, a exemplo das tochas e o coral de mães de santo, como se ver no relato de CALDAS<sup>19</sup> (2019, [s/p]):

[...] Essa questão das tochas não é feita mais, não sei em que data acabou isso, mas não é feito mais. Tinha sim as rainhas sentadas, dos maracatus esperando todo ritual e os maracatus quando subiam a sua rainha descia e dançava, teve anos que não, a rainha ia com a corte, subia pro palco e o batuque ia atrás depois, ela ficava dançando no palco e a corte embaixo, o batuque abria e a rainha descia para encontrar a corte [...].

<sup>18</sup> Sociólogo e Jornalista Paulo Viana, um intelectual dos anos 50, homem negro e de muita militância nas questões que abraça o povo negro, essa criação aponta para a afirmação da identidade cultural afrodescendente e a ocupação estratégica de expansões sócias.

<sup>19</sup> Isabelle Caldas foi batuqueira da Nação Estrela Brilhante por onze anos, e hoje é batuqueira da Nação do Maracatu Encanto do Pina e do Maracatu Baque Mulher. Vide Figura 24, p. 96.

Foi Badia quem estabeleceu, juntamente com o sociólogo e Jornalista Paulo Viana, década de 1960, o encontro das nações de maracatu no pátio do Terço para a cerimônia da noite dos tambores silenciosos (MASCARENHAS; CAMPOS, 2011). Nos orgulhamos em saber da participação dessa grande mulher para a cerimônia dos Tambores Silenciosos. Badia morreu em 1991 com 71 anos de idade a grande dama do carnaval do Recife. Em 1997 foi criada a previa carnavalesca conhecida como o Baile Perfumado em homenagem a fundadora, diretora, madrinha, costureira, e bordadeira de vários grupos carnavalescos, a Mãe Badia (VERARDI, 2009).

Os anos 70 são vistos como um período de ressurgimentos dos movimentos sociais entre eles os movimentos Negros, como o Movimento Negro Unificado (MNU). Junto com a Nação Leão Coroado, contribuíram com intervenções que foram fundamentais para discutir a negritude, a afirmação, autoestima a identidade dos grupos negros pernambucanos, como os movimentos de mediação cultural também foram fundamentais à transformação do Maracatu Nação como coisa de negro fadado a desaparecer, para o lugar de cultura autenticamente pernambucana nos anos 1980 com o surgimento de novas nações a exemplo do Maracatu Encanto do Pina Fundado em 1980 pela Yalorixá Maria de Sônia.

No final dos anos de 1980 e começo dos anos 1990, ocorreu uma explosão cultural, conhecida como o Boom do Maracatu, com novos grupos de maracatu que começaram a surgir. Diferentemente dos Maracatus Nação eles não traziam consigo o fator religioso, causando incomodo a alguns maracatuzeiros mais antigos. O primeiro grupo em destaque desta época foi o Maracatu Nação Pernambuco, que apesar do nome não corresponde aos Maracatus Nação tradicionais de baque virado. Surgiu em 1989 com seus fundadores: Amélia Veloso (atriz e coreografa), e Bernardino José (dançarino e músico).

Esse grupo surge como uma agremiação carnavalesca de rua, que depois toma uma concepção cênica para o palco, sendo configurado como um projeto artístico, onde veem o maracatu como um expressão cênica completa. Esse grupo traz algumas personagens das Cortes Reais, levando a história para os palcos e tendo uma boa repercussão em Pernambuco, até que jovens brancos de classe média, universitários e músicos formaram o grupo Chico Science e Nação Zumbi, hibridizam o ritmo do Maracatu Nação e do Maracatu Rural com outros ritmos: o rock, e o rap, criando uma onda imensa conhecida por Mangue Beat. Estas foram as sementes do diálogo entre a classe média com os arrebaldes, posteriormente os maracatus iniciaram suas ondas de popularização com instrumentos que deixaram os maracatus mais vistosos a cena cultural de Pernambuco, crescendo e se popularizando ainda mais no início do século XXI

(FRANÇA FILHO; DIAS MEDEIROS, 2010). Sobre essa nova roupagem branca e universitária e mais artística do maracatu:

Um dos aspectos mais marcantes da história recente do Maracatu é o fato de seus elementos terem recentemente sido, mais do que nunca, elevados à categoria de “arte” e em seguida se transformado em objeto de um fetiche que em último caso o levou para às mãos de “artistas”- a “febre do Maracatu”, verificada em várias cidades do Brasil e do Mundo. Assim, o Maracatu é cada vez mais “dança”, “música” “lírica”, “performance” (CARVALHO, 2007, p. 17).

Diante dessa grande repercussão Ivaldo Lima (2010) e Ignacio Carvalho (2007) nos trazem importantes reflexões sobre os esforços de líderes(mulheres e homens) que agiram buscando alianças para o reconhecimento de suas práticas, seus saberes e afazeres nos maracatus nação anteriores a este boom. Essas abordagens históricas do maracatu nos mostra que os maracatuzeiros e maracatuzeiras tiveram que agir e reagir às conjunturas diversas, e não estiveram passivos aguardando que outros seguimentos da sociedade por eles se interessassem (LIMA, 2010).

Assim, mesmo se muitas vezes apontavam para o desaparecimento do maracatu, pessoas como líderes e rainhas de nações, foram os responsáveis por essa resistência e permanência, a exemplo Mestre Luís de França, Cabeleira, Zé Gomes, Rainha Dona Madalena, Dona Santa, Rosinete, Maria de Sônia, Elda Viana e etc. Não seria justo atribuir a resistência do maracatu aos efeitos de grupos para-folclóricos ou uma banda de rock (Chico Science e Nação Zumbi), apesar de ter raízes profundas na periferia de Recife, circulou principalmente pela classe Média e pela Industria Cultural Internacional (CARVALHO, 2007).

Pode-se entender inclusive como fortemente ideológico essa atribuição, no sentido discriminatório mesmo, por ser uma manifestação que tem suas raízes na comunidade. Embora com sentidos diferentes (mais artísticos e de espetáculo) os dois movimentos Mangue Beat e o Maracatu Nação Pernambuco aproximam o público para a base principal do universo do Maracatu negro pernambucano, dos terreiros e Nações, além de divulgar a cultura e a tradição negra, abriram caminho para um diálogo mais profícuo, dos terreiros principalmente com a sociedade.

Assim o universo do maracatu nação vem sendo marcado por constantes transformações, novos instrumentos são inseridos no batuque como o agbê e o atabaque, até que esses novos grupos receberam o nome de para-folclóricos, estilizado, de orquestra, e para alguns: maracatu dos ricos, destacando que nação aponta para um caráter restrito e enraizado numa comunidade social e religiosa.

Assim um maracatu para-folclórico pode se considerar um maracatu de baque virado e não um Maracatu Nação. Por outro lado, o maracatu ganhou mais espaço dentro das suas comunidades de origem, (e também fora delas) trabalhando cada vez mais nas questões que envolvem pessoas em situações de vulnerabilidade, envolvendo um sentimento musical e artístico e articulando as pessoas em torno de seu potencial religioso simbólico e até mesmo de classe (CARVALHO, 2007). Lima (2010) destaca outras perspectivas dessa renovação do maracatu como por exemplo, permitir a presença do maracatu nos palcos, e promover personalidades da cultura negra a exemplo do Mestre Salustiano e Lia de Itamaracá, sem contar nas alianças que surgiam entre esses novos grupos e movimentos com os maracatuzeiros e Mestres das Nações:

Alguns Jovens sob a esteira do movimento manguê, estabelecem alianças com Maracatuzeiros e propiciam a entrada do “ressurgido” Estrela Brillante em cena, participando de grandes eventos como o Abril pro Rock e Pé no Rock. Tal aliança ajuda a entender algumas das razões do sucesso deste maracatu, que desmontou os campos existentes embora parte dos anos 1980 e 1990, despontando como o modelo de maracatu de sucesso, viajando pelo Brasil inteiro e o exterior, apresentando shows e ministrando oficinas de percussão (LIMA, 2010, p. 24-25).

Um outro acontecimento que marca as conquistas e o grande reconhecimento do maracatu com uma autêntica manifestação afro-pernambucana fazendo parte da construção da identidade pernambucana e brasileira é a abertura oficial do carnaval do Recife ser feita por todas as nações, teve início em 2011 e se mantém até hoje 2019, tendo sido regido por Naná Vasconcelos<sup>20\*</sup> até 2016 e hoje é conduzida a organização que envolve todos os Mestres e Mestra de Maracatu Nação, e pelo Mestre Chacon Viava.

Com o falecimento de Naná Vasconcelos, houve momentos de muita discussão entre as nações e os órgãos públicos responsáveis pela organização de abertura do carnaval, se manteriam ou não, e foi mantido a abertura de carnaval com as Nações de Maracatu.

Assinalo, referente ao “reconhecimento tardio” do maracatu o processo de patrimonialização do Maracatu Nação, é um importante marco pois reconhece e titula o Maracatu Nação como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil - IPHAN. Como lembra Guillen (2008) As políticas

---

<sup>20</sup> Juvenal de Holanda Vasconcelos, o saudoso Naná Vasconcelos, regia as nações a sexta feira de carnaval, eleito oito vezes o melhor percussionista do mundo pela revista americana Down Beat e ganhador de oito prêmios Grammy. Naná Vasconcelos era pernambucano, tendo nascido e morrido em Recife aos 71 anos de idade. Em 2016, ano da sua morte, fez sua última regência junto a onze nações de maracatu e quatro grupos de caboclinhos, fazendo a intervenção junto mais de 400 batuqueiros, após a apresentação Naná falou: “É uma celebração dos orixás. homenageia a cultura africana e também a nossa cultura”.

Públicas existentes no Brasil sobre o patrimônio imaterial seguem a tendências internacionais, bem como os ditames propostos pela Unesco desde 1989, quando lançou o programa de salvaguarda das culturas tradicionais que, diante do crescente processo de globalização necessitariam de proteção, seja porque se encontravam em processo de desaparecimento, ou porque tornavam-se objeto de cobiça no mercado cultural que passou a definir as manifestações culturais simplesmente de bens.

A luz do trabalho da Gullen (2008), podemos expandir o conhecimento do que seria uma visão ampliada de patrimônio a exemplo do patrimônio imaterial, que tem seus alicerces em uma concepção antropológica de cultura, e de que temos por obrigação repensar a ideia de patrimônio nacional, ou seja que este não é apenas constituído de monumentos. Estamos diante de novas políticas da memória e de novas formas de administração institucional do passado. “Dando a oportunidade de registrar uma memória de seu passado fundamental para a definição das identidades [...] grupos em sua maioria considerados como tradicionais e que foram em grande medida silenciados na construção da memória Nacional” (GULLEN, 2008, p. 162), ainda Lembra que “é dever do estado não apenas criar condições para que os Mestres possam reproduzir seu saber, mas que sua obra permaneça para futuras gerações” (GULLEN, 2008, p. 162). Neste sentido CHAUI (2006) e PAOLI (1992) lembram que o direito à Memória e seu legado às gerações futuras deve ser garantido pelas Políticas Públicas que objetivam lidar com o Patrimônio cultural” (CHAUI, 2006; PAOLI,1992).

O IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e também a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, nos traz a classificação de Patrimônio Imaterial e umas informações relevantes:

O Patrimônio Imaterial são bem Culturais transmitidos de geração à geração, e recriados pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, sua interação com a natureza e sua História, gerando um sentimento de identidade e continuidade. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito à práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou Lúdica e nos lugares (como mercados, feiras e Santuários que abrigam práticas culturais coletivas). Ainda segundo o Iphan a constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio Cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Nesses artigos da Constituição, reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade Brasileira (IPHAN, 2014).

A UNESCO (2003), define como Patrimônio Imaterial:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas- com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associadas- que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio Cultural.

Esta definição está de acordo com a convenção da Unesco para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006. Para atender as determinações legais e criar instrumentos adequados ao reconhecimento e a preservação desses bens imateriais, o IPHAN coordenou os estudos que resultaram na edição do Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, que instituiu o registro de bens culturais de natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e consolidou o INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais (2000). Em 2004, uma política de salvaguarda mais estruturada e sistemática começou a ser implementada pelo IPHAN a partir da criação do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI).

O INRC, traz conteúdos sobre referências culturais e base para novas políticas de Patrimônio, sendo uma conquista de grande relevância o Maracatu Nação que construiu bases para garantias futuras, garantias reservadas às manifestações populares a partir da obtenção do título patrimônio e salvaguarda: “ um inventario de referência cultural para o maracatu nação, significa a chance de ter o seu reconhecimento consolidado no conjunto de Nação” (OLIVEIRA, 2014, p. 05).

Para OLIVEIRA (2014) o título de patrimônio imaterial nada mais é do que uma forma de preservar as tradições culturais de uma povo e de que nesse sentido, ganham importância as políticas públicas de cultura atuais, criadas no intuito de salvaguardar os bens imateriais. Encontramos entre as categorias de bens, investigadas pelo IPHAN, temos as: celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, edificações e lugares. O Maracatu Nação foi classificado na categoria formas de expressão. O pedido de Registro do Maracatu Nação como Patrimônio Cultural do Brasil foi aberto no Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) em 07 de julho de 2008, e o trabalho de campo<sup>21</sup> do seu mapeamento e registro foram feitos em 2011/2012, por meio da AMANPE - Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco, com o pedido formal dão o contato direto com os grupos de maracatuzeiros(as) para a aprovação e anuência para que o estado pudesse conduzir o inventário.

---

<sup>21</sup> A pesquisa de campo teve apoio do Laboratório de História Oral e da Imagem – LAHOI, e todo trabalho envolveu 26 comunidades do Maracatu Nação.

Como parte do Inventário, foi realizado um seminário da salvaguarda pela equipe de pesquisadores(as) do inventário em 2012 na UFPE como proposta de orientar os Maracatuzeiros(as) sobre as Políticas de Salvaguardar do Patrimônio Imaterial. O Dossiê do Maracatu Nação realizado pela equipe do INRC cita alguns dos autores que uso como referências bibliográficas deste trabalho, a exemplo de Guerra Peixe, que é considerado fundamental nos estudos do Maracatu, o primeiro estudioso a distinguir os grupos do Maracatu Nação ou (baque virado) do Maracatu Rural de (baque solto ou maracatu orquestra), tendo também classificado as variações dos baques, a exemplo do martelo e baque de parada.

O Dossiê apresenta que hoje essas nações são responsáveis pela afirmação de uma Identidade negra e nesse sentido, os Maracatus Nação vêm colaborando com as Políticas de promoção da igualdade racial levadas a efeito em Pernambuco, contribuindo para a valorização da cultura negra não só em Pernambuco mas em todo Brasil. O Dossiê teve por objetivo fornecer subsídios e fundamentar o pedido de registro no livro de registro das formas de Expressão encaminhado pelo Centro Técnico de Assessoria e Planejamento Comunitário e pela FUNDARPE.

Ao reconhecer o Maracatu Nação como Patrimônio Cultural do Brasil, pensa-se criar condições para que os grupos desenvolvam ações que garantam sua sustentabilidade, bem como que as Políticas de Salvaguarda contribuam para a melhoria, não só dos modos de fazer o Maracatu, mas acima de tudo para a promoção de uma equidade social. “O INRC tem como finalidade produzir conhecimento sobre os domínios da vida social, aos quais são atribuídos sentidos e valores que constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social” (CASTRO e FONSECA, 2008, p. 21).

O inventário também destaca o cotidiano do Maracatu Nação que durante todo ano, atuam nas comunidades, em geral de alto risco social, de onde saem a maior parte de seus integrantes. Ao longo do ano, promovem ensaios, festas de aniversário ou apresentações fora do carnaval. Garantindo o sentido de comunidade permanece entre os membros dos grupos através de relações de vizinhança ou parentesco (inclusive religioso), e do compartilhamento de práticas culturais e religiosas. Como ajudas diretamente relacionadas ao maracatu como oficinas ou ainda em campanhas de assistência na própria comunidade, “A tradição entre os Maracatus atesta mais do que sobrevivência de antigos costumes de negros e negras do passado, sinaliza que os Maracatus Nação podem ser pensados como estratégias de luta, conquista de um povo” (IPHAN, 2014, p. 39).

No dia 10 de agosto de 2015 foi conferido o título de patrimônio cultural do Brasil ao Maracatu Nação, assinado pela presidente do IPHAN Jurema Machado. Outra conquista para o

Maracatu foi um dia em sua homenagem e comemoração, o 01 de agosto 2017 a ser celebrado em todo território Nacional (PL 7133/17). Essa data de primeiro de agosto é o dia do nascimento do Mestre Luiz de França do Maracatu Nação Leão Coroado, escolhida em sua homenagem e memória, a data já é comemorada em Pernambuco desde 1997.

Veremos a seguir, na segunda parte do trabalho, as funções atribuídas e a divisão de poderes existentes. Lugares demarcados seguindo tradições que envolve a religiosidade e nos traz questões relacionadas ao gênero, iremos ver a seguir algo que chamo de revolução do maracatu, realmente uma história de luta e poder feminino.



## **CAPITULO 2: A DIVISÃO DOS PODERES NO MARACATU NAÇÃO, ENTRE RELIGIOSIDADE E QUESTÕES DE GÊNERO, A QUEBRA DE TRADIÇÕES QUE LIMITAM**

### **2.1 PODERES: TEMPORAL E DO DIVINO**

Em memória às mulheres que vieram antes, este capítulo vai apresentar os espaços predestinados à elas dentro do maracatu, ou seja, como era feita essa divisão de poderes e quais as funções destinadas para as mulheres e para os homens dentro dos Maracatus. Divisões que supomos, contribuíram para a invisibilidade das poderosas Yalorixás e Mães de Santo que movimentavam suas comunidades, Yalorixás não citadas nas literaturas nem nas histórias oficiais.

Esse subcapítulo vai levantar a questão da proibição das mulheres no batuque, onde elas podiam ensinar a tocar os instrumentos mas eram proibidas de tocarem em público, bem como mostrar que o poder feminino tem uma resposta que revoluciona e transforma antigas tradições, espaços e vidas. Dentro da organização interna do Maracatu Nação podemos destacar dois poderes que são atribuídos em forma de funções, definindo posições para homens e mulheres, repartindo o poder temporal e o poder do divino. Essas atribuições apresentam um simbolismo relativo ao feminino e ao masculino, traduzindo formas desiguais de divisões, que envolvem questões de gênero justificadas à luz da religiosidade, ou de antigas tradições.

Para o homem, cabe o poder temporal: o público, a relação política, os méritos do comando, da ordem e sincronia do batuque, o poder do apito, da liderança, as homenagens de reconhecimento pelo trabalho feito em conjunto. Poder temporal é a capacidade de agência que determinados indivíduos e/ou grupos usufruem para tomar posições, decidir algo, organizar, liderar (OLIVEIRA, 2001).

Para a mulher cabe o poder do divino: o sagrado, o privado, o poder de abençoar a nação, cuidar do Ylê e dos filhos da nação, a função do corte, costura, reparos e a organização das demandas de obrigação religiosa, ensinar, a sua privação do tocar no batuque, a privação dos seus corpos de saírem na corte em seus dias menstruais o que nos leva à reflexão de que estar menstruada é estar ‘suja’ ‘impura’, vemos que:

No maracatu pernambucano, os significados de gênero, além de estarem pautados em ideias que essencializam masculino e feminino, respaldam-se em símbolos religiosos que dão sentido as práticas sociais dentro da manifestação e orientam a posição de homens e mulheres (LIMA et al, 2012, p. 194).

Algumas autoras consideram que existe uma relativa equidade de participação de homens e mulheres dentro do maracatu (LIMA et al., 2012; NEVES, 2010). Assim posições justificadas por símbolos religiosos, com implicações na distribuição de poder entre eles e elas. Entretanto, do ponto de vista simbólico, é possível sugerir que o masculino representa o poder temporal, encarnado no mestre que lidera o batuque, e o feminino representa o poder sagrado, que emana da corte, encarnado nas figuras da Rainha e da Dama do Paço (LIMA, 2012, p. 184).

Entendemos que é através do sentido religioso que ocorre a classificação de gênero nos espaços que formam o conjunto do Maracatu Nação, que a corte é feminina e o batuque masculino (LIMA et al., 2012). A corte liga-se e se volta mais ao sagrado, sintetizado nas personagens da rainha e da dama do paço, que protegem o grupo por meio de ações religiosas das mulheres; e o batuque vincula-se ao temporal, sintetizado na personagem do mestre, referente à legalização do grupo frente ao Estado e à captação de recursos para mantê-lo. Esta organização implicou, por muito tempo, que as mulheres estivessem na corte, mas não entrassem no batuque (LIMA et al., 2012).

No batuque há um simbolismo de poder ligado à Política, ao poder temporal do mundo ordinário, citando o Mestre Luiz de França sobre a classificação do batuque como masculino e tomando-o como emblema, fazendo com que a maioria das pessoas acreditem, ainda hoje, que esta posição deve ser ocupada pelos homens, “isto pela força e liderança que o mestre deve possuir para comandar o conjunto de batuqueiros e pelo seu poder de articulação Social, qualidades supostamente não encontradas nas mulheres” (LIMA et al, 2012, p.195).

Essa ideia dominava e domina hoje sustentando a dúvida quanto às potencialidades das mulheres, e o seu poder, nesse campo de definição que normalmente as relações se estabelecem, articulando o poder de forma desigual, revelando as assimetrias nas posições de homens e mulheres (SCOTT, 1996). Nesse sentido Scott (1996, p.21) “o gênero também é uma formação específica de poder”, não diz respeito apenas às relações sociais como estabelecidas entre sexos, segue afirmando que:

É uma categoria ordenadora de significados que atribui sentido a diferentes esferas da vida social, de forma que se desloca do sexo e transforma-se em um modo de classificação do espaço, do tempo, das instituições e etc [...]; que orientam a constituição de subjetividades indo mais além, Pode-se dizer que o Gênero também é uma formação específica de poder.

Importante também no Maracatu Nação, o que “opera orientando as relações Sociais, sendo necessário uma análise de gênero para identificar como isso ocorreu” (NEVES e ALBERNAZ, 2010, [s/p]). Ao longo da história do Maracatu Nação, podemos perceber o

deslocamento do poder sobre a posição da mulher, passando estritamente do poder espiritual para o temporal, atingindo a arena das decisões, comandos, agência.

Dona Santa é um grande exemplo de liderança feminina, uma rainha que se torna liderança na organização do grupo, renovando e reconfigurando as relações de poder, mas também ocasionando tensões e disputas dentro do próprio grupo. Dentro dessas reconfigurações, é compreensível que ocorreram rupturas decorrentes destas tensões, contribuindo para “uma ruptura na fixidez dos espaços antes destinados apenas aos homens” (OLIVEIRA, 2017, p. 137).

À luz dos trabalhos de Oliveira (2017), constatamos que a liderança pela rainha coroada parece ser o momento que se deu tal inversão, e Dona Santa é um exemplo que ao ser coroada em 1947, Dona Santa iniciou seu legado consagrando-se como símbolo de realeza, poder sagrado e liderança temporal, reconhecida pelos integrantes da sua Nação e por tantos outros grupos existentes na época. A autora aponta Carvalho (2007), revelando que dentro da nação, por exemplo, os batuqueiros devotavam-lhe muita obediência e reverência frente ao seu papel, e que sua trajetória rendeu-lhe ainda a simpatia e o respeito dos intelectuais recifenses, bem como de uma elite política que enxergava a cultura de origem africana pela lente do preconceito e da perseguição racial.

Tal reconhecimento e conquista de Dona Santa justifica o aparecimento de seu nome nas obras dos historiadores e estudiosos sobre o maracatu, pois como já dissemos, existem poucos relatos quanto à posição das mulheres, ou elas dificilmente são citadas, sendo comentadas apenas como figuras religiosas, donas de casa, rainhas ou damas do paço, sendo difícil encontrar uma literatura com destaque às Yalorixás, e a importância dessas mulheres na base e sustentação do maracatu. A Principal razão para esta ausência decorre da Teoria Social, como afirma Oliveira (2011, p. 35):

Nela as mulheres tem suas posições derivadas dos homens (pai, marido ou filho), e suas posições não teriam importância e não mereciam uma investigação empírica relevante; isso justifica elas terem permanecido invisíveis por muito tempo. Hoje, a luta por espaço da mulher é uma bandeira levantada em todos os campos de poder, modificando também a teoria social.

Tomando como foco as rainhas, que se lançam na liderança do grupo, rompendo a Hegemonia masculina e o enfrentamento as tensões inerentes a esse drama social OLIVEIRA (2017) revela os processos sincrônicos que se estabelecem significando o contexto dessas relações, que em linhas gerais pode ser como de rupturas, crise, liminaridade e desfecho. Porém, os avanços das mulheres e transformações estão cheios de poréns, no trabalho de Lima et al.

(2012), vemos que essa dimensão da inserção das mulheres na posição de líder e sua atuação dentro da corte parece gerar disputas com o mestre, rainhas e damas do paço que carregam a calunga, ocupam posições “legítimas” para as mulheres, parecendo não haver uma relação direta (como liderança) por estarem nestas personagens, embora elas não serem reconhecidas como lideranças e organizadoras das relações do conjunto do grupo.

Essas atribuições de posições legítimas a mulher, localiza o poder feminino no nível simbólico. Um exemplo é quando o poder da Calunga passa a mulher que à carrega, a Dama do Paço, que por estar nesse papel, fica impedida de se desdobrar na esfera da prática ou comando, como nos traz OLIVEIRA, (2011). Depois de uma entrevista a um maracatuzeiro: na medida em que atribui o poder do maracatu às Calungas este maracatuzeiro diminui a importância da mulher dentro da própria manifestação, enquanto liderança espiritual e temporal, localizando o poder feminino no nível simbólico e deslocando-o para o masculino no nível das práticas neste caso para sua pessoa como Mestre do Batuque. Isto porque o poder é da Calunga, um artefato unguído de sacralidade. Como tal e seu poder está nele e nele, concentrado, sendo impedido de se desdobrar para as mulheres na esfera das práticas.

Oliveira (2011), também nos traz questões sobre práticas que secundarizam a posição da mulher como rainha, pois nem todos os grupos lhes conferem poder, existindo uma certa resistência às coroações das rainhas. Em uma entrevista concedida ao jornal Diário de Pernambuco (2009, p. 66) o mestre Afonso Aguar da Nação Leão Coroado, deixa transparecer que: “a rainha não precisa ser líder espiritual. O enredo do Maracatu é que tem que ter uma rainha Negra. O forte, o axé do maracatu, está nas Calungas”.

Tais colocações, revelam o caráter hegemônico dos espaços sociais, tornando a Rainha secundária onde basta ser negra para manter a tradição. Ou seja, nem precisa de coroação, nem estar à frente das questões espirituais, basta que seja uma mulher negra, e já pode levar a Calunga. Em uma entrevista cedida à autora pela rainha Nadja de Angola da Nação do Maracatu Leão da Campina, Lima (2011, p. 68) relata que:

Nas nações em que o comando está sob a responsabilidade de um Homem, as Rainhas são invisibilizadas, Só nas Nações Lideradas por mulheres, muitas vezes rainhas, elas se destacam por assumirem o controle de tudo. Sendo também coroadas, a posição ainda é mais legítima, recaindo sobre elas poderes espirituais e temporais.

Estas falas me remetem ao trabalho Silva (2017) que traz a importância da história oral, possibilitando que as vozes das mulheres fossem ouvidas, Perrot (1989), assegura que a

narrativa história voltada aos espaços públicos- política, guerra e economia- impossibilitou que as mulheres estivessem presentes nesta escrita, uma vez que estavam resguardadas ao espaço privado- da família e do lar.

Mesmo quando passaram a ser tema das investigações históricas, a escassez de fontes foi um grande problema para as pesquisas, pois estas não estavam nos arquivos públicos tão caros a história oficial. Contudo, a história oral possibilitou que as vozes destas mulheres fossem ouvidas, assim como as vozes de todos os sujeitos históricos ignorados. Para as mulheres, a história oral aparece como uma revanche (PERROT, 1989).

Tais Mudanças teóricas metodológicas também ameaçam a hegemonia masculina, porém “estas mudanças ainda são vistas como pontos negativos por parte de alguns grupos ou indivíduos que prezam pelo fator tradição, acreditando que o maracatu perderia sua “originalidade” a partir destes novos espaços” (NEVES e ALBERNAZ, 2010, [s/p]).

Uma questão que me despertou certa inquietude foi tentar compreender respeitosamente a questão da menstruação que recai sobre a mulher, como forma de um certo controle às suas ações dentro do Maracatu Nação. Me parece que isso acarreta um certo estigma, como por estar suja, impura. A menstruação dentro dessa manifestação parece ligar esse momento do ciclo da mulher a algo ruim porque sangra, o corpo está aberto vulnerável a más energias. Vasconcelos (2016) tenta compreender as relações de gênero envolvendo um maracatu de baque solto (rural), formado por mulheres em Nazaré da Mata, o grupo de Maracatu Coração Nazareno, onde encontrei informações sobre a questão da Menstruação, que entendo que também se estenda ao maracatu nação:

A impossibilidade de participarem das apresentações menstruadas simboliza impureza explicada pela má sorte, relacionado a este período de vida das mulheres. Estas proibições ligadas ao sexo estaria relacionadas com a religiosidade, pois o maracatu de baque solto possui elementos do sincretismo afro-indígena (VASCONCELOS, 2016, p. 45).

Vieira (2003), afirma em sua narrativa que as mulheres tomavam chás à base de ervas para antecipar o ciclo menstrual, buscando, com isso, não atrapalhar o ritual do Maracatu. Outros estudos sobre o Maracatu também revelam essa posição em torno da mulher menstruada como se ver no depoimento de um Babalorixá chamado Sr. Manuel do Nascimento no trabalho de SANTOS, (2011, p. 11), onde ele fala:

O estandarte do clube das pás possui um forte fundamento religioso, tradicionalmente preservado: ‘No estandarte do clube das pás, mulher não pegava, porque não se sabia se ela estava Mestruada. E aquilo era um estandarte prepara no Oxê, naquele Símbolo

que tem em cima do estandarte, tem duas pás cruzadas e uma bola. E dentro daquela bola tinha um segredo’.

As duas figuras de mais destaque no Maracatu Nação são a rainha e a dama do paço, também trazendo consigo certas regras e obrigações que precisam cumprir, em respeito ao que se pede, sobre os preceitos religiosos, segundo informações de duas damas do paço de nações diferentes, elas passam por um momento de resguardo: não bebem, não fumam, não podem largar a boneca em qualquer lugar, mantém abstinência sexual no período do carnaval, pois tem a missão de carregar a Calunga, a boneca que representa toda ancestralidade dos que já se foram, representa os eguns (espíritos dos seus ancestrais). Nela é depositada toda a força da Nação, e esse ritual de obrigação<sup>22</sup> seria para limpeza interior de seus corpos; da carne e do espírito.

No INRC (2014) do Maracatu Nação, também relata informações sobre essa questão do ciclo menstrual da mulher, algumas nações a questão de sair menstruadas se estende para as demais mulheres da corte “no Estrela Brilhante de Igarassu, a restrição referente à menstruação estende-se para as demais posições das mulheres na corte” (BRASIL, 2014, p.136). Ainda sobre as impedições das mulheres podemos constatar que:

Antigamente as mulheres não integravam o batuque, as mulheres não podiam tocar. A explicação para isso estaria relacionada à questão religiosa. De acordo com a religião, as mulheres não deveriam tocar os tambores por terem o corpo aberto, algo que se agravaria com a menstruação. De modo semelhante, parece prevalecer aqui a mesma regra que é posta por alguns grupos às mulheres que desfilam no cortejo. Essas questões por muito tempo foram motivos de interdição das mulheres na parte percussivo (BRASIL, 2014, p. 139).

Mas adiante iremos compreender como se deu a inserção das mulheres no grupo percussivo do maracatu, (o batuque) e como essa questão da menstruação, parece ter se estendido para as mulheres que faziam parte do batuque. Pude confirmar essa questão numa entrevista feita a um integrante do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife em 2010: “[...] o que se comenta é que a mulher percussionista, em relação aos ogãs do Terreiro, quando menstrua parece que tem contra-axé justamente na menstruação que é um descarrego. Então, quando ela está menstruada lá no Estrela não toca” (OLIVEIRA, 2011, p. 39).

A entrevista acima foi feita em 2010, e não podemos afirmar se persistem essas regras quanto a menstruação, porém em outras nações essas questões foram totalmente resignificadas, a exemplo da nação do Maracatu Encanto do Pina (1980), onde a Mestra Joana Cavalcante tem outra visão quanto ao ciclo menstrual das mulheres, num relato muito rico a mim concebido

---

<sup>22</sup> Vide Figura - 2 p.92

pela Dama do Paço Mariana Bianchi<sup>23</sup> que por três anos consecutivos (2017/ 2019) carrega a boneca da nação ela relata:

[...] Mãe Joana não me limita em nada por conta da menstruação. Não tenho barreiras pra nada dentro da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Ela diz: se menstruação é a saúde da mulher, como a mulher pode ficar vulnerável as más energias? Ela valoriza muito a menstruação da Mulher [...] (BIANCHE, 2019 [s/p]).

Para discutir essa questão, trago que é a sociedade, e não a biologia que define o comportamento humano por meio da cultura, dos valores e dos símbolos (SCOOT, 1996). Pois também para Oliveira (2011, p. 51-52):

Não resta dúvida de que as definições normativas de gênero utilizadas para classificar o lugar do feminino e do masculino dentro do Maracatu, decorrem de concepções Naturalizadas do que é ser mulher e ser homem no senso comum, as quais operam atribuindo a ambos sentidos distintos de Gênero.

As divisões dos poderes e posições para homens e mulheres me remete também a Ortner (1979), quando ela expõe a lógica subjacente do pensamento cultural que assume a inferioridade feminina. Ortner (1979, p. 101-102), associa simbolicamente a mulher com a natureza, em oposição aos homens que são identificados como com a cultura:

Onde a cultura controla a natureza de acordo com seus próprios interesses ao invés de habituar-se à ela, mover-se com ela, ao invés disso a cultura age com uma manipulação intencional com fim de regular e manter a “ordem” ... uma vez que o plano da cultura sempre é submeter e transcender a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará “natural” subordina-las, para não dizer oprimi-las.

Sobre a menstruação ocorre a dominação do masculino, pois “em muitas culturas a menstruação interrompe a rotina da mulher pondo-a numa situação estigmatizada que envolve várias restrições de suas atividades e contatos sociais” (ORTNER, 1979, p. 103). A autora liga a situação fisiológica da mulher, começando pela procriação, “a estrutura fisiológica, o desenvolvimento e as funções femininas que fazem que a mulher, muito mais que o homem sejam vítimas das espécies” (ORTNER, 1979, p. 60, apud, BEAUVOIR, 1953. [s/p]).

Para facilitar o entendimento dessa relação, de maior proximidade da mulher com a natureza, primeiramente parece que o corpo feminino parece condena-la a procriação, ao privado, ao confinamento feminino motivado por seu processo de lactação, ao cuidar dos filhos e da casa, enquanto o homem tem a oportunidade de expor sua criatividade externamente, no

---

<sup>23</sup> Vide Figura - 6, p. 93.

público, construindo, modelando, criando novos instrumentos através das oposições natureza/cultura privado/público, podemos pensar as divisões dos poderes dentro do maracatu onde o divino/temporal revelam que “A noção de que a unidade doméstica- a família biológica encarregada de produzir e socializar novos membros da sociedade, se opõe à entidade pública- a estrutura dominadora das relações e alianças que é a sociedade” (ORTNER, 1979, p.108). Parece que os caminhos de oportunidades para as mulheres sempre foram mais estreitos e limitantes em comparação aos homens:

Em quase todas as culturas as atribuições admitidas para seu sexo são mais estreitamente circunscritas do que as dos homens; é oferecido às mulheres uma menor variação de escolha de atividades e lhe é permitido um acesso direto a uma variação muito mais limitada de instituições sociais[...] e ainda que: tanto o homem como mulher podem e devem ser envolvidos igualmente em projetos de criatividade e transcendência. Somente então, as mulheres serão associadas com a cultura no dialético progresso da cultura com a natureza (ORTNER, 1974, p.118).

Antes dos anos 90 os batuques eram compostos apenas por homens. Já nos novos arranjos do ‘boom’ do maracatu as mulheres reconfiguram um cenário que antes não as incluíam, mesmo se dentro das comunidades, embora proibidas de tocar, elas tocavam. Mesmo havendo limitações de se apresentarem em público elas tocavam e ensinavam a tocar, escondidas, dentro dos barracões, e disso não podia passar:

As transformações que levaram a valorização do maracatu possibilitaram novos arranjos e, muito provavelmente, a inserção das mulheres neste espaço. Na memória atual considera-se que elas não integravam o batuque e não podiam ser Mestras. Porém, algumas pessoas entrevistadas mencionaram exemplos de exceção, e salientam que a atuação era para ensinar a tocar sem ter o direito a se apresentar publicamente, como é o caso de Rosinete do Maracatu Elefante (LIMA et al., 2012, p. 190).

Inspiradas na descrição de Lima et al. (2012), há duas hipóteses ao início da inserção das mulheres no batuque do Maracatu: a primeira diz respeito a um sinal de prestígio para os grupos tradicionais terem no seu conjunto a presença de pessoas de classe média, e daí a aceitação das mulheres. E a segunda hipótese plausível é o apoio das feministas negras, mesmas hipóteses sustentadas no INRC do Maracatu Nação.

O Dossiê também lembra, que os maracatuzeiros (as) mais antigos (as) citam Rosinete do Maracatu Elefante, que participava dos ensaios, ensinava os batuqueiros a tocar corretamente, porém não se apresentava em público. O Dossiê também menciona Martha Rosa, militante do movimento negro e primeira mulher a se inserir no batuque do Maracatu Nação Leão Coroado do Mestre Luiz de França (BRASIL, 2014, p. 140).



No que diz respeito à inserção das mulheres no batuque, as reconfigurações feitas em algumas nações, Oliveira (2011, p. 28) afirma que com o surgimento dos grupos percussivos formados por pessoas de classe média, “elas passaram a marcar presença nesse setor onde a participação feminina, tocando alfaia, sempre foi efetiva”, motivadas por esse novo contexto, as pessoas das camadas populares reconfiguraram os espaços de homens e mulheres dos Maracatus Tradicionais, sobretudo no batuque. Sobre as mulheres que vieram de fora para se inserirem nas comunidades e terem outras percepções da tradição, propondo novos modelos e fazendo refletir suas condições enquanto mulher dentro do Maracatu Nação, Silva, (2017, [s/p]) aduz que:

É pertinente observar, assim, que os questionamentos que levaram as mulheres a proporem mudanças no funcionamento destas instituições se dão por um lado, por suas expectativas em relação à sua condição enquanto mulheres, ou seja, uma questão de gênero, e por outro lado, pela possibilidade de se intervir nessas dinâmicas culturais e sociorrelacionais uma vez que, ao virem de ambientes “de fora” lhes foi possível conceber as tradições a partir de concepções que extrapolam o dia a dia dessas comunidades onde se inseriram, trazendo seus anseios para dentro destas, propondo novos modelos de socialização e concepção do feminino dentro do Maracatu.

Dessas reflexões podemos concluir ou deixar uma reflexão no ar: dentro do batuque do Maracatu Nação a maioria das mulheres estava tocando o agbê porém, sendo essa maioria de dentro da comunidade, nos tambores, havia mais mulheres de fora (em sua maioria das classes médias) como está posto no INRC do Maracatu Nação:

Porém, nota-se que as mulheres são praticamente exclusivas no agbê, e no toque desse instrumento, quando presente no batuque, a maioria delas é das comunidades onde estão localizadas os grupos de Maracatus. Nas alfaias elas são minoria e parece haver prevalência de Mulheres de classe média e menor número de mulheres das camadas populares neste tipo de instrumento (BRASIL, 2014, p.140).

Talvez seja explicado, pelo fato de que as mulheres da comunidade, serem maioria a seguir os preceitos religiosos de sua Nação. Elas estariam de certa forma inibidas, ou talvez estaria internalizado nelas que mulher não toca tambor, talvez elas sofressem repressões para não tocar alfaia. As Mulheres vindas de fora, em sua maioria mulheres de classe média, sem vínculo religioso, teriam mais acesso para tocar alfaia pois, desconheciam a proibição do toque no aspecto de gênero, não se sentindo coesas ao toque, acerca das novas reconfigurações:

Porém, a partir desse novo espaço conquistado pelas mulheres, foi comum a vivência de desafios e conflitos para elas. Houve relatos de nossas colaboradoras que, muitas vezes, eram propostos cortejos por horas seguidas afim de verificar se as mulheres realmente dariam conta do desafio, onde aquelas que chegassem ao final eram

consideradas aptas para a função, enquanto as demais já sabiam de seu desfecho. Entre as mulheres também era comum que incitassem a disputa, como se elas deveriam provar qual delas realmente saberia tocar, enquanto nos homens, acreditava-se, existia um dom natural para o toque dos tambores, nesse sentido as mulheres precisavam sempre mostrar que eram capazes de tocar como homens (SILVA, 2017, [s/p]).

E não deixando de frisar que a inserção da mulher no batuque do Maracatu foi totalmente camuflada, onde elas seguiam vestidas com calça, cabelo amarrado e chapéu, escondendo sua feminilidade corporal para se apresentar.

Podemos identificar que nessas relações há o estabelecimento de hierarquias e a naturalização das habilidades e resistência atribuídas aos homens, onde as mulheres precisaram provar que também podiam, que eram capazes. Podemos destacar as evidências do caráter sociocultural das relações de gênero dentro do Maracatu quando refletimos os papéis de mulheres e homens dentro da manifestação.

“Construindo atributos e funções para cada um deles de forma a naturalizá-los” (SCOTT, 1996, p.19). Na percepção de Scott (1996) diferenças entre gêneros, cada vez mais visíveis, levam a novas reflexões sobre o direito à igualdade, numa condição complexa das relações de gênero que não pode mais ser negada e que fica clara nas relações e disputas do Maracatu.

Os significados de gênero também são acionados para ressaltar qual instrumento é mais adequado para mulheres e homens. Fatores como força, atributos físicos, estética, beleza, “isto parece favorecer uma regra geral que coloca a mulher num determinado lugar, onde as exceções são sempre escolhas pessoais, negando-se uma norma social que desencoraja sistematicamente homens e mulheres de livremente escolher o que querem fazer” (OLIVEIRA, 2011, p. 46). Sobre a participação das mulheres no batuque e esse certo apelo à adequação da mulher no agbê, o INRC do Maracatu Nação, afirma que:

É possível que essa participação venha sendo utilizada para realçar o conjunto musical dos Maracatus, haja vista a quantidade de mulheres que formam a ala de agbê logo à frente da percussão, tocando esse instrumento e executando passos coreografados, de modo a tornar a apresentação dos grupos mais atrativa. Por essa razão, o agbê tem sido cada vez mais adequado para a mulher, tendo como justificativa o fato de ser leve e delicado além de valorizar a beleza e estética feminina (BRASIL 2014, p. 141).

Pude perceber um discurso de adequação, de que o agbê é ‘para mulher’ em palavras como: realçar, adequado, valorizar a beleza estética, ser leve e delicado, apresentação mais atrativa todas parecem reforçar a regra geral de que mulher tem que tocar agbê, instrumento de mulher e para mulher, que é mais sensível. Por outro lado, há uma certa discriminação, tanto voltado para o homem que toca agbê, quanto para a mulher que toca o tambor. Essa

discriminação está presente numa entrevista, uma maracatuzeira que disse ficar muito ‘afrescalhado’ o homem tocar esse instrumento (OLIVEIRA, 2011, p. 44). Muitos argumentos surgem, para justificar estas adequações dos instrumentos para homens e mulheres:

Comenta-se que todos são iguais, entretanto, afirma-se que as mulheres têm menor resistência física do que os homens e por isso receia-se sempre que elas não consigam desempenhar a função de tocar alfaia adequadamente, o que poucas vezes se nota ao comentar sobre o tocador homem de alfaia (OLIVEIRA, 2011, p. 44).

Embora o mito do sexo frágil esteja muito ultrapassado, os diferentes aspectos onde os significados de gêneros são acionados para dizer o que é ou não adequado já não limitam tanto as mulheres como há alguns anos atrás, porém o empoderamento feminino é algo recente, e se encontra em processo de fortalecimento. Na organização interna do Maracatu, referente as tarefas e a divisão do trabalho, o fator gênero também é acionado e um exemplo disso é quando as tarefas de corte e costura, confecções das roupas, estão voltados para as mulheres, enquanto que a fabricação dos instrumentos, (em especial o Tambor) está voltado para a função masculina:

Em alguns grupos, homens e mulheres se dividem na confecção das roupas e dos adereços que completam a vestimenta. Em atividades como corte e costura dos tecidos, bordados, colagens, acabamento e etc. Noutros, essa parte fica a cargo somente das mulheres. Já a produção das alfaias, instrumento do batuque, é feita predominantemente por homens. Isso indica que assim como em outros contextos da vida social, no maracatu também ocorre divisão de trabalho com base em gênero, e como tal é assim legitimado por se constituírem através de uma dimensão simbólica (OLIVEIRA, 2014, p. 9-10).

Se essa predominância do gênero acontece até hoje dentro das Nações de Maracatu, algumas mulheres procuram discutir as funções femininas no que tange a confecção dos instrumentos, pois é mais comum achar mulheres na confecção do agbê, do que nos tambores. Afirmamos que as mulheres seguem nessa busca de autonomia e valorização, e reconhecimento de seus esforços, porque trazemos dois exemplos de mulheres que ao longo de alguns anos experimentaram esse espaço e permanecem nele, em um espaço que não foi feito nem pensado e que não é aberto ainda, para uma mulher. De que é uma batalha num sentido de forjar mesmo e de que é um espaço suado e conquistado com muita dificuldade.

As histórias de duas mulheres que entre outras se lançaram na fabricação dos tambores, Ângela Gaeta e Vanessa Gardim<sup>24</sup>, mulheres jovens de estados diferentes: Ângela foi oficinaira

---

<sup>24</sup> Vide Figuras 3 e 4 p. 93.

de agbê para Vanessa, há mais de dez anos atrás, em um projeto chamado Calo na Mão, em São Paulo, hoje Ângela mora em João Pessoa-PB e Vanessa no estado do Rio de Janeiro. Atualmente Vanessa é batuqueira da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Ângela atualmente está à frente do grupo/coletivo, o Maracastelo (2014), fundado por ela, e como nação, ela segue os fundamentos da Nação do Maracatu Estrela Brilhante do Recife.

Buscamos saber delas, a quanto tempo elas fabricavam os tambores, e obtivemos ricas informações em seus relatos, onde percebemos que seus primeiros passos foram guiados por homens até terem a autonomia de fabricar sozinhas todo o instrumento, por um percurso de longos anos. São histórias diferentes que nos trazem importantíssimas reflexões acerca desse espaço ainda tão fechado para as mulheres em depoimento Angela Gaeta (2019):

[..] Mesmo sabendo fazer, precisava dos equipamentos, ferramentas para tal, que até então não tínhamos. Tinha uma base, mas a muitos anos não fazia. De início aprendi com o Daniel Reverendo a fabricação do tambor de compensado e toda ancestralidade e respeito ao instrumento, Senti a necessidade de buscar informação das confecções dos tambores de Macaíba, conseguimos na época junto com a ajuda do João Bueno do Maracatu Estrela da Ponte, produzir dois tambores de macaíba, e outros ficaram para finalizar por falta das ferramentas necessárias, ficaram parados por um tempo. Sendo feita a manutenção por homens que cobravam caro e ainda se “aproveitavam” por sermos mulheres. Eu comecei a me ligar que não poderia ficar nas mãos desses caras, que eu tinha o conhecimento e precisava colocar ele em pratica, Trazer da minha memória o que tinha aprendido antigamente [...].

[...] Para passar o básico, para ter autonomia. Que eu acho que é importante para uma(o) maracatuzeiro(a) saber lidar com seu instrumento. Juntando os meus conhecimentos, com os da minha companheira Marcela, que já tinha uma certa experiência com madeira, começamos a tentar captar recursos para tentar comprar os equipamentos. Em 2018 começamos a produzir os tambores, em um projeto nosso chamado Alagbê “tambor feito por Mulher” e vender alguns. Nosso público maior são as mulheres, e eu acho isso muito bacana, foi uma coisa que fizemos despretenciosamente, mas hoje eu percebo a potência que isso tem, tanto simbolicamente quanto praticamente. Esse fazer é uma coisa que tem nos aproximado das mulheres batuqueiras, por termos poucos espaços de interação, para a troca, com outras(os) batuqueiras(os) da cidade [...].

Sobre as mulheres na Fabricação dos instrumentos do Maracatu Nação, vejamos o que diz Vanessa Gardim (2019) do Encanto do Pina: [...] Eu sentia um espaço pros agbês, por ser um instrumento feminino, por trabalhar com outra energia, e nas alfaias eu era uma ajudante, eu estava ali, estava aprendendo, mas eu era ajudante [...].

[...] Na maior parte dos processos, eu conduzia poucos processos, eu estava ali, eu sabia o que era feito, o que tinha que ser feito, qual eram as ordens, mais não cabia tanto a mim guiar, sempre a figura masculina tinha um papel de liderança ali, e eu, um papel de ... contribuir, de estar ali, de estar presente, mas sempre atrás, quando saí de Londrina em 2017 e me mudei para o estado do Rio de Janeiro, me aproximei do Baque Mulher, de Mãe Tenily, ela descobriu que eu sabia, que eu conseguia fazer, e me deu algumas tarefas dentro do Maracatu Baque Mulher do Rio de Janeiro, pra ajeitar alguns instrumentos, e isso me colocou NUM LUGAR DE ENTENDER QUE EU CONSEGUIA FAZER ISSO SOZINHA, que eu sabia o que fazer, que caminho trilhar, e que eu não precisava está atrás de uma figura masculina pra seguir aquilo, mesmo sem ter feito sozinha nenhuma vez, mesmo eu sempre sendo a ajudante, a pessoa que passa o martelo, que passa o prego, que passa a taxa, a cola.. Sabe, eu poderia ser a pessoa que vira a madeira, que lixaria, que cortaria a peça, e que visualizaria o instrumento do começo até o fim. E aí fui fazendo isso bem na raça mesmo, e fui percebendo, fui aprendendo, fui descobrindo os lugares onde eu poderia estar. Quando eu vou para a Nação eu acabo ficando nesses trabalhos de figurino, de cortar, de colar, mesmo sendo uma pessoa que tem conhecimento e que pode concertar instrumentos, é... porque... não tá aberto ainda, o espaço assim, e eu não acho que é porque eu sou de fora, eu acho que é porque eu sou Mulher, porque eu vejo outras pessoas de fora, homens que conseguem se inserir nessas tarefas, com uma facilidade muito grande e que tem menos experiência que eu, mas eu também me coloco no lugar de não... é... de não ...até agora né? me coloquei nesse lugar de não lutar por estar ali dentro da Nossa Nação construindo por exemplo, isso é algo que está em construção, eu estou me construindo para entender esse lugar que ocupo, que devo ocupar, os espaços que eu tenho, as vezes é difícil, tem muitas contradições, as vezes enfraquece e aí esses enfraquecimentos, essas crises, geram fortalecimento, então é bem complexo assim.

[...] E aí quando você fala assim: á nós mulheres estamos ocupando, estamos nós fortalecendo... estamos... mas falta bastante ainda, e inclusive dentro das nossas construções né, é... por exemplo, dentro do Baque Mulher a maior parte dos instrumentos são construídos por homens, mesmo tendo mulheres, e eu não sou a única mulher não! Mesmo tendo mulher que constrói instrumentos dentro do baque mulher, a maior parte é feita por homens. Ainda. E isso já foi uma crise pra mim, não é mais. Eu entendo como quanto um processo de construção mesmo, cada coisa tem o seu tempo, mas é algo pra se pensar né? Pra gente também não achar que é isso: estamos no caminho certo! Não! não cara. Temos muitas contradições ainda, temos muitas dificuldades ainda, muitas batalhas a vencer ainda, inclusive com as mulheres que confiam muito desse trabalho aos homens, e não à outras mulheres, por questões sociais mesmo

e desigualdade de gênero. E é isso é um espaço cheio de contradições[...] é um espaço de resistência para as mulheres, nós somos colocadas dentro desse espaço de construção enquanto ajudantes na maior parte das vezes. E graças aos Orixás existem homens super parceiros da nossa nação, que dão as mãos pra mim e para outras manas que se forjam nesse papel também. E abrem espaços e demonstram interesse em contribuir na nossa história e no ocupar esse lugar ainda com muitas contradições. Ninguém saí do seu espaço pra dar espaço pra gente, aquela questão sempre difícil de que ninguém quer perder seu privilegio correto? Mas ainda assim eu vejo muita bondade e humildade de ensinar, de querer bem e de querer que você ocupe um espaço também, mesmo não deixando o dele de lado [...].

Podemos constatar que foram necessidades e impulsionamentos diferentes: Ângela pensou no coletivo e trouxe valores à relação com os tambores, e já não quis depender da figura masculina para fabricar, bem como, viu a fabricação como um ponto muito positivo de aproximar mais as(os) maracatuzeiras (os). Nos dois casos, foram anos, muitos, para que fosse amadurecido o fazer e a autonomia do fazer.

Para Vanessa, o Maracatu Baque Mulher funcionou como uma alavanca para dizer ‘Você pode! Você consegue!’ e nos trouxe com muita sabedoria em suas palavras um fato bastante relevante de ser levantado nessa pesquisa, das batalhas que as mulheres enfrentam dentro desse espaço de construção dos tambores, inclusive dentro de nossos espaços, com as mulheres, acredito que as coisas se constroem e se desconstroem através dessa teia mutua de apoio umas às outras, e de que tudo pode se transformar e se reconfigurar e fazer jus a esse poder das mulheres, foram relatos muito ricos e que pode trazer grandes transformações, quanto a participação efetiva das mulheres e valorização de seus trabalhos nesses espaços conquistados com tanta dedicação e barreiras. Quanto esses campos de definições através do gênero trago Lima et al. (2012, p. 197) afirmam que:

Há Luz de uma análise de gênero, não resta dúvida de que as definições normativas utilizadas para classificar o lugar do homem e da mulher dentro dessa manifestação, decorrem de concepções naturalizadas no senso comum, as quais operam na atribuição de sentidos e lugares distintos.

E cito mais uma vez Scott (1996) para que fique bem claro que é nesse campos de definição que normalmente as relações se estabelecem, articulando o poder de forma desigual e revelando as assimetrias nas posições de homens e mulheres, Quanto a divisões de papéis em função do sexo, enquanto habilidades determinadas pela fisiologia, fundamentando dicotomias existentes na sociedade e dentro do maracatu, podemos refletir que:

A identidade Social de qualquer pessoa é produto de um processo histórico e sócio-cultural que determina uma profunda discrepância na vida de homens e mulheres ao estabelecer uma nítida divisão de papéis em função do sexo. Como resultado de um processo de construção social, o papel da mulher e do homem é distinto em diferentes culturas ou em uma mesma cultura a partir de diferentes seguimentos sociais, étnicos, religiosos, etárias, entre outros que a constitui. No entanto, o poder dessa dicotomia se fundamenta na sua naturalização, isto é, na crença instituída de que existem diferenças comportamentais, aptidões intelectuais e habilidades determinadas pela fisiologia que justificariam as posições desiguais de homens e mulheres na sociedade. Como elementos naturais, portanto inerentes ao homem e a mulher, não são passíveis de questionamento, por conseguinte legítimas a discriminação sexual (FIGUEIREDO, 2011, p. 3).

Aduz Figueredo (2011, p. 4) acerca do pensamento de Bourdieu(2003):

Há um trabalho intensivo protagonizado pelas famílias associadas às instituições sociais das quais se sobressaem as escolas, a igreja e o estado; não somente para promover essas convicções imperiosas, mas também para moldar a própria mulher de acordo com esses conceitos gerando a tendência a fazê-la crer que seu sexo define suas capacidades. Da mesma forma, direcionam seus desejos e objetivos se tornando “femininos”, ou seja, distantes do poder.

Para fechar esse subcapítulo e refletirmos sobre os preconceitos relacionados ao gênero, que tanto limitam a mulher, e que definem seu lugar no mundo, destaco Figueiredo (2011, apud, LIPOVETSKY, 2000), que nos mostra os tradicionais preconceitos de gênero caracterizando as mulheres como extremamente sensíveis, pouco dotadas de senso prático e de atitude, sem grandes aspirações profissionais e demasiadamente ocupadas com a família.

No mundo empresarial, esses pensamentos acerca da mulher estimulam ainda mais o preconceito contra a mulher na cultura organizacional e hierárquica. Para além do mundo empresarial Isso se encaixa no mundo do Maracatu Nação e em outros tantos campos da vida, socialmente, culturalmente, politicamente e economicamente falando.

## 2.2 MESTRA JOANA D'ARC CAVALCANTE E O PODER FEMININO

Joana D'Arc da Silva Cavalcante, mulher negra e da comunidade do Bode, bairro do Pina(Recife-PE), nasceu no dia onze de Novembro de 1978, dentro de sua casa, pelas mãos da sua avó Maria Cândida da Silva ou vovó Quixaba. Ela nasceu e foi criada no terreiro de candomblé e dentro do Maracatu Nação. Mestreira Joana já trabalhou como babá, faxineira, Vigilante e se tornou Yakekere (mãe pequena) do Ylê Axé Oxum Deym<sup>25</sup>, mestreira do Maracatu

---

<sup>25</sup> Vide Figura 1 e 2 p. 92

Nação Encanto do Pina (1980), fundadora do grupo de coco de terreiro Mazuca da Quixaba (2004), fundadora do Maracatu Baque Mulher (2008), coordenadora e coreógrafa da ala dos agbês da Nação do Maracatu Porto Rico (1916), diretora do Encantinho do Pina (2013)<sup>26</sup> e Filha de Oxum. Antes de tudo isso a Mestre fundou e coordenou um grupo de percussão só com mulheres chamado: filhas de Opará(2001). Hoje com 40 anos, Mestre Joana carrega consigo uma história de lutas e superações, que permanece em construção a cada dia. Até onde tenho conhecimento, ela é a única mulher no mundo à possuir o poder do apito de maracatu em mãos, sendo a única mestre de uma Nação de Maracatu de Baque Virado.

Mestra Joana significa portanto a quebra da hegemonia masculina à frente de uma Nação de Maracatu, podendo ser considerada como representante dessa conquista da mulher na regência do batuque dessa manifestação. Vamos ver os resultados e os efeitos que houveram depois de haver uma mulher à frente do maracatu, transformando vidas e se tornando o maracatu uma ferramenta providencial dentro da sua comunidade e para além dela, Brasil e mundo.

A história dos passos dos avanços femininos, são cheios de desafios e não seria diferente para a Mestre Joana, quando houve o ‘boom do maracatu’ as mulheres começaram a questionar suas posições e seus espaços além de suas funções no maracatu, o que possibilitou ressignificar, reinventar e romper tradições limitantes o acesso das mulheres. Assim temos a inserção das mulheres no poder temporal e no batuque como a primeira conquista das mulheres dentro do Maracatu Nação.

A posição de mestre com o poder do apito, para muitos não é uma posição legítima como lembra Paiva e Silva (2017) que olhar para os conflitos que se seguiram a ela, principalmente no que diz respeito aos incômodos causados pela tomada de espaços e funções de poder que antes pertenciam apenas a homens e que a partir do momento em que as mulheres passaram a ocupar lugares de destaque e prestígio, elas passaram também a demandar reconfigurações e reavaliação de certos conceitos e costumes.

Paiva e Silva (2017) revela que esses desconfortos, incômodos podem ser estimados por meio das memórias tanto de homens quanto de mulheres, pois as memórias que constroem os conceitos e regras são internalizadas, de modo sempre cultural e relacional, portanto, só pode ser entendida em conjunto, ou seja, em relação de complemento, de construção mútua, de tensão, de conflito. Vamos partir de onde tudo começou, segundo as palavras da Mestre Joana e entrevista concedida ao programa Ritmos de Pernambuco (2017, [s/p]):

---

<sup>26</sup> Vide Figuras – 22,24,26,27 p.96



[...] A nação foi fundada pela minha vó, Dona Maria de Sônia. Com o seu falecimento, ninguém quis assumir, então o meu pai Manoel Marcelo assumiu o Encanto, mas era muita coisa, muitas atividades, muitas tarefas. Então ele juntamente com minha vó Quixaba e as Yalorixás do Pina, as mães de Santo, botaram os búzios, pediram permissão para que eu assumisse o baque, para que eu assumisse o Maracatu Junto com ele, e aí os Orixás concederam, disse “ vá em frente!” A luta vai ser grande, mas você tem todo o nosso aval, o nosso apoio. Ai os orixás mandaram, quem sou eu para dizer que não, né? [...].

Em entrevista concedida ao TI Maracatu (2010, [s/p]) Mestra Joana e seu pai Marcelo Cavalcante relatam mais sobre algumas características e como funciona as nações:

[...] Mestra Joana: Como na comunidade tem duas nações, o ritmo de uma outra acaba entrando na outra. Mas cada uma com sua essência. Cada virador tem sua base [...]. Pai Marcelo: sou presidente do Maracatu Encanto do Pina, e a segunda presidente é Joana. [...] tá na minha mão vai fazer 15 anos [...], [...] depois dela já passa pra outra pessoa da família [...].

Em entrevista concedida ao Tv PE (2013, [s/p]) Mestra Joana aduz que:

[...] as mulheres em si, dentro dos terreiros já tem sua própria demanda já é destinada pra aquilo, as yalorixás pra cuidar, as yabasé as yabá, e ser mestra é só uma função a mais, eu seja, multipliquei todos os trabalhos que eu já tinha, que é muito bom! É cansativo? É! É doloroso? É, mas é muito gratificante, na parte emocional, na parte espiritual, eu não só rejo o baque, o baque é uma coisa à mais, uma das funções à mais que eu tenho dentro da Nação, porque tudo eu tenho que resolver [...].

Para ela o cotidiano difícil da comunidade exige seu envolvimento em movimentos para reunir as meninas da comunidade, buscando para fazer coisas que eram impedidas de fazer, como por exemplo tocar tambor. Assim suas atividades reúnem cidadania, cultura e solidariedade nessa comunidade que vive da pesca e habita casas pequenas, muitas de palafitas e amparando famílias numerosas e onde ela, junto com as nações do Pina ajudam como podem: cestas básicas, gás de cozinha, medicamentos, pagamento de contas de água, luz. São dedicações em busca de soluções para os Dramas Sociais que Tipicamente são uma predisposição feminina, como diz Castro (1999, p. 130):

A assistência aos outros é uma tarefa Social e culturalmente atribuída às mulheres, fato que tem desenvolvido nelas uma maior preocupação pelas questões sociais. As mulheres foram as que ocuparam um protagonismo dentro dos movimentos populares urbanos, mobilizando-se por condições dignas de moradia, saúde, educação e acesso aos serviços coletivos.

Mestra Joana afirma a sua responsabilidade que é imensa, que não é só reger o Batuque da Nação, mas também com seu trabalho religioso e com a comunidade: [...] é um trabalho

árido, mas é muito gratificante, é uma missão realmente [...]. Pois como ela diz: [...] a comunidade é muito carente, sempre falta alguma coisa, e as pessoas pedem socorro, o que vem pra gente a gente divide, e a verba vem do nosso suor, com algumas apresentações [...]. O trabalho desenvolvido pela Nação do Maracatu Encanto do Pina atrai várias pessoas, de vários cantos do país, lá é um lugar que sempre acolhe as pessoas.

Mesmo assim suas atividades enfrentaram muita resistência: [...] O Maracatu ele é de todo mundo, tanto é que é patrimônio cultural agora, mas assim, que todo mundo tenha consciência e o respeito de não desvincular o maracatu de sua religião, o maracatu tem sua identidade definida que é o candomblé. Porque a grande preocupação é essa globalização e fugir da religiosidade. Que se apropriem. Se apropriem sem desvincular, sem querer tirar méritos em cima do sofrimento alheio, porque cada manifestação ela tem o seu sofrimento. Fomos todos criados no maracatu. Logo quando eu assumi o Encanto do Pina eu passei uma barra, muita gente dizia que o Encanto do Pina, muitos homens falavam, o Encanto do Pina não tem fundamento, não tem Axé porque é uma mulher que está à frente assumindo [...]. [...] Sabe, de 15 anos pra cá que uma mulher passou a tocar um tambor, que era proibido, mulher não tocava tambor, tem maracatus que não deixam ainda mulher tocar tambor em Recife [...].

Em outra entrevista a Escola da Cidade (2017) a mestra afirma que esse assunto da mulher tocar tambor ou reger um Baque era um tabu mesmo dentro de sua família:

[...] eu fiz essa pergunta à minha vó, a minha mãe de santo, ao meu pai, a todo mundo por que? E eles não sabem, ficam em silencio como todo mundo fica" e ela continua: " foi assim que eu cresci, foi assim que eu aprendi. E durante toda a minha vida, eu respeitei e respeito, mas chegou o momento que esse tabu deveria ser quebrado, e não foi por mim, quando Dona Maria de Sônia faleceu meu pai assumiu em 1999/2000. Meu pai me ajuda na questão de documentação. Por todo respeito que tenho a ele, ele continua sendo presidente, mas o maracatu no todo no geral, de botar na rua, a responsabilidade é minha, e também o baque [...].

Isso pode ser explicado pelo fato de que ao ocupar certas posições em que a predominância é masculina, a mulher desafia as qualidades de gênero que foram investidas nela, isso se dificulta ainda mais quando envolve poder e prestígio o que desencadeia processos de tensões e disputas (OLIVEIRA, 2011, apud, SEGATTO, 1997).

Podemos dizer que essas rupturas representam uma dimensão funcional do gênero, pois essa configuração de Gênero parece confrontar a afirmação, por diversas vezes ouvida no campo, de que as mulheres podem ocupar todos os espaços nas manifestações. O que se nota, pelo contrário, é a existência de posições onde elas são mais legítimas, conforme interpretações,

tais posições são construídas e corroboradas no plano efetivo das práticas sociais (LIMA et al., 2012). Pois bem, tal dimensão funcional do gênero, Lima et al. (2012, p. 198) discute:

A ruptura de lugares, por parte das mulheres, antes consolidados na figura do homem e legitimados pela estrutura Social, onde os modelos simbólicos que essencializam homens e mulheres, a partir de classificações de gênero, são acionados para dificultar o acesso das mulheres a posições de poder, por um lado, e por outro, para impedir que se quebrem as expectativas de feminilidade e masculinidades vigentes.

Neta da sacerdotisa do Ylê Axé Oxum Deym, a Yalorixá Dona Maria Quixaba, chamada carinhosamente por todos de vó Quixaba, que lidera ‘essa casa de ciência’, conforme a batuqueira Nayara Lira (quem confeccionou seu portfólio), todo seu aprendizado artístico, musical, de danças e toques se deu dentro da comunidade, junto às mães de santo do Pina e das nações de Maracatu, Porto Rico e Encanto do Pina, das quais ela participa desde criança. Em 2001, sentindo a carência de opções culturais e de lazer das crianças e adolescentes do bairro do Pina, ela criou o grupo Oxum Opará com meninas de 7 a 18 anos<sup>27</sup>.

A partir dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, dentro do Ylê, Mestre Joana criou o grupo Mazuca da Quixaba em 2004, um grupo de coco de terreiro que recupera fragmentos de história oral de velhos mestres da Jurema, misturando com o coco de terreiro. O grupo se apresenta regularmente em cidades do estado de Pernambuco, e lançou seu primeiro CD com nome ‘A pisada é essa’ em 2001, com o incentivo da FUNCULTURA (Secretaria de Cultura do Governo de Pernambuco).

Derrubando barreiras e enfrentando a discriminação, a Mestre Joana assumiu a Nação Encanto do Pina em 2008 como já dito, foi campeã do concurso de agremiações do Recife no carnaval de 2009 na primeira categoria de Maracatu de Baque Virado, passando para o grupo especial, mas as dificuldades existentes (a falta de estrutura da nação, sendo sua sede um barracão de palafitas, sem cobertura na época), levaram a nação de volta ao primeiro grupo. Em 2012 ela retorna para o Grupo especial através de muita dedicação e ajuda dos membros maracatuzeiros(as), tanto da comunidade quanto os de outras regiões.

No carnaval de 2019, a Nação Encanto do Pina ficou em segundo lugar no grupo especial das agremiações, mostrando o Poder de um batuque regido por uma mulher, e de uma nação que valoriza suas matriarcas, onde seu batuque é dividido entre mulheres e homens. Em comparação à outras nações percebemos que a Nação do Maracatu Encanto do Pina se

---

<sup>27</sup> Vide Figura – 23, p. 96.

diferencia das outras pelo número de mulheres batuqueiras, não precisa falar muito para compreender sua resposta diante de tudo que já passou e mostrar através desta o poder feminino.

Ao longo de sua trajetória, algumas homenagens em reconhecimento podem ser aqui destacadas em 2015 teve seu nome e sua imagem registrados no Livro Mulheres que Mudaram a História de Pernambuco, em 2016 O Governo do Estado de Pernambuco gravou um vídeo em homenagem as Mulheres seguindo a hashtag #amulherqueeusou, onde Mestra Joana da seu depoimento e destaca a importância de Mãe Maria Helena de Xangô Tundê (Mãe Helena<sup>28</sup>, como é chamada pelas pessoas da comunidade) (PERNAMBUCO, 2016).

[...] Na minha concepção a mulher tem o direito de fazer o que ela quiser. Até porque quem manda na nossa vida somos nós. Mãe Helena ela é uma das referências na minha vida. Quando eu estou triste ou fracassando por alguma coisa, ela vai lá é diz, não minha filha, não é assim, você pode, você consegue, então ela me dá muita base, de resistência sabe, não é à toa que ela é minha yalorixá, Mãe Nena é mãe das mães do Pina, ela brigou muito pra ter o terreiro dela até hoje, ela é uma das pessoas que construiu esse movimento de resistência dentro do bairro, ela é uma pessoa que eu posso te dizer hoje de inspiração para muitos, muitas mulheres sabe, porque aguentar tudo que ela aguentou... não é fácil não, toda aqui essa luta dela toda resistência dela ser o que é hoje, eu não chego nem aos pés dela, por ser Mestra, a primeira Mestra...ela passou bem pior, hoje eu tenho leis pra me defender né, tem várias leis que defendem as mulheres. Aí de quem dizer que eu sou neguinha, eu vou brigar, eu vou tirar onda, mãe Nena nunca teve isso. Ela lutou na luta, na garra, na resistência e tá aí, é uma anônima ninguém conhece, mas, ela não faz questão também. Nem gosta. E taí, 80 anos, uma saúde de ferro, uma mulher que criou muitos filhos, então essa mulher só podia representar a mulher que eu sou hoje [...] (PERNAMBUCO, 2016, [s/p]).

Em 2017 Mestra Joana foi uma das homenageadas do grupo de Afoxé Omô Nilê Ogunjá, grupo criado na comunidade do Ibura (PE) que trouxe como tema do carnaval de 2017, “Mulher, Negritude, Liberdade” em reconhecimento à militância e atuação da Mestra Joana na cultura popular e tradicional bem como nas práticas ligadas a negritude. Em 2018 a Mestra Joana recebeu a medalha Mietta Santiago, em reconhecimento de toda sua vida de luta, sendo homenageada na Câmara dos Deputados em Brasília (DF) indicada pela Deputada Luciana Santos e escolhida pela bancada feminina da câmara para receber a medalha, na sessão solene em homenagem ao dia das mulheres

Além de mãe e esposa, Mestra Joana concilia com seus trabalhos junto à comunidade, a nação e todas as obrigações de terreiro. No dia das crianças a mestra prove uma festa, que envolve mais de 100 crianças e adolescentes do bairro do pina e arredores, essa festa é realizada através de ajuda de voluntários e todas as pessoas que fazem parte dessa família, é assim que a Mestra chama os grupos e movimentos dos quais ela organiza e lidera, uma grande família.

---

<sup>28</sup> Vide Figura – 7 e 14 p. 93

Apesar de todos os esforços e do reconhecimento da Mestra Joana, vemos como sua posição e questionada com ilegítima. No INRC-Dossiê (2014) do Maracatu Nação, vemos que a legitimidade quanto à posição de Mestra é questionada pela própria comunidade de mestres:

A inserção feminina nessa posição tem sido, de certo, polêmica, pois esse lugar ainda é, em sua maioria, ocupado por um homem. Entre as opiniões destacadas, esse fato apresenta diferentes justificativas, e na maioria, as opiniões são contrárias à participação das mulheres como Mestra. [...] nessa posição, ao mesmo tempo em que obteve êxito ao assumir um lugar antes de autonomia masculina, Joana desafiou as hierarquias de poder, promovendo, em certa medida, uma ruptura nos valores de gênero. No entanto, ela não parece ser considerada legítima nesse posto por estar num campo que não é reconhecido para mulheres. Subjacente às celeumas, quase sempre está o argumento de que os tambores devem ser comandados por homens, uma vez que eles são os mediadores adequados para o sagrado, como ocorre no Terreiro. A regência dos tambores não é adequado para uma mulher, tendo em vista o fato de ela não tocar os atabaques no terreiro (BRASIL, Dossiê 2014, p. 142).

Palavras como polêmica, opiniões contrárias, não é adequado, colocam Mestra Joana numa posição de desafiar as hierarquias de poder, ao mesmo tempo em que promove uma ruptura nos valores de subjetividade para o gênero:

Dentro do Maracatu, assim como em outras esferas sociais, o poder também é algo que se põe em relevo quando os papéis estão demarcados como mais indicados para uma mulher ou para um homem, de acordo com sua classificação como feminino ou masculino, por essa razão, a importância conferida a uma ou outra posição, no jogo das relações entre homens e mulheres, será sempre um fator relativo, que ora pode favorecer a mulher, ora pode subsumi-las (OLIVEIRA, 2001, p. 51).

Para Mestra Joana essa luta é diária e ultrapassa o universo do maracatu:

[...] Recentemente houve um ‘encontro de Mestres’, e eu ficava insistindo bastante, dizendo que a reunião era de ‘Mestres e Mestra’, ao contrário do que era anunciado pelos organizadores. Todas referências na mídia só citam os Mestres. E essas coisas não são percebidas, pois eu sou minoria. Sou eu e minha resistência diária. É difícil sobreviver assim. A sociedade impõe esse anonimato. Ter a mulher em determinados espaços ainda incomoda, e isso é bem nítido [...] (AUGUSTO, 2019, [s/p]).

Ao meu ver, toda essa recusa pela legitimidade da Mestra Joana, como mestra, só confirma o status secundário feminino dentro da sociedade em que vivemos, no país que estamos. Quando alguns batuqueiros disseram que a Nação não iria pra frente porque tem uma mulher regendo o baque, isso reforça o fato de que:

O status secundário feminino na sociedade é uma das verdades Universais, um fato pan-cultural. Mesmo neste fato universal, as concepções culturais, específicas e as simbolizações da mulher são extraordinariamente diversas e mesmo mutuamente contraditórias (ORTNER, 1979, p. 95).

Ortner (1979, p. 97-98) coloca três tipos de situação que são suficientes para evidenciar que em certas culturas a inferiorização da mulher é um fato, o que se encaixa perfeitamente no que acontece dentro do Maracatu Nação:

(1)-o elemento de ideologia cultural e as colocações informativas que explicitamente desvalorizam as mulheres e com elas, seus papéis, suas tarefas, seus produtos e seus meios sociais com menos prestígio do que as relacionados aos homens e as funções masculinas correlatas; (2)- esquemas simbólicos, tais como a prerrogativa de violação, que poderão ser interpretadas implicitamente como uma colocação de avaliações inferiores; (3)- as classificações sócio estruturais que excluem as mulheres da participação no, ou em contato com algum domínio no qual reside o maior poder da sociedade.

Os pensamentos e teorias vão se encaixando como tomadas umas nas outras, um pensamento que leva para outros. Essa questão me faz pensar na noção de tradições inventadas, trazida por Hobsbawn e Ranger (1997, p. 9) quando eles lembram que uma tradição inventada é:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Para eles ainda:

O estudo dessas tradições esclarece bastante as relações humanas com o passado e , por conseguinte, o próprio assunto e ofício do historiador, porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal (HOBBSAWN e RANGER, 1997, p. 21).

A Noção de ‘tradições inventadas trazida por Hobsbawn e Ranger (1997) serve aqui para compreendermos determinadas transformações pelas quais passou o Maracatu Nação, e como elas passaram a dar sentido às comunidades tradicionais, seriam elas nos locais onde se encontram as sedes das nações, bem como nos novos espaços em que o brinquedo passa a ser praticado, além da inserção das mulheres em novos espaços.

Ainda citando às homenagens e reconhecimento de seu trabalho, destacamos que a Mestre Joana foi Homenageada pela ONU Mulher,( criada em 2010 para unir, fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres) em fevereiro de 2019 a seguinte descrição: “Joana Cavalcante é a primeira e única mulher à frente de uma Nação de Maracatu e fundadora do Movimento Baque Mulher, cujas músicas abordam temas como o

fim da violência contra a mulher e o empoderamento feminino no carnaval do Recife” (ONU, 2019, [s/p]).

Neste momento em que redigimos este trabalho de conclusão de curso, Mestre Joana Cavalcante, está no Estado do Amazonas convidada pelo Boi Caprichoso para participar do Festival de Bois de Parintins Para a Mestre, é um sonho realizado. A Nação do Maracatu Encanto do Pina se transformou em um projeto social, a Nação oferece oficinas de capoeira, de dança, confecção de instrumentos, adereços, corte e costura, além de fazer um trabalho com crianças e adolescentes da comunidade, chamado de Encantinho do Pina.

O Encantinho do Pina possui um Release de onde foi retirado algumas informações, foi fundado em 2013 como Baque Mirim da Nação do Maracatu Encanto do Pina e desde então oferece atividades de orientação pedagógica, reforço escolar, capoeira, dança, oficinas de contação de histórias, de higiene e cuidados pessoais, de reaproveitamento de garrafas pet e oficina de maracatu para as crianças e adolescentes da comunidade do Bode e seu entorno. Durante o carnaval as crianças e adolescentes se apresentam no Polo Afro do Pátio do Terço como umas das principais atrações mirim.

O trabalho além de ter o cunho educativo do ponto de vista musical, permite a introdução da cultura de matriz africana das crianças e adolescentes Educar e cuidar, no reino encantado. Com o passar dos anos o Encantinho do Pina passou a atender outras demandas das crianças e adolescentes que iam além do tocar, notou-se a necessidade de acolher o baque mirim de forma mais abrangente. Em 2016 passou a atuar como projeto de transformação social e sem fins lucrativos, que visa o acolhimento após o horário escolar com atividades pedagógicas diversas. O bom desempenho escolar é o principal pré-requisito para tocar no baque mirim, este projeto é supervisionado e organizado por uma equipe de professoras e pedagogas, tendo Mariana Bianchi como coordenadora pedagógica e a Mestre Joana com diretora. Para a Mestre o maracatu é resistência do povo, que se transformou para ampliar, trabalhar politicamente, trabalhar questão de gênero, trabalhar a educação:

[...] O maracatu representa esta ponte para chegar nos jovens e adolescentes, para trabalhar vários pontos do dia a dia. Um exemplo é o baque mulher que através do maracatu trabalha a questão de gênero. Não se falava nunca em feminismo, minha vó com 80 anos não tinha noção do que era feminismo, e agora através do Baque Mulher ela sabe. Através do movimento do maracatu se segue várias linhas e consegue trabalhar vários horizontes. A gente consegue empoderar as jovens, como também conscientizar os adolescentes homens também. O maracatu ele se tornou uma ponte, eu falo que ele é minha escola de vida, para passar pra toda comunidade, através do maracatu a gente consegue trabalhar todas as problemáticas que a gente vivencia dia a dia, anos após anos. Temos outros meios de diálogo e comunicação, tem internet, mídias, redes sociais antes não tinha [...] (ESCOLA DA CIDADE, 2017, [s/p]).

### Papel transformador nos caminhos de seus integrantes:

[...] O Maracatu transforma vidas sim. Temos vários batuqueiros espalhados dando oficinas de maracatu. Vários batuqueiros que o pai era bandido, a mãe traficante e hoje tá aí dando oficina e com outra história de vida. Luís Água é um exemplo: saiu da comunidade e hoje é formado em arquitetura. Foi para São Paulo através do maracatu. Ampliou seus conhecimentos, se graduou, tenily da comunidade está no rio de janeiro formada. Outras histórias de vida, várias para contar, ao qual da forças para que a gente siga, o maracatu faz transformação social sim [...] (ESCOLA DA CIDADE, 2017, [s/p]).

Mestra Joana também destaca o papel fundamental do Baque Mulher para o empoderamento feminino local e do enfrentamento de violências domésticas através do Maracatu:

[...] Com essa iniciativa começou a surgir várias demandas, quando junta as mulheres começa a aparecer as problemáticas do cotidiano, e aí começou a aparecer as demandas, as necessidades de escuta de várias meninas da comunidade, abuso ..uma infinidade de problemáticas. Das meninas esticarem os cabelos, não assumir sua cor, enfim. Então dentro do baque mulher a gente começou a trabalhar essa questão, empoderar as meninas, e através do baque eu tive a ideia de botar. até então a gente só tocava as loas das nações, aí e tive a ideia da junção do baque das nações e de nossas loas<sup>29</sup>, colocar nossas lutas, que através do baque a gente canta nossas lutas, como: sou mulher negra empoderada, Maria da Penha é forte, e aí logico, se tu gosta da coisa tu vai estudar ela, então , como as meninas adoram maracatu, juntou a fome com a vontade de comer e estão todas aí empoderadas, e o movimento cresceu, as meninas estão tirando onda, e é um movimento que não atinge só a questão de trabalhar com as meninas, a gente atinge, o que foi pra mim uma surpresa e maravilhoso, é trabalhar com os homens da comunidade que são os possíveis agressores num é?. E a gente trabalha diretamente com eles e indiretamente porque eles escutam nossas loas, eles cantam, eles fazem nosso apoio, estão ali juntos, e aí aprende, e esse ano é: “ E se mexer com ela eu não vou deixar, não vou, esse baque é maré vem da onda mulher filha de Yemanjá”, aí você escuta um pai que agride uma filha, um marido que espanca a mãe né, aí ver ele vendo a nossa apresentação depois ver ele de mão dada, cantando junto com a gente, então.. O dever tá cumprido [...] (ESCOLA DA CIDADE, 2017, [s/p]).

Podemos ver o quanto se transformou uma Nação de Maracatu após sua liderança pública ser assumida por uma mulher. Além de uma manifestação de cultura negra que preserva suas raízes e homenageiam seus ancestrais, o Maracatu Nação passou a ser um meio de transformação de vidas, movendo sua comunidade e saindo dela para o mundo como veremos no próximo capítulo deste trabalho, onde discutiremos a repercussão deste movimento que nasce dentro da comunidade do Bode, no Pina, respondendo ao histórico de opressões contra as mulheres, yalorixás, yabás, filhas de santo, batuqueiras, e todas aquelas que fazem parte da

---

<sup>29</sup> Loas são as toadas, as músicas/canções cantadas.



História do Maracatu Nação em Recife (PE), conectadas agora com mulheres do mundo, num mesmo movimento de emancipação.

## **O CAPITULO 3 – NASCE O MARACATU BAQUE MULHER MOVIMENTO DE EMPODERAMENTO FEMININO**

### **3.1 RESPONDENDO AS DEMANDAS**

O Maracatu Baque Mulher nasceu das mulheres que transitavam por duas Nações do Pina: a Nação do Maracatu Encanto do Pina e a Nação do Maracatu Porto Rico, buscando um espaço só delas, onde pudessem tocar juntas, beber juntas e conversar. Os primeiros encontros aconteceram no Recife antigo na Rua da Moeda. De início o Maracatu Baque Mulher foi pensado como um lazer para as meninas da comunidade, um passeio que revelasse outros horizontes para elas: a Mestre Joana fazia um passeio turístico com as meninas pelo Recife antigo e depois todas iam tocar juntas.

Esses encontros aos domingos eram esperados ansiosamente por aquelas meninas e mulheres da comunidade, que com o apoio de outras mulheres de diferentes realidades, conseguiram primeiro o apoio de transportes para pegar e deixar as meninas na comunidade. Uma das Integrante do Baque Mulher que acompanhou a formação do grupo Juliana Carneiro (jornalista e batuqueira)<sup>30</sup> me cedeu um relato sobre esse início de formação do Maracatu Baque Mulher em 2008, lembrando um episódio que ela gosta muito, e que ficou registrado em suas lembranças:

[...] “No início (2008), os encontros do Maracatu Baque Mulher aconteciam na Rua da Moeda, no Recife Antigo. As vezes as meninas da comunidade não tinham como ir, então a gente fazia essa ponte, ensaiava lá na Rua da Moeda e ensaiava lá na comunidade. De fato, o Maracatu surgiu com mulheres percussionistas da Nação do Maracatu Encanto do Pina do Porto Rico e de um grupo chamado Baque das Ondas. Deste último, participaram muitas mulheres que fizeram parte desse início do Baque Mulher. O Água, que é um batuqueiro antigo do Porto Rico (acho que é Ogân da casa), ele deu uma super força, cedia o local que seu grupo ensaiava para o Baque Mulher ensaiar. Um homem que dava um grande apoio no começo das atividades. Muitas das meninas da comunidade não tinham condições de ir lá para o Recife antigo” [...].

---

<sup>30</sup> Entrevista com Juliana Carneiro, cedida em 26/06/2019.

[...] “Os dois, três primeiros ensaios a gente começou lá na Rua da Moeda, pegando as meninas que saíam do Baque das Ondas, e depois a gente ia conseguindo... enchia o carro e levava as meninas da comunidade pra lá. Voltava pra comunidade, pegava mais meninas, e voltava. No início, acho que foi no primeiro ano ou segundo do Baque Mulher, a gente sempre ensaiava no mesmo local lá na Rua da Moeda. Teve um dia que a gente chegou e tinha um outro grupo, grande, pesado, com um bocado de macho com alfaias. Aqueles grupos que cobram participação, cobram mensalidade, um grupo meio que de playboy assim sabe?, Bem grande. E a gente bem pequenininho, só as meninas da comunidade e tudo. Aí a Mestra foi lá, pediu: “olhe a gente ensaia aqui faz um tempão, todos os domingos no mesmo horário. Vamos nos dá licença?”. A Mestra sempre teve essa cordialidade nos grupos, de saber qual é o espaço do outro. Pois o cara foi super grosseiro, super mal educado: “A beleza!”. “Sei que a gente começou a tocar. De repente ficou parecendo (risos) uma batalha, um de frente pro outro, um grupo de frente pro outro pra ver quem tocava mais firme, quem segurava o baque. Pois o Baque Mulher... foi emocionante demais, a gente tocando e o outro grupo querendo tocar no baque deles e agente no baque da gente. Quebramos o baque deles. Quando terminou a gente: “uurrullll, iiiééé!”, muito, muito marcante esse dia, eu gosto muito dessa História” [...].

Foi então que “as demandas” (como chama a Mestra Joana) foram aparecendo, assim como os relatos dos abusos e de violências que aconteciam, dos olhares opressores. Violências que aconteciam dentro do maracatu e fora dele na comunidade. Dentro das casas: violências psicológicas, sexuais, físicas, morais e patrimoniais foram surgindo, e foi então que a Mestra juntamente com outras mulheres, perceberam urgência de se fazer algo que combatesse e prevenisse a opressão sofrida por aquelas mulheres, para lutar contra o machismo, porque não poderiam silenciar-se diante disso, isso precisaria de uma resposta.

Sentiram que era hora de agir, e sabendo dos seus direitos, e das leis que as protegiam contra o machismo recorreram ao movimento feminista e o que ele representa, lembrando que apesar de ser recente esse feminismo, é diferente daquele da mulher branca europeia ou brasileira: para a mulher negra, tudo foi mais tardio em suas trajetórias de vida e avanço de participação social

Através dos encontros e trocas de conhecimentos com as mulheres “de fora”, e com aquelas que tiveram a oportunidade de estudar, o movimento se fortaleceu a cada caminhar juntas, confluindo a teia de ajuda e fortalecimento entre mulheres, que foi crescendo cada vez mais: o poder sobre suas vidas, seus corpos, e de não aceitar mais nenhum tipo de violência. O maracatu Baque Mulher também surgiu como uma resposta aos momentos tortuosos que a Mestra Joana passou, das recusas de sua posição e dos desdenhos feitos, pois dizia-se que a

nação não ia pra frente “porque tem uma mulher à frente da nação”, uma respostas as costas que se viraram, no momento em que ela mais precisou.

Assim Nasceu esse movimento de empoderamento feminino, “as Feministas do Baque Virado”, como a Mestra intitula. Nasceu o Maracatu Baque Mulher, onde, através das loas, das danças e dos encontros, o Maracatu se tornou uma ferramenta de resposta às posições impostas às mulheres dentro do Maracatu: “mulher toca tambor sim! Aceita que dói menos”.

Várias questões importantes foram sendo exploradas no Baque Mulher: a aceitação da origem Negra, para as mulheres reféns do padrão de beleza imposto pela sociedade e pelas mídias. As meninas da comunidade foram se aceitando, tendo orgulho de sua cor, de seus cabelos crespos, e seus “black powers”. O trabalho de empoderamento feminino dentro do Maracatu Baque Mulher, também empoderou na questão da cor e estética tão importantes naquela comunidade. O Movimento se manteve e os encontros aconteciam sempre, chamando a atenção das pessoas e atraindo cada vez mais mulheres.

Foi a partir de 2013 que nasceram as primeiras Filiais do Baque Mulher, composta por integrantes que moravam em outros Estados. A organização foi crescendo e a padronização se aperfeiçoando, até que uma onda Rosa e Laranja foi se espalhando por todo o Brasil a fora, onde as cores rosa e laranja, representam duas Guerreiras Orixás: o rosa de Yansã, Oyá e o laranja de Obá, duas forças e divindades que representam o poder Feminino dentro do Movimento.

As atividades do Maracatu Baque Mulher são orientadas por um Regimento Interno, que contém informações importantes que garantem a coerência, a integridade e objetividade de suas ações. Trago esse Regimento Interno para meu trabalho, por ser de uma peça fundamental para a compreensão de como funciona a interação entre a Mestra, as coordenadoras dos grupos Filias, integrantes e com os Homens.

Vejamos acerca do Regimento Interno do Maracatu Baque Mulher 2019: As atividades culturais e artísticas desenvolvidas pelo Baque Mulher são orientadas por um regimento que fala de sua natureza e finalidade, com artigos e parágrafos para explicar bem o objetivo e o dever de cada mulher que compõe esse movimento.

Logo no primeiro artigo iremos ver o objetivo do Baque Mulher dentro das Nações de Baque Virado, que é fortalecer a figura da mulher como protagonista, primeiramente como liderança religiosa dentro de suas comunidades; além da atuação em funções tradicionais dentro do Maracatu, como dançar e costurar, propiciando a sua liderança também como referência na percussão e em outra áreas. Nesse sentido recebe de braços abertos integrantes de outras Nações de Maracatu que aceitem participar dessa proposta.

Em um parágrafo único se deixa bem claro que o Baque Mulher não se propõe como um movimento anti-homens, e que o grupo vem fazendo um trabalho social no Pina e em outras comunidades sendo direcionado a todas, sem distinção. Portanto a união da sociedade como um todo na defesa dos direitos das mulheres, no combate ao machismo, a homofobia, ao preconceito religioso, ao racismo e outras formas de violência, os homens são bem vindos e tendo funções importantes como apoiadores em todos os aspectos.

O regimento esclarece que Isso não traz prejuízo nem perda de independência às mulheres, pois todas as decisões são tomadas por elas e que a participação dos homens no cotidiano do grupo, possibilita inclusive sua conscientização sobre a presença do machismo na cultura, e o enfrentamento do machismo presente em si mesmo. O Baque Mulher visa o desenvolvimento, a manutenção e a disseminação da cultura do Maracatu entre Mulheres e promove o encontro de mulheres por meio do Maracatu, visando muito além do fator percussivo, a troca de experiências relacionadas ao universo feminino.

E estimula o acesso de mulheres de todas as idades, priorizando as mulheres que se encontram em situação de Vulnerabilidade. No Regimento interno do Maracatu Baque Mulher contém o que compete a coordenadora geral, que é a Mestre Joana, as coordenadoras de cada filial e todas as integrantes do movimento. Lá está todo o direcionamento, o que se deve e como se deve fazer para fortalecimento do grupo, tudo supervisionado pela Mestre Joana.

A expansão do Maracatu Baque Mulher: O Maracatu Baque Mulher foi tomando imensas proporções, apoiado por mulheres de diversas classes sociais e de diversos lugares do mundo, firmando filias em diversos lugares do país e fora do país, algumas filias do Maracatu Baque Mulher: Arco Verde (PE), João Pessoa (PB), Pirenópolis (GO), Formosa (GO) Chapada dos Veadeiros (GO), Brasília (DF), Manaus (AM), Cuiabá (MT), Rio de Janeiro (RJ), Sana (RJ), Santos (SP), São Paulo (SP), Sorocaba (SP), Campinas (SP), Americana (SP), Bauru (SP), Ubatuba (SP), Ribeirão Preto (SP), São João do Rio Preto (SP), Piracicaba (SP), Maringá (PR), Curitiba (PR), Matinhos (PR), Londrina (PR), Foz do Iguaçu (PR), Joinville (SC), Florianópolis (SC), Balneário Camboriú (SC), Blumenau (SC), Belo Horizonte (MG), Ipatinga (MG), Lisboa (PT), Bruxelas (BE).

Com mais de 30 Filiais espalhadas pelo mundo, o Baque Mulher tornou-se uma ferramenta internacional de combate à violência contra a Mulher, contra o preconceito e todos os tipos de opressão, proporcionando o protagonismo da mulher negra e periférica, como resposta ao problema dessa pesquisa. Foi assim que o Maracatu de Baque Virado se transformou num instrumento de intervenção social, movendo toda uma comunidade e transformando vidas através do Maracatu.

O Maracatu Baque Mulher reuniu em torno de 20 Mulheres para participar do festival dos tambores em Cuba em 2018, Proporcionando às meninas e mulheres da comunidade conhecerem outras realidades e outras perspectivas de vida, fazendo pontes e espalhando a semente do maracatu, oferecendo oficinas e falando suas bases e sua história. Saindo da extrema vulnerabilidade para alçarem voos em novos horizontes.

Para que pudéssemos ter uma dimensão de quem são e quantas são as integrantes do Baque Mulher Matriz, foi elaborado um questionário que está no (anexo). De 50 integrantes, 22 integrantes responderam voluntariamente, não é o suficiente para fazer uma análise geral, que por falta de tempo como também a distância, impossibilitou de ter mais respostas. Dos questionários respondidos, as integrantes do Baque Mulher Matriz tem faixas etárias que vão dos dez anos de idade aos 70 anos.

A maioria das integrantes que responderam o questionário Já conheciam o movimento Baque Mulher pela própria comunidade, por morar perto ou através de familiares e amigas que já faziam parte, uma conheceu através das redes sociais, o *facebook*. 12/22 das integrantes moram no bairro do Pina, na comunidade do Bode, as outras dez se localizam em outros bairros do Recife: Mangabeira Zona Norte, Ibiribeira, Coque, Olinda, Brasília Teimosa, Encruzilhada.

Das 22 respostas sobre o grau de escolaridade, 6 terminaram o ensino médio, 2 tem ensino superior, 1 está concluindo o ensino superior, 1 é bolsista CAPES está fazendo Doutorado na UFPE, as demais estão no ensino fundamental, 1 parou no 8º ano, outra não respondeu. Das profissões que exercem temos 1 professora, 1 cozinheira e cuidadora, 1 costureira, duas aposentadas, 1 téc. de enfermagem, as outras parecem ter empregos informais e mal remunerados, temos 4 desempregadas das 22 que responderam o questionário. 2/22 começaram a trabalhar com 9 e 10 anos de idade, ainda crianças, para ajudar em suas casas, trabalhos como: Babá e domésticas.

Das 22 integrantes, 8 participam das duas Nações do Pina: a Nação do Maracatu Encanto do Pina e a Nação do Maracatu Porto Rico, 5 tocam Na Nação Encanto do Pina, 2 no Encanto do Pina e no Encantinho, 1 no Encantinho, 3 Na Nação Porto Rico, 1 no Estrela Dalva e 2 apenas tocam no Maracatu Baque Mulher.

Na pergunta de número 8: ( O que você acha mais Legal no Maracatu baque Mulher?) a questão do acolhimento e irmandade parece predominar nas respostas, o espaço que faz-se sentir em família, as rodas de diálogo, respostas como: “ tudo, porque apenas não tocamos, brincamos também”, ou “ compartilhar os momentos bons ou ruins juntas”, a questão da união e do respeito mútuo entre elas “ principal coisa imposta pela Mestreira Joana”, respostas que emocionam tal como: “ saí do fundo do poço, resinifiquei minha vida, reconheci meu valor”,

ou “ para mim foi ótimo, pois não saia para canto nenhum e hoje sou outra pessoa”, outras como: “ as ideologias a favor da mulher” ou “ quando nos apresentamos para as pessoas que não conhecem os fundamentos da cultura de matriz afro-brasileira”, “ a rede de mulher que foi criada no Brasil inteiro com objetivo de fortalecimento e empoderamento feminino”, são poucas respostas, porém muito preciosas, precioso como o sonho da E.R de 12 anos que quer ser aeromoça, ou a E.E de 13 anos que diz ser muito feliz no Baque Mulher porque está tendo várias oportunidades, a G. de 13 anos que diz que o Baque Mulher se tornou sua família, que mudou sua vida e se ficar longe ela fica muito triste, a N.R de 12 anos que diz que o Baque Mulher é sua segunda família e que sente muito orgulho de fazer parte; a A.A 48 anos diz que do fundo do coração ela é muito grata ao movimento Baque Mulher que à proporciona conhecer outras mulheres maravilhosas e outros mundos.

A cada ano o Maracatu Baque Mulher ganha mais adeptas, seguidoras e fortalecedoras desse movimento. No próximo subcapítulo vamos compreender como acontece sua intervenção, através do qual a metodologia usada para a militância e fortalecimento entre as mulheres, como diz a Mestra Joana: “ o Baque é consequência” pois antes, é preciso que aconteçam certas dinâmicas e vivências para a troca de conhecimentos e a prática da sonoridade entre todas as integrantes.

[...] “ Como mulheres, sabemos quais são os destinos que essa sociedade machista cria para nós. Então, se mulheres conseguem respeito e visibilidade por afrontar justamente esses valores, é porque elas são foda mesmo e eu serei sempre grata a elas. E, logo, as pessoas que as seguem não serão acrílicas. Ao contrário, se identificam com a luta” [...] Djamila Ribeiro.<sup>31</sup>

### 3.2 ORGANIZAÇÃO, LOAS, TOQUE E DANÇA EM AÇÃO: PAREM DE OS MATAR!

A Organização e Dinâmica de cada Grupo é direcionada pelas coordenadoras de cada filial, sob a supervisão da Mestra Joana, como está no Regimento do Movimento. São elas que definem os dias e a hora para os encontros e ensaios, promovem debates, rodas de diálogo, dinâmicas como a do o olho no olho, ou seja, se ver na outra, além das oficinas de maracatu para mulheres iniciantes ou não no mundo percussivo.

Uma questão muito importante que deve ser pontuado nesse trabalho é a obrigatoriedade do uso da saia nas apresentações, um aspecto de feminilidade que a Mestra

---

<sup>31</sup> Djamília Thaís Ribeiro dos santos é uma ícone do feminismo negro no Brasil, é um Filósofa, Feminista e acadêmica brasileira. É pesquisadora e Mestra em filosofia política pela Universidade Federal de São Paulo.

Joana preza no movimento por seu grande significado, que vamos entender melhor, através do INRC, Dossiê(2014) do Maracatu Nação:

Foi sobre o aspecto de feminilidade que a Mestra Joana alia a sua função, expressada na forma de se vestir, usando saias e acessórios, maquiagem, enfeites para os cabelos. Do ponto de vista de gênero, esse cuidado com a aparência reflete os códigos que operam como um elemento importante em contraposição ao machismo (BRASIL, 2014, p. 143).

Em um relato Mestra Joana<sup>32</sup> fala o seguinte sobre o uso da saia no Baque Mulher:

[...]“É uma de tantas das nossas lutas dentro do Maracatu, assim como existe várias lutas dentro do feminismo, milhares, centenas, a luta do uso da calça, da depilação nas axilas, da roupa curta etc.. Já falei milhares de vezes, o movimento Baque Mulher tem uma luta árdua, continua e de suma importância dentro do Maracatu. Para quem ainda não ouviu essa história, vou contar mais uma vez. A Mulher dentro do maracatu não podia tocar, seu lugar era rodando saia, dançando, quando a mulher pode finalmente juntar-se ao baque para tocar alfaia e outros instrumentos, assim autorizado e escolhidos pelos os homens, era obrigada a vestir calça e prender o cabelo para se camuflar no meio dos homens. Em 2008 quando assumi a Nação Encanto do Pina, que quebrei esse Tabu.

Botei saia em todas as batuqueiras, e para que eu pudesse reger a nação na passarela usando saia, tive que ir na organização do concurso pedir autorização. Sim, para reger o Baque de saia, tive que ir pedir essa autorização porque meu pai e os demais batuqueiros questionavam que isso iria prejudicar a Nação. A coordenação do carnaval ficou perplexa com meu pedido. Não tinham ciência que as mulheres não podiam usar saias nas Nações. Foi então que visivelmente entendi que isso era apenas imposto pelos homens dos Maracatus das Nações. Quando fundei o Baque Mulher, no mesmo ano em resposta a todos esses abusos machistas opressores dentro do maracatu, não poderia deixar de lado o símbolo que mais afronta os machistas: a saia. E então a mesma se tornou o principal símbolo de luta dentro do movimento. Tocar tambor usando saia, quebrando esse tabu dentro do maracatu, que a saia foi feita pra mulher rodar e não para estar dentro do baque.

Portanto mulheres que não gostam de usar saia, entendo e respeito, porém, peço que entendam e respeite também a nossa luta dentro do Maracatu. No momento que você está em uma apresentação como Baque Mulher, você não está ali se representando sozinha, mas sim, um movimento de luta também, que tem suas batalhas travadas, seu direcional e seguimentos.

---

<sup>32</sup> Entrevista concedida em 26 de abril de 2019.

Nada é modinha, nada é por acaso, tudo tem um objetivo. O nome do nosso traje já fala por sí. Usamos esse figurino que é o único momento que temos o dever, o compromisso de usar com sabedoria e respeito, porque é símbolo de luta e resistência dentro do movimento de empoderamento feminino FBV<sup>33</sup>.

Além do uso da saia, o Maracatu Baque Mulher usa as letras de suas Loas ( músicas e cantos) para projetar suas lutas em combate ao machismo e todo tipo de violência contra a mulher, contra o racismo e intolerância religiosa, são loas que encorajam as mulheres a denunciar uma agressão, representando o poder feminino aos ouvidos que escutam e aos olhos que veem a consciência dos direitos e conquistas das mulheres e contribuem para o avanço de uma sociedade mais igualitária, onde o empoderamento e o protagonismo das mulheres seja o reflexo de uma sociedade mais consciente e justa.

As loas do Baque Mulher pedem mais amor, mais paz, e mostram que as mulheres unidas são mais fortes, não importa sua cor ou classe social, pois reunidas se fortalecem e se protegem: “Companheira me ajuda que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mais com você ando melhor”.

As loas se tornam instrumentos de visibilidade, dando voz às lutas femininas e feministas, transmitindo através da expressão, do cantar, do tocar e do dançar para que veio o Baque Mulher e para ele que existe: [...] “É por esse baque, que eu ergo a voz, eu não ando sozinha eu venho por mim venho por todas nós, é se mexer com ela eu não vou deixar, não vou!” [...]. As loas encorajam a denúncia de situações de violência contra a mulher: [...] “Disque 180 denuncie o agressor, contra a violência ecoa o meu tambor, com a lei da pena o agressor não tem vez não, contra a violência meu apito sempre a mão” [...].

Outro tema presente nas loas são dos direitos e conquistas das mulheres: [...] “Maria da Penha é forte, é forte pra valer, com sua foça e coragem fez a lei acontecer, a lei Maria da Penha agora eu já sei, 11.340 do ano 2006. Mulheres do mundo inteiro, com garras pra vencer, vamos unir as nossas forças e fazer acontecer, temos direito à liberdade, temos direito de viver, temos direito, temos direito, temos direito de vencer” [...], (Maria da Penha é Forte) Mestra Joana.

A luta por mais amor e paz está presente nas loas de Mestra Joana: [...] “êêê ô Baque rosa tá na rua pedindo a paz e muito amor, e em mulher não se bate Nem Com Uma Flor<sup>34</sup>, já dizia o Capiba não importa a sua cor, Baque Mulher na levada do tambor luta contra a violência, o preconceito e o opressor” [...]. O sentido da sonoridade tão importante no construir

<sup>33</sup> Feministas do Baque Virado.

<sup>34</sup> Vide Figura – 28 p. 97.



das vidas e solidariedade entre mulheres consideradas irmãs também é cantado nas loas do Baque Mulher: [...] “ O machismo aqui dentro não se cria, orixá é nosso guia, fortaleza e poder, vem guerreira, faz parte dessa família, união a gente tem, aqui ninguém solta ninguém” [...]. Muitas outras loas firmam o poder feminino, sua origem e luta contra o racismo, como: As Mulheres da Minha Nação de Tenily Sales: [...] “as mulheres da minha nação, são guerreiras, batuqueiras, baianas e yalorixás, conhecem a fundo o segredo do mundo com brilho de Oxum e a coragem de Oyá, a dama do paço carrega a calunga, mãe Iemanjá vem nos abençoar” [...].

Há ainda a Feministas do Baque virado de Glória Cunha: Sobre o empoderamento negro e feminino há ainda duas loas, de Mestra Joana: [...] “ Sou mulher negra empoderada e periferia: Sou mulher Negra Empoderada, trago axé da nação Nagô, feministas do baque virado mulher guerreiras tocando tambor, Não Há violência ou machismo qualquer que cale meu tambor eu sou baque mulher [...].[...] “Eu sou do gueto mulher preta sim senhô, periferia sou favela pina bode com amor, sou Mulher Negra o racismo é opressor sinto a cor da minha pele incomodar por onde eu vou, periferia sou periferia, Baque mulher é periferia” [...]. Essas são apenas algumas loas que dão todo o sentido ao movimento: sendo muitas de autoria da Mestra Joana e outras demais integrantes do Baque Mulher.

Outras Loas homenageiam as duas Nações de Maracatu: Nação Encanto do Pina e Nação Porto Rico, ambas como base e fundamento do movimento, e Cultuando os Orixás, como fica explícito nas loas seguintes:

[...] “Deuza da beleza ô Oxum, é o Poder feminino, seu templo sagrado é em Osogbô ô ô, e aqui no Brasil vamos tocar tambor em seu louvor, pra tradição se preservar, as crianças vão cantar, no balanço Ijexá ora yêyêô” [...] Poder Feminino de Rudah Felipe e Robson Batista.

[...] “Meu tambor tem a batida do coração, meu baque é virado segura o compasso da marcação, vem meu povo chega pra ver Encanto do Pina Nação pra valer, Maria de Sônia foi quem fundou Encanto do Pina de Nação Nagô” [...] Na batida do coração de Mestra Joana.

[...] “que baque das ondas bonito tem muita força e muita tradição, Baque Rosa toca Porto Rico, toca com orgulho essa é minha Nação” [...] Baque Rosa toca Porto Rico de Felipe Romano e Kaka.

[...] “Menina que Baque é Esse? é o Baque das ondas do mar Encanto do Pina, Nação Porto Rico O Baque Mulher chegou pra saudar” [...] Saudação as Nações de Mestre Chacon.

Gostaria de deixar registrado nesse trabalho uma Loa que compus para o Maracatu Baque Mulher em 2017, expressando meus mais sinceros sentimentos de gratidão e respeito para com esse movimento, e que acredito, contempla todas as mulheres que fazem parte dessa história:

[...] **“Meu Maracatu, Nascido no manguezal.  
Amor como esse na vida nunca vi igual (bis)  
Mestra Joana quem fundou com muito Axé  
Mostrando pro mundo a força de uma mulher  
Meu Baque é virado, feminista e de fé  
Mostrando que lugar de mulher é onde ela quiser  
Eu Sou, Eu Sou Baque Mulher  
Rosa e laranja mudou meu destino  
Com a força Nagô tocando meu tambor  
é o poder feminino (bis)  
(Eu sou Baque Mulher, Flávia Diniz<sup>35</sup>, 2017).**

### 3.2.1 O Encontro Nacional do Maracatu Baque Mulher

O Maracatu Baque Mulher promove todos os anos o seu Encontro Nacional<sup>36</sup>, que em 2018 foi em Sorocaba (São Paulo), e em 2019 será em Recife. Esse encontro reúne batuqueiras de todos os lugares do Brasil afora, realiza oficinas com a Mestra, rodas com convidadas e homenageadas, em três à quatro dias de atividades e de trabalho coletivo, e também de muita diversão entre as mulheres. São dias fortalecedores para todas que participam, quando Mestra Joana proporciona às mais velhas (as mães do Pina) essa viagem e a participação das rodas de diálogos, levando suas experiências e exemplo de resistência.

Todos os anos no carnaval do Recife, acontece o desfile Oficial Baque Mulher desde sua fundação em 2008 na sexta feira de Carnaval, que também reúne as batuqueiras do Baque Mulher de diversos lugares do mundo bem como, desde 2012 participam do bloco Nem com Uma Flor, Organizado pela Secretaria da Mulher do Recife, um bloco que ergue a voz e vai as ruas exigir o fim da violência contra a mulher, dando visibilidade a desigualdade de gênero.

### 3.2.2 Parem de nos Matar!

Como um dos temas mais importantes do Maracatu Baque Mulher a violência contra a mulher merece um destaque nesse trabalho. Segundo a ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP (2019) nos últimos 12 meses, 1,6 Milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil<sup>37</sup>. 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Entre os casos de violência, 42% ocorreram dentro de suas casas, no ambiente doméstico, e após sofrer a violência mais da metade das mulheres (52%) não

<sup>35</sup> Vide Figura – 8 p. 93

<sup>36</sup> Vide Figura 20 p. 95

<sup>37</sup> FRANCO, Luiza. Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil. In: **BBC News Brasil em São Paulo**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

denunciou o agressor ou não procurou ajuda.

Essa Pesquisa levantada pelo Data Folha (2019) revela também que grande parte das mulheres que sofreram a violência dizem que o agressor era alguém conhecido (76,4%). E que a maioria das mulheres que sofreram e sofrem da violência são as mulheres negras e mais jovens.

Para Samira Bueno, diretora executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a origem desse mal é “cultural”, e podemos ter as melhores Políticas Públicas, de punição a agressores, mas se elas não tiverem uma perspectiva de prevenção alterando normas sociais e culturais, o problema não vai se resolver. Pois mesmo com Leis de defesa da mulher, a Lei por si só não resolve os problemas, pois o menino que vê o pai batendo na mãe vai bater na esposa e a menina que sofre violência sexual dentro de casa muitas vezes nem sabe que aquilo é uma violência, acha “normal” ou tem medo de conversar com alguém por sofrer algum tipo de ameaça.

Sobre o número maior de violência contra as mulheres negras, Samira Bueno diz que é impossível não falar de racismo e em como ele determina trajetórias de vidas, onde as condições econômicas das mulheres pretas são piores do que as mulheres brancas, fruto de um legado escravocrata que o país nunca solucionou. Na Paraíba mais de mil inquéritos<sup>38</sup> de violência contra mulher foram instaurados em apenas três meses, e de que além dos inquéritos instaurados, a polícia Civil concedeu 1.133 medidas protetivas para as mulheres em 2019.

Para Atendimento às mulheres vítimas de violência no Estado da Paraíba temos: as delegacias especializadas de atendimento à mulher: a Paraíba conta com 13 DEAMS, distribuídas nas cidades de João Pessoa, Picuí, Souza, Cajazeiras, Campina Grande, Bayeux; o Centro de referência Ednalva Bezerra no município de Joao Pessoa, o Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes em Campina Grande, o Centro Referencia Especializado de Assistência Social Regionais e Municipais e a casa Abrigo Aryane Thais.

Mas não basta existir políticas Públicas, elas precisam ser implementadas e esse é o grande desafio<sup>39</sup>. Samira Bueno lembra que a Lei Maria da Penha por exemplo é uma grande conquista. No papel, é muito boa, não é só uma Lei penal, é quase uma Política Pública inteira de violência contra a mulher que engloba muitos aspectos: prevenção, medidas protetivas, trabalhos com autores de violência, e que num caso como esse o desafio é sempre o da implementação.

---

<sup>38</sup> Dani Fachine, G1 PB 21/04/2019.

<sup>39</sup> Luiza Franco Da BBC News Brasil em São Paulo 26 fevereiro 2019.

Há também o obstáculo do pacto federativo, pois cabe ente público é responsável para a Lei funcionar: Prefeitura, Estado, União, Executivo, Judiciário. Apenas 8% dos municípios têm Delegacias da Mulher, Bueno ainda nos lembra a falta da institucionalização de boas práticas e que quando os projetos funcionam não é por institucionalização, mas porque individuais lutam por ele.

Blay (2003)<sup>40</sup> procurou investigar os vários tipos de homicídios tentativas ou consumação de mulheres e procurou comparar como os crimes eram tratados pela mídia, jornais de 1991 e de 2000, nos boletins de ocorrência das delegacias (1998), nos processos judiciais (1997). Ela desejava saber como a mídia tão resistente à princípio se comportava diante à violência contra a mulher, como era registrado e julgado os assassinatos de mulheres na passagem do século XXI, e seus resultados revelaram mudanças em alguns segmentos e mecanismos que retroalimenta a antiga violência nas relações sociais de gênero. Depois de 1975 os organismos internacionais começaram a se mobilizar contra a violência à mulher, quando a ONU realizou o primeiro dia Internacional da mulher, porém a comissão de Direitos Humanos da própria ONU só incluiu um capítulo de denúncia e propôs medidas para coibir a violência de gênero em 1993.

Blay(2003) também mostra em sua pesquisa que a questão da violência de gênero e injustiças legais é um problema mundial antigo que inferioriza a mulher e contribui para seu assassinato. No Brasil até o código civil de 1996 sob pretexto do adultério, assassinar a mulher e seu amante era legítimo, já para os homens uma relação fora do casamento se constituíam concubinato e não adultério, o que mostra formas desiguais e injustas de punições onde as mulheres pagavam com suas vidas enquanto para os homens era um ‘relação livre’: eles poderiam ter suas amantes. O Código Civil de 1916 foi alterado e considerou o adultério de ambos uma razão para a separação ou desquite, mas essa alteração não modificou o violento costume de matar as mulheres.

O histórico de opressões contra as mulheres dentro da sociedade civil e dentro dos seus lares também reflete uma profunda desigualdade de gênero: a mulher para trabalhar fora de sua casa teria que ter a autorização de seu marido, “para proteger a família” (BRASIL, 1916), pois se considerava que a mulher trabalhando fora de casa provocaria a desagregação da família.

Nas décadas de 1960 e 1970 se formou um vasto movimento de mulheres feministas com revolta por absolvições de assassinos e a Impunidade dos crimes justificados “pelo amor” fazendo com que mulheres feministas de classe média, militantes políticas e contra a Ditadura

---

<sup>40</sup> Professora titular de Sociologia na USP e coordenadora Científica do NEMGE (Núcleo de estudos da mulher e relações sociais de gênero).

atuassem a favor dos direitos das mulheres, por melhores condições de vida e igualdade de direitos entre homens e mulheres. Este grande movimento trazia o slogan: Quem Ama Não Mata! pois diferentemente das décadas de 1910 e 1920 as atrocidades e crimes escondidos na e pela família tornaram-se públicos, mesmo se de início foram recebidos com descredito e sarcasmo pela mídia em geral, mas aos poucos foram reconhecidos (BLAY, 2003).

Foi assim que foram criadas as delegacias de Direito da mulher, a primeira em 1985, onde as mulheres que procuravam ajuda sentindo-se ameaçadas, vítimas de incompreensão e machismo de seus companheiros eram recebidas e atendidas por outras mulheres. Para Blay (2003) alterar essa relação de subordinação de gênero foi o início de uma revolução nos papéis sociais, mas os crimes de gênero continuaram.

Sobre os direitos humanos e homicídios de mulheres nos noticiários, Blay (2003) verificou que até a década de 1980 as vítimas eram apresentadas como causadoras de sua própria morte e havia um visível apoio aos assassinos que eram levados a matar pela conduta infiel da mulher ou por querer romper um relacionamento. Comparável aos dias de hoje onde a vítima é culpada dos assédios e estupros, seja pelo modo de se vestir ou de se portar.

Hoje 16 anos depois da publicação do trabalho de Blay (2003) existe uma abertura para se falar sobre a violência contra a mulher nas escolas, podendo romper essa hierarquia machista, porém a autora enxergou que a escola não poderia ficar isolada de um processo amplo de transformação para que se alcançasse a equidade de gênero:

o que pode fazer uma professora de qualquer nível da escola educacional, se ela própria é violentada? O que pode ensinar um professor que é o violador? O que pode fazer a escola se estiver desligada de um processo de transformação Cultural? (BLAY, 2003, [s/p]).

O espaço família que deveria ser um refúgio de paz e descanso do dia a dia, é por excelência o espaço onde a violência tem seu suporte mais alto de incidências, bem nos lembra CARNEIRO (2003) que a violência doméstica atinge mulheres de todas as raças e isso se agrava para as mulheres negras, pois o racismo vai gerar outras violências e a questão da impunidade é um grande fator para mais violências: “ a impunidade em relação aos crimes tem constituído incentivo a sua prática” (CARNEIRO, 2003, p. 12 ). Ainda que:

as mulheres negras venham há anos buscando alargar o conceito de violência contra a mulher para além da agressão e abuso sexual, pela introdução do conceito de violência racial entre as práticas que produzem dano físico, psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. (CARNEIRO, 2003, p. 12)

Carneiro (2003) recorre as condições históricas do Brasil que coisifica a mulher negra através de sua apropriação e humilhação. A autora explica que no Brasil o estupro colonial pelos senhores brancos sobre as mulheres negras e indígenas é responsável por um dos pilares da decantada democracia racial; a miscigenação, que está na origem de todas as construções sobre a identidade nacional e das hierarquias de gênero e raça presentes em nossa sociedade, e configurando aquilo que autora define como:

a grande teoria do esperma da formação nacional através da qual: 1- o papel da mulher negra na formação da cultura Nacional é rejeitada; 2- a desigualdade entre homem e mulher é erotizada; 3- a violência sexual contra as mulheres negras é romantizada (CARNEIRO, 2003, apud, GILLIAM, 1996, p. 12).

O que difere das histórias do período colonial para hoje, quanto as atrocidades feitas às mulheres, é justamente uma nova roupagem, como bem diz Carneiro (2003): essa tradição legítima formas particulares de violência vividas pelas mulheres negras onde ela destaca o turismo sexual e o tráfico de mulheres, com uma dimensão racial que é preciso ser apresentado como um grande marcador das diferentes formas de violência contra a mulher.

A autora cita também a pesquisadora Piscitelli (1996), onde ela descreve o clássico comportamento de estrangeiros que vem ‘consumir’ mulheres brasileiras, com preferências em mulheres muito jovens e negras. As mulheres envolvidas no turismo sexual ou tráfico de mulheres são na maioria muito pobres e também vítimas de abuso sexual.

acham-se submetidas a condições de opressão e marginalização tão intensas, que mesmo conhecendo ou intuindo os riscos presentes nos envolvimento com esses homens estrangeiros, agem como se o que quer que venham a sofrer não possa ser pior do que o que já acontecem (CARNEIRO, 2003, p. 13, apud, PISCITELLI, 1996, [s.p]).

Gonzalez (1983, apud, CARNEIRO, 2003) fala de um contínuo histórico, onde o assédio sexual está incluído na iniciação da vida sexual dos jovens brancos, e onde historicamente a mulher negra passa de mucama à doméstica, e mantendo o abuso sexual das mulheres negras. Portanto, é extremamente importante que a variável racial na temática de gênero não seja desprezada pois ajuda a compreender os fatores culturais que são racistas e preconceituosos e determinam a violação dos Direitos Humanos das Mulheres no Brasil.

Carneiro (2003) também dialoga com as políticas públicas para mulheres no Brasil, que partiram do mito da fragilidade feminina justificando a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, ela pergunta ‘de que mulheres estamos falando?’, pois as mulheres negras

nunca reconheceram em si mesmas esse mito, nunca foram tratadas como ‘frágeis’, sempre trabalharam duro e foram tratadas como objetos.

Assim como foi apresentado na pesquisa de Blay (2003), antes, Grossi (1994) também lembra a grande mobilização que trazia o slogan: Quem ama não mata no final dos anos 70, aonde uma primeira manifestação contra a impunidade do assassinato de Ângela Diniz uma socialite brasileira, morta por seu agressor. Ângela era acusada de ‘denegrir os bons costumes e ter vida desregrada.

Assim, a luta contra a impunidade marca o movimento feminista da década de 70, mobilizando as mulheres feministas a partir dos anos de 1980 surgiram os grupos de mulher a partir da reunião anual da Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência em São Paulo, onde foi criado o dia Nacional de luta contra a violência contra a mulher em 10 de Outubro.

Neste mesmo ano, foi criado o Centro de defesa dos direitos das mulheres em Belo Horizonte e os SOS corpo de Porto Alegre, que tiveram um papel importante nesse contexto de luta pelo combate a violência e pelos direitos das mulheres. Grossi(1994) nos traz que um dos pressupostos no tratamento da violência contra a mulher que predominou em todos os SOS (mulher e corpo) e na produção teórica e militante dos anos 80, e que se restringia basicamente à violência conjugal.

A autora dialoga sobre a situação de subordinação das mulheres brasileiras pelas feministas no início dos anos 80, onde se pressupunha que a situação de violência conjugal deixaria de existir quando as mulheres pudessem ser atendidas enquanto vítimas da violência masculina, e quando se conscientizassem de sua situação de opressão na sociedade patriarcal. Grossi (1994, p. 476) também fala das indagações feitas pelas feministas que ficaram sem respostas, e cita como por exemplo:

por que é tão difícil conscientizar as mulheres de sua situação de dependência e subordinação mesmo quando elas tem condições materiais de viverem autonomamente? Por que muitas mulheres após denunciar tiram a queixa? Porque as coisas melhoram?, ou porque elas amam seus companheiros?

As respostas geraram polemicas entre militantes e pesquisadoras que ora complexificaram a análise da violência nas relações de gênero, relativizando o lugar da vitimização, ora na reafirmava gravidade da situação de subordinação das mulheres brasileiras. Ainda no trabalho da Grossi (1994) podemos ver que nos anos 80 o Brasil estava numa posição de recorde de violação aos Direitos Humanos das mulheres, que indagadas sobre as causas da violência conjugal, relatavam as “razões típicas” da violência : quando o marido bebe e passa

a ofender e agredir fisicamente, quando havia a recusa em manter relações sexuais, por ciúmes, por diferentes pontos de vista na educação de seus filhos, por falta de dinheiro, por brigas com parentes, além de lesões corporais são citadas: ameaças, estupros, maus tratos, abandono, cárcere privado, homicídios etc. “explicações que mostram a situação de desvalorização, subalternidade e exploração das mulheres em uma sociedade visivelmente capitalista e patriarcal” (GROSSI, 1994, p. 477).

Grossi (1994, p. 481) destaca a violência étnica contra mulheres negras, onde grupos de mulheres negras denunciam a invisibilidade dos dados estatísticos que não contemplam a discriminação de cor, uma invisibilidade que seria para muitos militantes, fonte de discriminação dos próprios dados da violência contra a mulher, uma vez que haveria maior número de agressões contra mulheres “não brancas”.

Informações e serviços do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) disponíveis no portal do CNJ, revelam que as formas de violência contra a mulher, (segundo o art. 7 da Lei nº 11.340/2006), são formas institucionais de violência de gênero, doméstica e familiar, podendo ser: “física, psicológica, sexual, patrimonial, moral. Consta ainda no Código Penal Brasileiro que a violência sexual pode ser caracterizada de forma física, psicológica ou como ameaça, compreendendo o estupro, a tentativa de estupro, o atentado violento ao pudor e o ato obsceno” (CNJ, 2006). Do ponto de vista quantitativo o Atlas<sup>41</sup> de Violência no Brasil (2019) indicou que houve um crescimento dos homicídios femininos em 2017, com cerca de 13 assassinatos por dia, sendo que neste ano 4.936 mulheres foram mortas- o maior número registrado desde 2007:

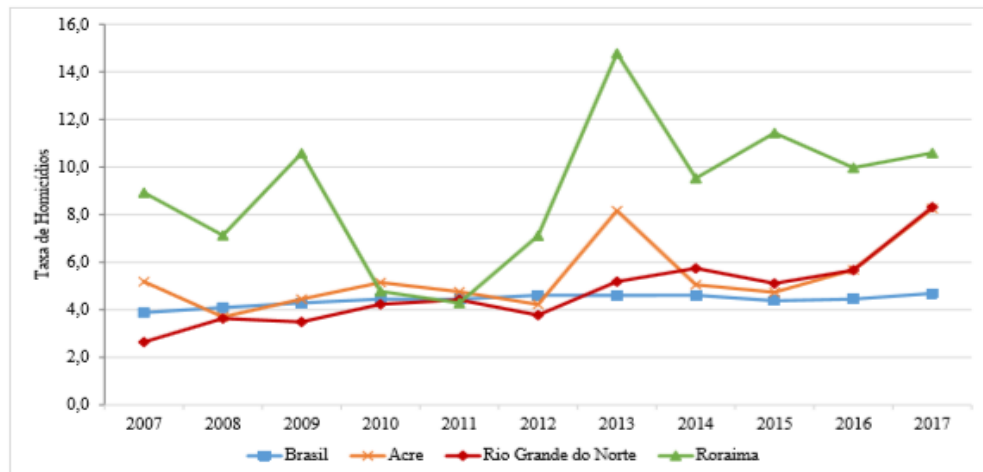
GRAFICO 1: Evolução d-a taxa de homicídios por 100 mil de mulheres no Brasil e nas três UFs com as maiores taxas em 2017 (2007-2017).

---

41

[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf).

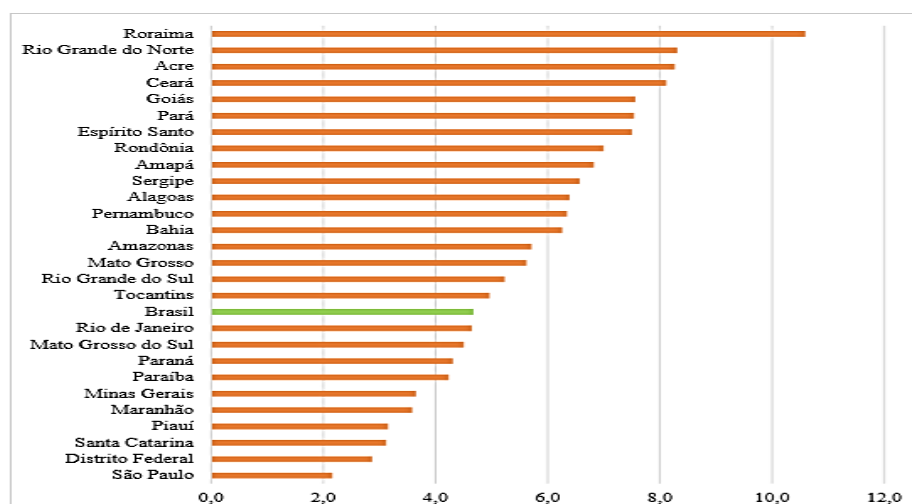




Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas (IPEA, 2019, p. 35).

Durante a década analisada (2007 à 2017), o feminicídio cresceu bastante, com o crescimento expressivo de 30,7%. Considerando esse período decenal, o Rio Grande do Norte ficou no topo das unidades Federativas com o maior crescimento de crimes contra a mulher, seguido por Ceará e Sergipe entre 2007 e 2017. Já em 2017 Roraima respondeu pela maior taxa com 10,6 mortes de mulheres por grupo de 100 mil, índice duas vezes maior à media Nacional que é 4,7. As unidades Federativas onde houve mais violência letal contra as mulheres são: Roraima, seguida por: Acre (com taxa de 8,3 para cada 100 mil mulheres), Rio Grande do Norte (8,3); Ceará(8,1); Goiás (7,6); Pará e Espírito Santo com taxas de (7,5).

GRÁFICO 2: Taxa de homicídios por 100 mil mulheres nas UFs (2017)

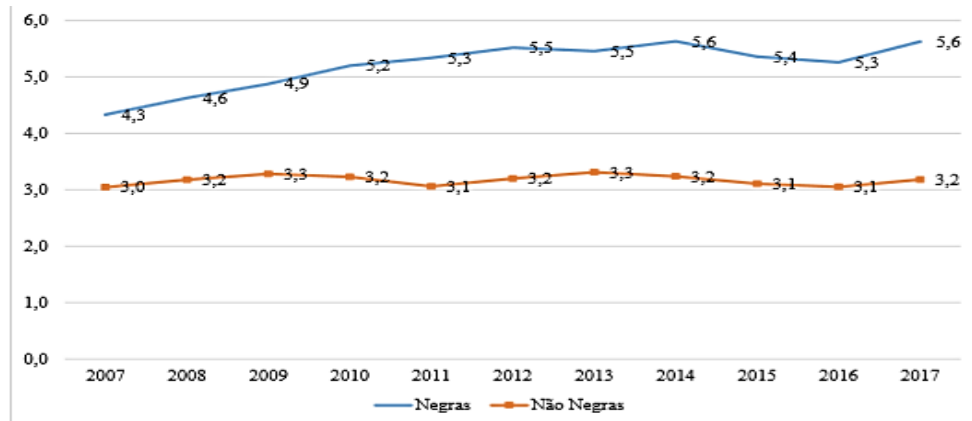


Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. (IPEA, 2019, p. 38).

O gráfico 2 ilustra a situação de todas as unidades da Federação em relação à taxa de homicídios de mulheres no ano de 2017 de 27 estados, Pernambuco aparece no decimo segundo

lugar, e a Paraíba no vigésimo primeiro lugar.

GRÁFICO 3: Evolução da taxa de homicídios femininos no Brasil, por raça/cor (2007-2017)



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. (IPEA, 2019, p. 39)

Também foi traçado o perfil dos crimes segundo o local da ocorrência do fato, do total de homicídios contra a mulher: 28,5% ocorreram dentro da residência e em 39% o local foi ignorado:

causa preocupação a flexibilização em curso da posse e porte de armas de fogo no Brasil. Apenas em 2017, mais de 221 mil mulheres procuraram delegacias de polícia para registrar episódios de agressão (lesão corporal dolosa) em decorrência de violência doméstica, número que pode estar em muito subestimado dado que muitas vítimas têm medo ou vergonha de denunciar e considerando os altíssimos índices de violência doméstica que assolam o Brasil, a possibilidade de que cada vez mais cidadãos tenham uma arma de fogo dentro de casa tende a vulnerabilizar ainda mais a vida de mulheres em situação de violência (IPEA, 2019, p. 42).

O Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas - IPEA, nos traz quadros sintéticos que mostram os homicídios de mulheres de 2000 à 2017, comparando os quadros dos números de mulheres mortas quanto à sua cor e entre os estados de Pernambuco e Paraíba durante o tempo de análise em questão:

QUADRO 1: números de mulheres mortas quanto à sua cor e entre os estados de Pernambuco e Paraíba

PARAIBA		
COR	NUMERO DE MORTES ANO 2000	NUMERO DE MORTES ANO 2017
NEGRAS	32	76
BRANCAS	7	11
PERNAMBUCO		
COR	NUMERO DE MORTES ANO 2000	NUMERO DE MORTES ANO 2017
NEGRAS	202	257
BRANCAS	70	50

FONTE: Pesquisa elaborada pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA

Podemos ver o assustador número de mulheres mortas, sobretudo a grande diferença de maior número de mortes de mulheres negras, e comparando os estados, Pernambuco apresenta uma situação ainda mais vulnerável para as mulheres, e como vemos a situação se agrava ainda mais para a mulher Negra.

O Mapa da Violência Contra a Mulher 2018<sup>42</sup> da Comissão de Defesa dos Direitos da mulher analisou mais de 140 mil notícias onde identificaram mais de 68 mil casos de violência contra mulher ocorridos em 2018. A maioria dessas vítimas foram agredidas pelos seus companheiros ou ex-companheiros, a cada 17 minutos uma mulher é agredida fisicamente no Brasil, de meia em meia hora sofre violência psicológica ou moral, a cada 3 horas alguém relata um caso de cárcere privado. No mesmo dia 8 casos de violência sexual são descobertos no país, e por semana 33 mulheres são assassinadas por parceiros antigos ou atuais. O ataque é semanal para 75% das vítimas, que na maioria são mães logo, essa violência atinge as crianças que muitas vezes presenciam toda situação acarretando traumas pro resto de suas vidas.

A base de dados utilizada como fonte de informações para a análise foi o banco de matérias da Linear Clipping, (uma empresa especializada em monitoramento estratégico de notícias) a análise inicial e identificação dos casos foi realizada pela HABRA (Associação de Educação do Homem de Amanhã de Brasília). 68.811 casos identificados de violência contra a mulher foram identificados e divididos em 5 categorias: importunação sexual, violência online (crimes contra a honra), estupro, feminicídio e violência doméstica.

A análise trouxe dados preocupantes: a mídia brasileira que veiculou 32.916 casos de estupro no país entre os meses de janeiro e novembro de 2018. Fora os casos que não são denunciados e veiculados na mídia. O levantamento desses casos de estupro em 2018 criou três categorias diferentes desse crime: estupro comum, estupro coletivo e o estupro virtual.

O estupro comum é quando cometido de forma presencial, por um único agressor contra uma ou mais vítimas: foram registrados 29.430 casos no Brasil no período analisado. O estupro coletivo é quando praticado por dois ou mais agressores contra uma ou mais pessoas de forma presencial: Foram identificados 3.349 casos de estupro coletivo em 2018 no Brasil.

As vítimas do crime de estupro com idades entre 15 e 18 anos representam 18% dos casos em 2018, são 5.760 episódios registrados. As vítimas com idades entre 18 e 59 anos representam 35% dos casos, com total de 11.708 crimes de violência sexual registrados pela imprensa brasileira. As mulheres idosas representam 4% dos casos, foram 1.40 casos noticiados. São Paulo é apresentado com o Estado que mais acontece esse tipo de violência contra a mulher, seguido de Mato Grosso, Alagoas, Rio de Janeiro, Bahia, Goiás, Distrito Federal (Mapa da Violência Contra a Mulher, 2018, p. 11).

---

<sup>42</sup> [https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia\\_pagina-cmulher-compactado.pdf](https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf)

O estupro virtual se trata de uma recente categoria na classificação dos crimes sexuais e que não se difere da noção de relação sexual abusiva, se trata de um cenário onde a mulher sofre a ameaça de ter seu corpo exposto nas redes sociais, caso ela não atenda as exigências do abusador, ou o abusador usa como algum tipo de vingança, para expor, humilhar e ridicularizar a mulher, em 2018 foram encontrados 137 casos de estupro virtual na imprensa.

Para coibir o estupro, cada vez mais estamos cientes que é necessária a implantação de um conjunto de medidas que fortaleçam as mulheres e meninas sobre seus direitos. As escolas, os postos de saúde, o ambiente de trabalho, as relações solidárias de amizade, as associações comunitárias, os grupos de mulheres, os operadores do Direito. Enfim, formar rede para o enfrentamento à cultura do estupro que viola a dignidade física e emocional das mulheres (Mapa da Violência Contra a Mulher, 2018, p. 15).

Cerca de 43% dos estupros são cometidos com menores de 14 anos, (o estupro de vulnerável assim chamado), onde na maioria dos casos essa violação e crime acontecem dentro de suas casas, por criminosos que deveriam exercer o papel de proteger e cuidar, geralmente esse crime acontece pelos seus próprios pais, tios, vizinhos, ou alguém próximo da família. Por isso a urgência de se falar sobre violência contra a mulher nas escolas, pois muitas crianças vivem esse crime e não compreendem que são vítimas.

O Estado de São Paulo apresenta a maior concentração absoluta de notícias dessa agressão, até pelo seu volume populacional correspondendo a 8,5 do total Nacional. Distrito Federal, Alagoas, Rondônia, Rio de Janeiro e Goiás corresponde 5% dos casos de violência doméstica no Brasil. Em seguida temos Bahia, Mato Grosso do Sul, Paraná, Minas Gerais, Amazonas e Pernambuco com 3% dos casos. Já os Estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pará, Roraima, Maranhão e Paraíba representam cerca de 2% dos casos, e por fim os Estados de Sergipe, Acre, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Amapá respondem por 1% em média. Lembrando que são dados noticiados pela imprensa, há de se considerar os casos não registrados nas delegacias ou na imprensa (Mapa da Violência Contra a Mulher, 2018, p. 25).

O estudo multipaíses da OMS ( Organização Mundial da Saúde) realizado no Brasil ( *estudio multipaís de la OMS sobre salud de la mujer y violencia doméstica contra la mujer*) OMS (2002) destaca que 30% das mulheres que disseram ter sido agredidas, afirmam que foram vítimas tanto de violência física como de violência sexual, entre os meses de janeiro e novembro a imprensa brasileira noticiou 14.796 casos de violência doméstica.

### **3.2.3 A Lei Maria da Penha**

[...] “Maria da Penha é Forte, é Forte pra valer, Com sua Força e coragem fez a Lei acontecer” [...] (Loa Baque Mulher, Mestra Joana).

A Biofarmacêutica cearense Maria da Penha Maia Fernandes, que deu nome à Lei de violência doméstica, ficou paraplégica após levar um tiro de espingarda do marido enquanto dormia, em 29 de maio de 1983. Apesar da barbárie desse e de outros abusos, o caso tramitou lentamente na justiça, o que repercutiu negativamente na imprensa mundial. Em 2001, o Brasil foi condenado pela comissão interamericana de Direitos Humanos da organização dos Estados Americanos devido a negligência com que tratava a violência contra a mulher. Só em outubro de 2002 o agressor foi preso, pegou pena de 10 anos cumpriu dois e hoje está livre (Mapa da Violência Contra a Mulher, 2018).

A Lei Maria da Penha, de número 11.340 de 7 de Agosto de 2006 cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, regulamentando definições desse crime e a assistência a mulher em situação de violência doméstica e familiar, medidas integradas de prevenção (Mapa da Violência Contra a Mulher, 2018):

- Do atendimento pela autoridade policial;
- Dos procedimentos, medidas protetivas de urgência à ofendida e que obrigam o agressor;
- Do crime de descumprimento de medidas protetivas de urgência;
- Da atuação do ministério público;
- Da assistência judiciária;
- Da equipe de atendimento multidisciplinar.

Outro crime contra a mulher que se caracteriza pela morte da vítima por violência doméstica ou familiar, ou pela discriminação pela condição de mulher é o Femicídio, um problema mundial. Devido ao elevado número de mulheres assassinadas em virtude do gênero, foi aprovada a Lei 13.104 em 9 de Março de 2015, a chamada Lei do Femicídio. O levantamento feito pelo Mapa de Violência Contra a Mulher (2018), aponta que os órgãos de segurança pública possuem uma certa resistência em categorizar o mesmo crime como homicídio doloso praticado contra a mulher por “razões da condição de sexo feminino”, rastro do machismo institucional em nosso país.

Vimos também que o avanço tecnológico trouxe consigo outra forma de exposição, crime e violência contra a mulher, o crime contra a honra “online” é um problema que tem

acarretado traumas psíquicos gravíssimos as mulheres, a exemplo da depressão e em casos mais extremos as tem às levado ao suicídio.

O *cyberbullying*, como é chamado, é uma agressão que acontece no mundo virtual, através de meios eletrônicos, para humilhar, diminuir e expor, geralmente acontecendo mais com jovens e adolescentes. Entre os adultos tem aumentado o caso de *revenge porn* (vingança pornô) expressão em inglês usada para definir a postagem de fotos de pessoas nuas nas redes, onde os algozes são ex-maridos e ex- namorados, depois do fim de um relacionamento. Em 2018, 2.788 casos de crimes contra a honra de mulheres em ambiente online, com importunação sexual, que também é um grande problema presente na vida das mulheres: do velho ‘fiu-fiu’ quando se passa na rua, a palavras que são práticas contra a mulher sem seu consentimento, são crimes que na maioria acontecem nos meios públicos, como por exemplo nos ônibus e metrô.

A partir da Lei 13.718/2018 esse tipo de conduta tem prevista uma pena de 1 a 5 anos de prisão. Essa nova lei pretende estender a proteção, o direito de ir e vir das mulheres sem serem importunadas. Foram registrados 72 casos de crime de importunação sexual em 2018, e cerca de 94% deles, os agressores são pessoas desconhecidas das vítimas (Mapa da Violência Contra a Mulher, 2018).

### 3.2.4 Central de Atendimento

[...] “disque 180 denuncie o agressor, contra violência ecoa o meu tambor” [...] (Loa do Baque Mulher, “disque 180” de Mestra Joana).

Sobre a central de atendimento à mulher ligue 180, esse é um canal de atendimento telefônico que tem como foco o acolhimento na orientação e o encaminhamento para os diversos serviços da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres em todo o Brasil, e as ligações podem ser feitas de telefone fixo, particular ou público, o serviço funciona 24 horas por dia, 7 dias na semana fim de semana e feriados.

Quanto ao aumento desenfreado de crimes contra a mulher, faz-se supor que a não aceitação dos homens por mulheres cada vez mais empoderadas e livres, tenha a ver com o aumento dos crimes, tendo em vista que as mulheres estão cada vez mais empoderadas e cientes de um histórico opressor e limitante, estão cada vez mais cientes de seu direito de ir e vir, de sua autonomia sobre seus corpos.

Os homens precisam ser “reeducados”, aceitar um não, a não terem a mulher como um objeto de controle de suas vidas, por onde andar, como andar e como se portar, precisam

entender que ninguém é posse de ninguém. Acredito que o assunto (violência contra Mulher e igualdade de Gênero) deva ser urgentemente debatidos nas salas de aulas de todas as escolas do País pois esse não conformismo, não aceitação da liberdade, autonomia e empoderamento da mulher tem nos matado todos os dias.

O Maracatu Baque Mulher se tornou uma ferramenta de combate à violência contra a mulher, e vem fazendo com que mais mulheres se apoiem, numa teia de apoio e acolhimento que cresce ao e alcance das mulheres que vivem em situações de mais vulnerabilidade, através do Maracatu de Baque Virado, através da luta e do poder feminino ajudando a mudar o mundo, por um mundo com direitos iguais e por um mundo onde quem dá a vida, tenha o direito de viver.

### 3.3 VIVENDO O PINA: DIÁRIO DE VIVÊNCIAS

Entre idas e vindas ao Recife para minha vivência com o Maracatu Baque Mulher e para pesquisa de campo desse TCC, começou em 20 de Janeiro de 2019 quando levamos o Baque Mulher João Pessoa para um ensaio e oficina com o Baque Mulher Matriz, em preparação para o desfile Oficial do Carnaval 2019<sup>43</sup>, eu já faço parte da Filial do Baque Mulher João pessoa desde 24 de Março de 2017.

A minha jornada dentro da Comunidade do Bode, no Bairro do Pina em Recife começou na sexta feira do dia 25 de janeiro, às 11:30 da manhã cheguei na comunidade, no Ylê, e trabalho nunca falta no barracão. Eu, juntamente com o Ogã<sup>44</sup> da casa (Deivison) começamos a arrumação na parte de trás o Ylê: limpamos, organizamos, espanamos, enquanto aos poucos outras pessoas iam chegando para ajudar em outras atividades inclusive a Mestra Joana que desde cedo já havia começado a sua labuta.

Os figurinos e adereços para a Corte Real e o desfile da nação iam sendo restaurados, pois lá nada se perde, pelo contrário: até o lixo vira luxo pelas mãos das mulheres da comunidade. No relógio eram 16:00 da tarde, e até aquela hora a mestra sequer havia almoçado ainda, sempre muito ativa e brincalhona. Mestra Joana que a pouco tempo havia tido seu bebê (a pequena Jhadyana) deixou-a aos cuidados das meninas da comunidade em casa, enquanto ela estava nos trabalhos e preparativos para o carnaval no barracão: é um momento de trabalho intenso para botar a nação na rua, nessa ocasião a mestra falou: [...] “eu não estou podendo nem

---

<sup>43</sup> Vide Figura – 17 p. 96.

<sup>44</sup> Ogã: é o sacerdote do terreiro escolhido pelos Orixás para estar lucido em todos os trabalhos. O que toca o Ilú, responsável pelo toque dos rituais.

ser mãe dela” [...], no sentido de que ela não podia dedicar à filha a atenção que lhe era necessária e desejada. Mas a Mestreira não parava: prega algo aqui, cola, corta, dá ‘um bali’ (dá uma bronca) em alguém, e à noite, quando seria o descanso de um dia intenso, tinha o ensaio da Nação Encanto do Pina, sendo que a mesma movimentação e trabalhos acontecem na Nação Porto Rico.

[...] “Estou acabada” a coluna que não aguento, ajudei o dia inteiro no barracão e fui ensaiar com meu tambor e depois do ensaio ainda continuamos nas arrumações de adereços da Nação e para o Desfile Oficial do Baque Mulher. Já se passava de meia noite quando todos enfim, deram uma pausa e foram para suas casas descansarem, algumas pessoas ficam pelo Ylê mesmo, e uma delas foi eu, espalham colchão pelo chão e dormem” [...].

Essa primeira noite eu fiquei na parte de cima do barracão, onde fica um escritório, estou em meio de adereços espalhados e organizados pelo chão, estou muito grata! Por viver isso, estou em um barracão de palafitas elevado por toras de madeira dentro da Maré, totalmente fora da minha zona de conforto, cansada e feliz! Mal consigo escrever. No dia seguinte 26 de janeiro andei pela comunidade inteira com a batuqueira e Andrea Andressa<sup>45</sup>, filha da casa, mãe de Maria Maya e Elba Mariana que também são filhas da casa e são batuqueiras das Nações do Pina e do Baque Mulher desde crianças. Andressa sempre morou dentro da comunidade e como muitas, traz um histórico de vida cheio de violências, conversamos muito naquele dia. Através do Baque Mulher essas mães, a exemplo de Andreia Andressa, lutam para que suas filhas não passem pelo o que elas passaram.

Na nossa andada pela comunidade, para comprar os materiais para o almoço no Ylê, Andreia Andressa entrou em um armarinho para saber o preço de uma toca de cabelos, e comentou dizendo que: [...] “nem ela nem as filhas dela davam mais ‘agressivas’ em seus cabelos” [...], que quer dizer progressiva um tipo de alisamento feito com produtos químicos para alisar os cabelos. Isso para mim foi muito emocionante, eu enxergava ali mulheres libertas, empoderadas, que se amavam e que já não eram mais escravas do mercado da beleza padronizado, imposto e que oprimiu tantas mulheres crespas e cacheadas durante tantos anos até os dias de hoje.

Eu perguntei para Andrea Andressa no que mudou sua vida depois do Baque Mulher, ela respondeu: [...] “que sua vida começou a ter um novo sentido, de acreditar mais nela, a reconhecer seu valor e suas lutas como mãe solo, do quanto foi forte por tudo que já havia acontecido e que ela jamais se permitiria a passar pelas coisas que já tinha passado, o Baque

---

<sup>45</sup> Vide Figura 18 p. 95.



Mulher deu vida a sua vida, resignificou, como na vida de várias outras mulheres da comunidade” [...]. Ela me contou com detalhes as violências que sofreu e falou que nunca mais aconteceria novamente, eu me senti tão grata e me sinto pra sempre, por ela confiar em mim e se abrir e conversar.

Durante todo o segundo dia no Ylê, os trabalhos continuavam e as boas conversas também, eu pude presenciar algo tão bonito da Mestra Joana, seu amor pelos seus filhos do Ylê que lhe permite perceber algo diferente nos semblantes deles. Aconteceu com Thiago o rei da Nação Encanto do Pina, Mestra Joana olhou para Thiago e disse: [...] “o que foi filho? Ta com uma cara tão triste, o que aconteceu?” [...], e o Rei se pôs a chorar, ele botou pra fora imediatamente o que lhe afligia, a Mestra Joana parou o que estava fazendo, puxou uma cadeira, colocou do lado de Thiago e conversaram. Eu vi amor, eu vi acolhida e cuidado, e a cada detalhe eu sentia estar no lugar certo, naquele lugar à beira do mangue, onde eu pude ver as coisas mais ricas e belas que nenhum dinheiro e capaz de comprar.

Conforme o dia se passava ia chegando mais pessoas para ajudar, em especial as meninas, as jovens e adolescentes da comunidade, almoçávamos juntas, cada um que chegasse no barracão com fome, tinha comida, e ajudavam e comia e mais conversas surgiam, e mais relatos e desabafos, e eu com muita atenção guardava e guardo pra mim, com muito respeito as histórias de vidas daquelas mulheres guerreiras.

No dia 22 de fevereiro eu retornei para a comunidade, cheguei ao meio dia e estava muito quente. No Ylê, sede do Baque Mulher e da Nação Encanto do Pina o trabalho continuava a todo vapor, tinha mulheres de outros Estados, das filias do Baque Mulher, homens e mulheres envolvidos no Maracatu que alugam casas pela comunidade para vivenciar e ajudar nessa época em que mais precisa de apoios.

Neste mesmo dia aconteceu o ritual de obrigação com o Divino, um ritual que é feito pelas Nações de Maracatu antes do carnaval para proteção dos filhos do ylê, para saudar os Orixás e outras coisas que vão muito além do que meus olhos poderão enxergar. Foram 15 horas de ritual de obrigação, onde tomam seus banhos de descarrego e cheiro pela Yabá e pela Mestra Joana, foram momentos fortes, juntamente com o Pai da Mestra Pai Marcelo, as mães do Pina, os Ogãs que tocam o Ilú (atabaque, instrumento musical) e os filhos e filhas na gira, dançando e cantando para cada Orixá. No Ritual de Obrigação acontece o abatimento de vários animais: bode, galinha, pato, guiné cada um e em quantidades já certas para cada Orixá.

O relógio apontava 3:00 da madrugada quando o Ritual de Obrigação se encerrou, eu não aguentava ficar de pé, e algumas pessoas ainda iam trabalhar logo cedo, depois de horas e

horas de ritual, dedicadas com seu sagrado, a exaustão era perceptível, algumas pessoas dormiam sentadas, deitadas no sofá da matriarca vó Quixaba, inclusive eu.

Esse processo ritualístico nos remete ao trabalho do Turner (1974), onde ele pesquisou o povo Ndembo no noroeste de Zâmbia na África Central, um povo que segue a linha matrilinear de organização social, e que se comparado ao ritual de obrigação da Nação de Maracatu e seus rituais na vivencia do candomblé podemos sentir algumas semelhanças como: ritos de iniciação, períodos de reclusão (na floresta, para com os Ndembos) , a crença e reverencia aos espíritos ancestrais. Turner (1974, p.15) nos traz a reflexão que a religião se ocupa tão somente extensamente com a natureza imaginativa e emocional de cada povo, pois:

Em matéria de religião, assim como de arte, não há povos “mais simples”, há somente povos com tecnologias mais simples do que as nossas. A vida “imaginativa” e “emocional” do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa.

Apesar de não pretender realizar uma comparação apressada entre esses dois povos tão distantes no tempo e no espaço, destacamos além dos aspectos tão propriamente rituais revelados por Turner e presentes também nas cerimônias das Nações de Maracatu, que mesmo em contextos diferentes cada um com suas finalidades particulares, ambos possuem o sacrifício de animais e o uso de folhas e recursos da natureza para seus rituais.

Assim como os rituais dos Ndembos pesquisado por TURNER (1974), o povo do Candomblé, eles têm noção da função simbólica ou expressiva dos elementos rituais, que também liga o mundo conhecido dos fenômenos sensoriais perceptíveis com o reino desconhecido e invisível das sombras. Eu pude sair da comunidade com outra perspectiva, presenciar o sacrifício pessoal, a luta contra o cansaço daquelas pessoas, que durante o ritual de obrigação pré-carnaval transmitiam tanta amorosidade e irmandade, respeito, devoção, emoção, sorrisos e lágrimas.

A vibração daquelas jovens e anciães, a cada incorporação de cada Orixá e caboclo da Jurema Sagrada. Os Ogãs têm a função do toque, toca o Ilú e de sacrificar os animais junto com as mais velhas. O dia inteiro é de preparação de comidas, sacrifícios, oferendas, defumações, banhos e orações, toques e giras, e depois de tudo finalizado é preciso limpar o ambiente e organizar tudo.

Algumas pessoas dormiam no salão onde aconteceu todo ritual de obrigação, inclusive a Mestra Joana, que por dias não ia na sua casa, que por meio do celular se comunicava para saber de sua bebê que estava aos cuidados de suas filhas do ylê em sua casa. Quando acordei, já tinha gente trabalhando, mulheres, Ogãs e uns que sequer havia dormido ainda. A

perspectiva que tenho e divido aqui, é de que por traz de todo o brilho e cores, performance e alegria que o Maracatu Nação oferece, transmite, existe uma história de suor, sangue, sacrifícios e fé, de uma realidade esquecida ou pouco valorizada, mas que possui uma rede de apoio de pessoas que ajudam a fortalecer, a perspectiva do ser e estar, do fazer parte, por amor e respeito me fez ser e faz, um ser um ser humano melhor e mais grata por tudo que tenho em minha vida. Afinal, como a Mestra Joana diz: [...] “só sabe o que é favela, quem dorme e acorda nela” [...].

Nas minhas idas para a comunidade para Ensaíar com a Nação Encanto do Pina, eu pude presenciar duas adolescentes que caminhavam longa distância para chegar na comunidade e tocar, e ensaiar, e a preocupação da Mestra na volta dessas adolescente, que com cuidado, dava conselho para não vir com vestimentas tão “curtas”, pois ficariam mais vulneráveis a violências, ‘ainda mais vulneráveis’. Eu pude dar carona para essa adolescentes, e deixa-las em um lugar mais próximo de suas casas, e no caminho elas falavam, que valia a pena andar aquilo tudo, o que importava era está lá, e tocar seu agbê, me segurei com os olhos cheios de lágrimas de sentir o quanto significava para elas estarem ali.

Também pude presenciar a vida fora do brilho do Maracatu de algumas moças que tocam e encantam nas Nações do Pina. Erivânia e Maya em especial, Erivânia saiu na capa do jornal Diário de Pernambuco na abertura do carnaval 2019, com seus cabelos trançados de azul, filha de Iemanjá, naquele momento Erivânia era uma estrela, Erivânia abrihantava os caminhos e olhares por onde passava. Eu pude presenciar várias vezes quando fui à comunidade aquela Jovem da capa do jornal, debruçada na banca de jogos onde trabalhava o dia inteiro, na entrada da comunidade, ela sempre estava lá, muitas vezes de cabeça baixa, com sono, mas estava ali em sua labuta diária para sobreviver, uma realidade que muita pouca gente conhece por trás daquela alegria toda nas apresentações com as Nações.

Maia (a filha de Andrea Andressa), que toca desde crianças nas Nações e no Baque Mulher, mais parece uma borboleta levada nos ventos de oyá quando toca seu agbê, encantando a todos a sua volta, é a mesma Maia que me deparei no metrô vendendo água mineral em meio à multidão é a mesma Maria Maia que sofrerá com trabalhos em locais de opressão, mas ninguém sabe, ninguém vê. É esse o perfil de luta dessas mulheres, que através do baque Mulher conhecem outros horizontes e buscam através do Maracatu uma mudança de vida, levam consigo a esperança por dias melhores. E é por essas e outras mulheres que escrevo e registro suas realidades, essa força, luta e poder feminino.

E o mutirão de ajuda continua, e é chegado grande dia, dia 03 de março, tudo deveria estar pronto, a Corte completa, os batuqueiros e batuqueiras preparados para a passarela, era muita movimentação, caminhões que chegavam para levar tudo para a concentração. O Desfile

foi um sucesso, deu tudo certo, eu tive a honra de tocar pela primeira vez com Minha Nação de Maracatu, Maracatu Encanto do Pina, Única Nação que tem uma mulher à frente. A Nação conquistou o segundo lugar do grupo especial do carnaval 2019. Axé.

### 3.3.1 Fotomemória



**Figura 1** - Fundos do Ylê Axé Oxum Deym  
Fonte: Imagem de Acervo Pessoal (2019)



**Figura 2** - Ritual de Obrigação, Ylê Axé Oxum Deym,  
Sede da Nação do Maracatu Encanto do Pina.  
Fonte: Imagem de Acervo Pessoal (2019)



**Figura 3** - Batuqueira da nação estrela brilhante,  
e fundadora do Maracastelo Fonte: Ângela Gaeta,  
Facebook (2019)



**Figura 4** - Batuqueira do Encanto e Luthier  
Fonte: Vanessa Gardim, WhatsApp (2019)



**Figura 5** - Dama do Paço da Nação Encanto do Pina, representando a Orixá Oxum (Yabá Shirlene)

Fonte: Azevedo, Luiza (2019).



**Figura 7** - Yabá Tenily e Mãe Helena

Fonte: Azevedo, Luiza (2019)

**Figura 6** - Dama do Paço Nação Encanto do Pina, representando a Orixá Yemanjá (Mariana Biachi)

Fonte: Azevedo, Luiza (2019).



**Figura 8** - Flávia Batuqueira da Nação Encanto do Pina, Carnaval 2019

Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 10** - Erivânia Maria Agbezeira das Nações do Pina.

Fonte: Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 11**- Mestra Joana e Flávia Diniz Carnaval 2019

Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 9** - Mestra Joana e a Ala dos Agbês Nação Encanto do Pina, Carnaval 2019  
Fonte: Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 12**- Mulheres tocando Alaias, Nação do Maracatu Encanto do Pina, Carnaval 2019.  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 13**- Estandarte Nação Encanto do Pina, 01 de Agosto dia do Maracatu  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 14**- Mestra Joana e as mães do Pina, Yalorixá vó Quixaba, Mãe Helena, Mãe Laura e Mãe Enezia  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 15** - Mestra Joana Carnaval 2019  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 16** - Dona Elda Viana, Rainha da Nação Porto Rico  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 17** - Momentos antes do desfile da Nação do Maracatu Encanto do Pina, Mestra Joana e integrantes  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 18** - Andrea Andressa  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 19** - Dona Célia, Rainha da Nação Encanto do Pina  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 20** - Encontro Nacional Baque Mulher em Sorocaba São Paulo 2018  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 21** – Desfile Oficial Baque Mulher Carnaval 2019  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 22** - Criança do encantinho na passarela, carnaval 2019  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 23** – Meninas da Nação Encanto do Pina, desfile de Agremiações carnaval 2019  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 24** – Crianças do Encantinho do Pina  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 25** – Isabelle Caldas e Maria Maia  
Carnaval 2019  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 26** – Atividade pedagógica com as crianças do Encantinho do Pina  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 27** – Crianças do Encantinho do Pina  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)



**Figura 29** - Integrantes do Baque Mulher no bloco Nem Com Uma Flor, Carnaval 2019.  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)





**Figura 28** - Dama do paço Nação Porto Rico 2018 (Soiane)  
Fonte: João Urban (2018)



**Figura 30** - Primeira e única mulher a frente de uma Nação de Maracatu do Baque Virado, Mestra Joana Cavalcante.  
Fonte: Azevedo, Luiza (2019)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que através desta pesquisa que recorreu aos fatores históricos, sociológicos e antropológicos, foi possível compreender a origem do maracatu nação no Estado de Pernambuco, sua trajetória de desafios e conquistas e seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

Foi possível perceber as modificações ocorridas ao longo do tempo, trazendo novas configurações no maracatu, principalmente a partir dos anos de 1990 quando ele se integra a outros ritmos. O trabalho foi iniciado para se compreender como o Maracatu atua no combate a violência contra a mulher e para analisar as questões de gênero acionadas nas demarcações tradicionais dos espaços e funções entre homens e mulheres, mantendo uma hierarquia de poder desigual onde se limita e inferioriza a mulher, revelando assim, ambiguidades ordenadas pela categoria de gênero no Maracatu Nação.

Essa compreensão com base histórica nos serviu para explicar a conquista, contribuições e importância das mulheres em espaços que antes lhes eram negados, reforçando seu protagonismo no batuque e a ocupação dos espaços de decisões e liderança. Revelando o empoderamento feminino no Maracatu Baque Mulher, mostramos que esse contexto vem se transformando e se reconfigurando a passos lentos e firmes.

Para além da contribuição à disseminação da cultura afro pernambucana e afro-brasileira, a pesquisa procurou visibilizar a trajetória da Mestra Joana D'arc Cavalcante firmando o protagonismo feminino e quebrando a hegemonia masculina à frente do batuque e comando de uma Nação de Maracatu do Baque Virado, indo além e transformando a manifestação em um trabalho social e transformador de vidas, lembrando a importância das Yalorixás, das mães do Pina e suas Rainhas pouco ou nunca citadas nas literaturas e pesquisas sobre o Maracatu Nação.

Finalizo este trabalho confiante de ter lançado à sociedade e Nações, uma oportunidade de conhecer de modo mais completo o importante Movimento Baque Mulher e as Nações do Pina. É com esse sentimento que concluo minhas considerações finais. Axé.

## REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Victor. Mestra Joana: O Maracatu e a inspiradora luta das mulheres da comunidade do Bode. *In: CEERT*, 2019. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/24225/mestra-joana-o-maracatu-e-a-inspiradora-luta-das-mulheres-da-comunidade-do-bode>. Acesso em: 19 jul. 2019.
- ALMA Preta. **Alma Preta / O que é ser negra no Brasil? #11 - Mestra Joana**. 2017. (52s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ASfUduosMy4>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- BENTO, Emanuel. Primeira mulher a comandar uma Nação de Maracatu Baque Virado, Mestra Joana é símbolo da força feminina na cultura popular [...]. *In: Diário Pernambuco*, 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/08/primeira-mulher-a-comandar-uma-nacao-de-maracatu-baque-virado-mestra.html>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- BIANCHI, Mariana. **Relato sobre a questão da menstruação**. Entrevista concedida a Flávia Diniz. 16 jun. 2019.
- BITTAR, Paula. Câmara aprova a criação do Dia Nacional do Maracatu. *In: Câmara dos Deputados*, 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/565528-CAMARA-APROVA-A-CRIACAO-DO-DIA-NACIONAL-DO-MARACATU.html>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- BLAY, Eva Alterman. Violência contra a mulher e políticas públicas. *In: Estudos avançados*, v.17, n.49. São Paulo, set/dez, 2003. Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300006). Acesso: 11 set. 2019.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRASIL. IPHAN/Ministério da Cultura. **1970 a 2000: surge o conceito mais abrangente de bem cultural**. 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3581>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 11 set. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Mapa da violência contra a mulher 2018**. Comissão de defesa dos Direitos da Mulher. Câmara dos Deputados: Brasília, 2018. Disponível: [https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia\\_pagina-cmulher-compactado.pdf](https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf). Acesso em: 11 set. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Inventário Nacional de Referências Culturais – Maracatu Nação**: dossiê. 2014. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE\\_MARACATU\\_NA%C3%87%C3%83O.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf). Acesso em: 11 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3581>. Acesso em: 11 jul. 2019.

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio de. Dados de violência contra a mulher são a evidência da desigualdade de gênero no Brasil. In: **G1**, 2019. Disponível em:  
<https://epoca.globo.com/a-violencia-contra-mulher-no-brasil-em-cinco-graficos-23506457>.  
 Acesso em: 11 jul. 2019.

CALDAS, Isabelle. **Mudanças na noite dos Tambores Silenciosos e Abadia**. Entrevista concedida a Flávia Diniz. 15 jun. 2019.

CARNEIRO, Sueli Mulheres negras violência e pobreza. In: **Diálogos sobre violência doméstica e de gênero**. Plano Nacional [...]. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2003. Disponível:  
[http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/programa-de-prevencao-assistencia-e-combate-a-violencia-contra-a-mulher-plano-nacional/at\\_download/file](http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/programa-de-prevencao-assistencia-e-combate-a-violencia-contra-a-mulher-plano-nacional/at_download/file). Acesso: 11 set. 2019.

CARVALHO, Ernesto Ignácio de; SANDRONI, Carlos. **Diálogo de negros, monólogo de brancos: transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado**. 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2007.

CASTRO, R. Gênero e participação cidadã para o desenvolvimento local: os Conselhos Municipais de Salvador-Bahia. In: **Organizações & Sociedade**, v. 6, n. 16, p. 129-151, 1999. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/22710/genero-e-participacao-cidada-para-o-desenvolvimento-local--os-conselhos-municipais-de-salvador-bahia>. Acesso em: 19 jul. 2019

CNJ Conselho Nacional de Justiça. **Formas de violência contra a mulher**. Disponível em:  
<http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>. Acesso em: 11 set. 2019.

COSTA, Pereira F. **Folk-lore Pernambucano**: subsídios para a história da poesia popular. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.

DINIZ, Aline. Naná Vasconcelos abre Carnaval de Recife: Com 700 batuqueiros e 12 nações de maracatu, percussionista recifense comanda festa no Marco Zero; neste sábado (14), tradicional Galo da Madrugada. In: **O Tempo**, 2015. Disponível em:  
<https://www.otempo.com.br/brasil/nana-vasconcelos-abre-carnaval-de-recife-1.994233>.  
 Acesso em: 11 jul. 2019.

ESCOLA da Cidade. **Mestra Joana**: maracatu, cultura e espaço. 2017. (1h12m36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aBzWl9ab3zk>. Acesso em: 11 jul. 2019.

ESTUDIO Case. **Nana Vasconcelos - Abertura do Carnaval Recife 2016 - Lenine - Sara Tavares**. 2016. (1h4m35s). Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=hhq9rDG1VvU>. Acesso em: 11 jul. 2019.

FECHINE, Dane. Mais de mil inquéritos de violência contra a mulher são instaurados em três meses, na Paraíba: além dos inquéritos instaurados, a polícia civil concedeu 1.133 medidas protetivas para mulheres em 2019. *In: G1 Paraíba*, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/04/21/mais-de-mil-inqueritos-de-violencia-contra-a-mulher-sao-instaurados-em-tres-meses-na-paraiba.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2019.

FERRAZ, Bettina Novaes. Internautas acusam prefeitura do Recife de retirar concurso de agremiações do carnaval. *In: Diário de Pernambuco*, 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/01/internautas-acusam-prefeitura-do-recife-de-retirar-concurso-de-agremia.html>. Acesso em: 11 jul. 2019.

FIGUEREDO, Patrícia Maria; DELLAGNELO, Eloíse Helena Livramento. A gestão das mulheres em organizações não-governamentais. *In: Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*. v. 5, n. 2, maio/ago, 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4417/441742842001.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de; DIAS, Maria da Glória Medeiros. Religião Identidade e Tradição: uma discussão sobre as identidades tradicionais nos Maracatus - Nação de Pernambuco. *In: Anais Eletrônicos do IV Colóquio de História “Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade”*. Luiz C. L. Marques e Newton D. A. Cabral (Orgs.). Recife, 16 a 19 de outubro de 2010. p. 582. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.582.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

FRANCO, Luiza. Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil. *In: BBC News Brasil*, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>. Acesso em: 11 jul. 2019.

GAETA, Ângela. **Fabricação dos tambores**. Entrevista concedida a Flávia Diniz. 20 Jul. 2019.

GARDIM, Vanessa. **Fabricação dos tambores**. Entrevista concedida a Flávia Diniz. 20 Jul. 2019.

GROSSI, Miriam Pillar Novas. Velhas Violências Contra a Mulher no Brasil. *In: Estudos Feministas*. v.2 n. esp. 1994. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/16179-49803-1-PB.pdf>. Acesso: 11 set. 2019.

GUERRA PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. Rio de Janeiro: Irmãos Vilate, 1955.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus nação do Recife. *In: Caderno de estudos Sociais*. v.20. n.1, p. 39-52, Jan/Jun, 2004. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/view/1325>. Acesso em: 11 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Tradições e traduções na cultura popular em Pernambuco: entre a diversidade e a homogeneidade. *In: Cadernos de Estudos Sociais*. v.24, n.2, p.161-172, Jul/Dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1402/0>. Acesso em: 11 jul. 2019.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das Tradições**. Col. Pensamento Crítico, v.55, p. 9-23. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO Update. **Maracatu Encanto do Pina - Emergência Política Periferias**. 2018. (59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufuUqkGvWKk>. Acesso em: 03 jul. 2019.

IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência**: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Secretaria de Segurança - Brasília: Rio de Janeiro, 2019. Disponível: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf). Acesso: 11 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Mulheres negras e mulheres não negras número de homicídios por ano**. De 2007 à 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em: 11 set. 2019.

LEAL, Leonardo Esteves. O Maracatu de Baque Solto e o Estado: Desafios para a Salvaguarda de um "Brinquedo Pesado". In: **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, João Pessoa, 03 e 06 ago. 2016. Disponível em: [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/30rba/admin/files/1466243654\\_ARQUIVO\\_OmaracatudebaquesoltoeEstado-desafiosparaasalvaguardadeumbrinquedopesado.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/30rba/admin/files/1466243654_ARQUIVO_OmaracatudebaquesoltoeEstado-desafiosparaasalvaguardadeumbrinquedopesado.pdf). Acesso em: 30 jul. 2019.

LIBÓRIO, Barbara. A violência contra a mulher no Brasil em cinco gráficos: dados do Ministério da Saúde mostram como aumentaram as notificações de agressões físicas, violência psicológica, estupro marital, assédio no trabalho e uso de armas de fogo. In: **Época**, 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/a-violencia-contra-mulher-no-brasil-em-cinco-graficos-23506457>. Acesso em: 11 jul. 2019.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e a África**: história dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000). f. 420, Tese (Doutorado em História) Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1250.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Práticas e representações em choque: o lugar social dos maracatus na cidade do Recife, nos anos de 1890 a 1930. In: **Clio - Revista de Pesquisa Histórica**, Série: História do Nordeste, n. 21, 2003, p. 85-106. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24845>. Acesso em: 11 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. As Nações de Maracatu e os grupos Percussivos: As fronteiras identitárias. In: **Afro-Ásia**, n.49. Salvador, Jan/Jun 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0002-05912014000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912014000100003). Acesso em: 18 jun. 2019.

LIMA, Patricia Georgia; OLIVEIRA, Jailma Maria; ALBERNAZ, Lady Selma. Maracatus e Bumba-bois: Onde Estão As Mulheres? 2009/2010. In: **Intratextos**, Rio de Janeiro, n. 4(1), p.181-200, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/2097>. Acesso em: 14 mai. 2019.

LINS, Arline. Mulheres ganham mais espaço nos maracatus nação em Pernambuco [...] In: **G1 Pernambuco**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2018/noticia/mulheres-ganham-mais-espaço-nos-maracatus-nacao-em-pernambuco.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2019.

LIPOVETSKY, G. **A Terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: companhia das letras, 2000.

MARACATU Afrobatuque. **Origem e História do Maracatu de Baque Virado**. Disponível em: <http://maracatuafrobatuque.blogspot.com/p/afrobatuque.html>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MELO, Diogo Barreto. **Brincantes do silêncio**: a atuação do Estado Ditatorial no carnaval do Recife (1968-1975). Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco: Recife, 2011. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/4717>. Acesso em: 12 jun. 2019.

MESTRA Joana. Release Curricular de Mestra Joana. Nayara do Agbê (org.) parte 1 e 2. In: **Nação do Maracatu Encanto do Pina**. Disponível em: <http://nacaoencantodopina.maracatu.org.br/release-de-mestra-joana/>. Acesso em: 04 set. 2019.

NEVES, Ighara de Oliveira. ,ALBERNAZ, Lady Selma. Mulheres No Maracatu de Pernambuco: dimensões de gênero, raça e classe social na literatura e nos documentos oficiais. In: **X VIII Conic e Coniti UFPE/CTÇ**, 2010. Disponível em: <https://www.ufpe.br/conic/anais>. Acesso em: 11 jul. 2019.

O POVO na TV Ciro. **Vt periferia maracatu bode**. 2013. (6m31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OwFbjFDJyfs>. Acesso em: 11 jul. 2019.

OLIVEIRA, Ângela da Silva. A cultura popular do Maracatu e sua História na cidade de São Paulo. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH**. São Paulo, Jun. 2001. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300654068\\_ARQUIVO\\_texto.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300654068_ARQUIVO_texto.pdf). Acesso em: 05 jun. 2019.

OLIVEIRA, Jailma Maria de, ALBERNAZ Lady Selma Ferreira. Inventário e Registro de Maracatus Nação em Pernambuco Como Processo Ritual. In: **Anais Reunião Equatorial de Antropologia, Reunião de Antropologia Norte e Nordeste - REA ABANNE**, 2015. p. 1-17. Disponível em: [http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gt30\\_b.php#gt](http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gt30_b.php#gt). Acesso em: 11 jul. 2019.

OLIVEIRA, Jailma Maria de. “...Quem Manda Aqui Sou Eu!” Rainhas coroadas nos Maracatus Nação Pernambucanos: Inversões de papéis e rupturas nos espaços de Poder. In: **REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, v. 4, n. 1, p.132-152, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/230029>. Acesso em: 11 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Os Limites e Tensões de uma Experiência Antropológica no Processo de Inventário Cultural dos Maracatus Nação Pernambucanos. In: **Anais da 29ª Reunião brasileira de Antropologia**, Natal, Agosto 2014. Disponível em:

[http://www.29rba.abant.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=72](http://www.29rba.abant.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=72). Acesso em: 11 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Rainhas, Mestres e Tambores: Gênero, Corpo e Artefatos no Maracatu-Nação Pernambucano**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1001>. Acesso em: 20 mai. 2019.

ONU, ONU Mulheres Brasil. **Destaque laranja Mestra Joana**. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/onumulheresbrasil/photos/a.658655817517182/2060343880681695/?type=3&theater>. Acesso em: 19 jul. 2019.

ORTNER, Sherry B. Está a Mulher para o Homem Assim como a Natureza para a Cultura?. *In: A Mulher, a cultura, a sociedade*. ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. (Coord.) Coleção O Mundo hoje, v. 31. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/282143/mod\\_resource/content/1/ORTNER%2C%20Sherry-Est%C3%A1%20a%20mulher-para-o-homem-assim-como-a-natureza-para-a-cultura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/282143/mod_resource/content/1/ORTNER%2C%20Sherry-Est%C3%A1%20a%20mulher-para-o-homem-assim-como-a-natureza-para-a-cultura.pdf). Acesso em: 08 abr. 2019.

PAIVA, Carlos Eduardo Amaral de; SILVA, Jéssica Helena da. A Tradição Reinventada: Memórias sobre o Pertencimento e o Empoderamento das Mulheres nos Maracatus Nação de Recife. *In: RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. v. 5, maio 2019. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1547/1012>. Acesso em: 08 abr. 2019.

PERNAMBUCO, Governo de Pernambuco. **#AMulherQueEuSou**. 2016. (1m57s). Disponível em: <https://www.facebook.com/governope/videos/962604710482241/>. Acesso em: 11 jul. 2019.

PERROT, Michelle. **As Mulheres e os Silêncios da História**. Bauru: Edusc, 2005.

REAL, Katarina. **O Folclore no carnaval do Recife**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco- Editora Massangana, 1990.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1995.

RITMOS de Pernambuco. **R-PE com Mestra Joana e Lucas Crasto**. 2017. (30m40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=exVdRuzADEk>. Acesso em: 11 jul. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. Disponível em: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/questoes\\_de\\_genero/saffiotti\\_heleieth\\_-\\_o\\_poder\\_do\\_macho.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/questoes_de_genero/saffiotti_heleieth_-_o_poder_do_macho.pdf). Acesso em: 11 jul. 2019.

SANTOS, Mario Ribeiro dos. O sagrado perseguido: intolerância e demonização das práticas religiosas afrobrasileiras no bairro de Afogados - Recife (1930-1940). *In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, jul., 2011. Disponível em:



[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300845060\\_ARQUIVO\\_textocompletoanpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300845060_ARQUIVO_textocompletoanpuh2011.pdf). Acesso em: 11 jul. 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1996.

SEGATTO, Rita Laura. Os percursos de gênero na antropologia e para além dela. *In: Revista Sociedade e Estado*. Brasília, v. XII, n. 2, 1997, p. 235-261. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod\\_dados=1083](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod_dados=1083)>. Acesso em 10 abr. 2019.

SETTE, Mário. **Maxambombas e Maracatus**. 2. ed. Recife: Livraria Universal, 1938.

SILVA, Jéssica Helena da. A Tradição Reinventada: Memórias sobre o Pertencimento e o Empoderamento das Mulheres nos Maracatus Nação de Recife. *In: Anais do XII Encontro Regional Sudeste de História Oral Alteridades em Tempos de In(certeza) escutas sensíveis*, 2017. Disponível em: [http://www.sudeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1508113631\\_ARQUIVO\\_ATradicaoReinventada.pdf](http://www.sudeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1508113631_ARQUIVO_ATradicaoReinventada.pdf). Acesso em: 28 jul. 2019.

SILVA, Leonardo Dantas. A corte dos reis do congo e os maracatus do Recife. *In: Revista Ciência e Trópico*. v.27, n.2, p.363 – 384, Jul/Dez, 1999. Disponível em: [http://www.maracatuteca.com.br/wp-content/uploads/2017/11/a\\_corte\\_dos\\_reis\\_do\\_congo\\_e\\_os\\_maracatus\\_do\\_recife.pdf](http://www.maracatuteca.com.br/wp-content/uploads/2017/11/a_corte_dos_reis_do_congo_e_os_maracatus_do_recife.pdf). Acesso em: 11 jul. 2019.

SOUZA, Larissa Lima de. Interfaces Entre Espaço, Gênero e Maracatu-Nação. *In: Espaço e Cultura*, UERJ, n. 38, p.XX, jul./dez. de 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

TAMBORES de Olokun denuncia: Manifestações culturais sob repressão no Rio de Janeiro. *In: Combate Racismo Ambiental*, 2017. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2017/10/24/tambores-de-olokun-denuncia-manifestacoes-culturais-sob-repressao-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 05 mai. 2019.

**TAMBORES de Olokun**. 2013. (30m16s). Disponível em: <https://www.facebook.com/TamboresDeOlokun/videos/1326616897447607/>. Acesso em: 05 mai. 2019.

TANAKA, Haruê; BARBOSA, Katiuska Lamara dos Santos; OLIVEIRA, Luiza Iolanda Pegado Cortez de. Empoderamento e Performace Musical: Pesquisadoras em um batuque Feminino. *In: Anais (Eletrônicos) do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*, Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=). Acesso em: 13 jun. 2019.

TEIXEIRA, Marcionila. Maracatu Baque Mulher: a voz feminina que ecoa no batuque pernambucano - há 10 anos, Maracatu Baque Mulher, [...]. *In: Diário Pernambuco*, 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2018/07/maracatu-baque-mulher-a-voz-feminina-que-ecoa-no-batuque-pernambucano.html>. Acesso em: 11 jul. 2019.

TI Maracatu. **Maracatu Nação Encanto do Pina 1/2**. 2010. (8m7s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sO4FQ1-zTZg>. Acesso em: 11 jul. 2019.

TURNER, Víctor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861105/mod\\_resource/content/1/Turner\\_Victor\\_O\\_processo\\_ritual\\_Estrutura\\_e\\_antriestrutura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861105/mod_resource/content/1/Turner_Victor_O_processo_ritual_Estrutura_e_antriestrutura.pdf). Acesso: 11 set. 2019.

TV PE. **Mestra Joana do Maracatu Encanto do Pina**. 2013. (2m42s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sO4FQ1-zTZg>. Acesso em: 11 jul. 2019.

VASCONCELOS, Tamar Alessandra Thalez. **As Subjetividades e Feminilidades no Coração Nazareno**: um estudo etnográfico em um maracatu de baque solto feminino de Nazaré da Mata. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/27109/1/DISSERTA%20c3%87%20c3%83O%20Tamar%20Alessandra%20Thalez%20Vasconcelos.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

VERARDI, Cláudia Albuquerque. *Badia: a grande dama do carnaval de Recife*. In: **Pesquisa Escolar Online - Fundação Joaquim Nabuco**, 2017. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1141%3Abadia-a-grande-dama-do-carnaval-de-recife&catid=37%3Aletra-b&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1141%3Abadia-a-grande-dama-do-carnaval-de-recife&catid=37%3Aletra-b&Itemid=1). Acesso em: 11 jul. 2019.

**APÊNDICE A - QUESTIONARIO PARA PARTICIPANTES DO MARACATU BAQUE MULHER- MATRIZ**

- 1- Nome ou apelido (OPCIONAL): Pode ser anônimo\_\_\_\_\_
- 2- Idade:\_\_\_\_\_ anos
- 3- Quem te chamou pra participar do Grupo de Maracatu Baque Mulher?  
\_\_\_\_\_
- 4- Desde quando faz parte do Grupo de Maracatu Baque Mulher?\_\_\_\_\_
- 5- Já conhecia o grupo antes do convite? Se sim, como/de onde?  
\_\_\_\_\_
- 6- O que você faz no Grupo de Maracatu Baque Mulher? \_\_\_\_\_
- 7- Participa de mais algum grupo Grupo de Maracatu ou de carnaval? Qual? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 8- O que você acha mais legal no Grupo de Maracatu Baque Mulher?\_\_\_\_\_
- 9- Participa de outras atividades?(grupo capoeira, de samba, quadrilha junina, ...) Qual?  
\_\_\_\_\_
- 10- Estuda e/ou trabalha?\_\_\_\_\_
- 11- Qual o seu ano na escola, ou em que ano parou?  
\_\_\_\_\_
- 12- Se você trabalha, qual o seu trabalho e com que idade começou a trabalhar?\_\_\_\_\_
- 13- Mora aonde ? ( nome da comunidade ou bairro)  
\_\_\_\_\_
- 14- Quer dizer mais alguma coisa? Fique à vontade  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_